

REVISTA= DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO



BELLO HORIZONTE
ESTADO DE MINAS GERAES
BRASIL

SUMMARIO

Os grandes nomes da pedagogia: D. Bosco. — Os tests applicados ao julgamento das qualidades moraes. — As lições de optimismo nas escolas. — Para despertar, na escola, a iniciativa, o senso da responsabilidade e as attitudes generosas. — *Emilia Truran*: Como devemos iniciar o ensino do desenho. — *Vitória Campos*: Lição de arithmetica. — Os alumnos formando uma pequena tribu indigena. — A educação do sentimento nacional pelo estudo da geographia. — Aula de geometria. — A actividade espirital. — Meios praticos de mal educar as crianças. — Educação physica. — *Guerino Casasanta*: Oxigenio do coração. — *Lucio José dos Santos*: A mentira egoistica. — Disciplina e diligencia. — A jardinagem nas escolas. — O ensino da historia no curso primario. — *Maria Rita Burnett*: Lição de lingua patria. — Exploração do valle do Amazonas num hydroplano. — *Maria Luiza de Almeida Cunha*: Educação da vontade. — *Zelia Rabello*: O ensino da leitura e escripta aos retardados. — *Elvira Brandão*: Algumas palavras sobre a leitura silenciosa. — Presidente Mello Vianna. — *Djalma Andrade*: Escola Maternal. — O Brasil e a conquista do ar. — Aula de hygiene. — Os livros para as nossas creanças. — O escotismo e os escoteiros. — *Aurea Queiroga*: O Estado de Minas Geraes. — O ensino por meio da pintura. — Pela belleza da raça. — Os exercitios sensoriaes. — *Branca de Carvalho Vasconcellos*: O canto nas escolas. — Jardim da infancia. — O ar atmosphérico. — A vingança do Tucano. — A onça e o jaboty. — O que dizem as outras revistas. — *Guerra Junqueiro*: O jantar de bébé. — *Bemvida de Carvalho*: Brasil — Recursos naturaes. — Como a noite appareceu, segundo a lenda tupy. — O mentiroso arrependido.

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO

ANNO II

Bello Horizonte, Julho e Agosto de 1926

NUMS. 16 e 17

OS GRANDES NOMES DA PEDAGOGIA

D. BOSCO

D. João Bosco nasceu a 16 de Agosto de 1815, em Beechi, perto de Castelnuovo d'Asti. A sua mãe, que ficava viuva muito cedo, era uma mulher de grande piedade, cheia do verdadeiro espirito de sacrificio e de trabalho. Com extremas difficuldades, criou ella o seu filho, que se destinou ao sacerdotio.

O J. em presbytero entregou-se dedicadamente á cura d'almas nas prisões. Ensinando e doutrinando jovens criminosos, adquiriu a convicção de que muitos delles, a maior parte talvez, haviam resvalado pela estrada do crime, menos por maldade que por leviandade e ignorancia. Concebeu desde então o desingio de pôr-se a serviço da mocidade, para prevenir-lhe as quedas de preferencia a regeneral-a depois, como tarefa mais útil ao moço e á sociedade.

Inesperado impulso para realisção do seu intento, deu-lhe o conhecimento que travou com um jovem de quinze annos, completamente analfabeto, que foi a pedir-lhe instrução. Começou D. Bosco a ensinar a esse jovem e a outros companheiros que o mesmo lhe foi trazendo. Daí a v-lhes aulas no seu quarto, depois na Igreja e depois ainda em barracões de madeira.

A essa fundação deu elle o nome de Oratorio de S. Francisco de Sales. Estava ali o nucleo de onde devia sair a Congregação Salesiana, fundada por D. Bosco, e cuja regra foi approvada por Pio IX em 1859.

Quando morreu o santo fundador, em 1888, contava a Congregação 250 estabelecimentos de ensino, oratorios, seminarios etc. com 300.000 alumnos, em diversas partes do mundo.

No Estado de Minas, dirigem os Filhos de D. Bosco excellentes estabelecimentos de ensino.

Ensinar é facil; difficil é educar. Para educar é preciso não violar as leis naturaes do desenvolvimento physico e mental da creança. Mas, a educação não pode deixar de ter

um objectivo; ella só pode ser feita em vista de um resultado a obter, de um ideal a attingir.

Em Pedagogia, pois, si a Psychologia infantil é um elemento importantissimo, não pode, entretanto, deixar de haver idéas normativas fundamentaes, de que procedam os meios e methodos. Tudo está em que sejam aquella psychologia bem comprehendida e estas normas bem formuladas.

Admittindo um destino sobrenatural, préza D. Bosco acima de tudo a pratica dos Sacramentos. O Catholicismo encerra já, em si, toda uma Pedagogia. Isso, porém, não basta, porque ha uma outra face da questão, que se não deve nem pode esquecer.

O principio fundamental da pedagogia de D. Bosco é o chamado *systema preventivo*. O educador deve evitar que a creança commeta uma falta, prevenir o mal, velar e admoestar. I. crque? 1.º A creança previamente admoestada não sofre humilhação com a falta commettida nem se irrita contra a reprehensão.

2.º Accontee frequentemente que a uma creança commette uma falta e recebe o castigo, sem ter pensado na primeira e sem haver, portanto, merecido o egundo. Tivesse uma voz amiga a aconselhado aquella creança ou alguém velado sufficientemente sobre ella, e provavelmente não seria commettida a falta.

3.º O methodo de castigos, o systema repressivo pode impedir a desordem, mas não conseguirá com facilidade melhorar os culpados. Facilmente esquece a creança os castigos dos seus

paes, difficilmente os dos seus mestres. O systema preventivo, ao contrario, torna o alumno amigo do educador, porque nelle vê um benfeitor, que o admoesta, que lhe quer bem, que o premune contra o disabor, o castigo e a humilhação. Essa vigilancia, porém, não deve ter o caracter policial, nem admittir a delação, mas exercer-se paternalmente, de modo que jamais se julgue a creança nem vigiada nem abandonada, mas constantemente fortificada contra a falta pela companhia, pelo exemplo, pelo trabalho, pelos exercitios. No systema preventivo, deve o educador conquistar o cora-



ção do seu alumno; conseguido esse resultado, pode obter tudo mais.

No sistema preventivo, a vigilância e os conselhos poem a creança na impossibilidade de commetter a falta. No sistema repressivo, a falta não é impedida; é castigada. A's mais das vezes, o castigo irrita-se contra o castigo e só tem um desejo, o de sacudir o jugo.

Analogo ao sistema de D. Bosco é o de Brownlee, empregado com grande successo nos Estados Unidos, recentemente.

D. Bosco quer para os seus alumnos toda a liberdade. Que brinquem, saíem, gritem e façam tudo que na sua

idade é permitido fazer. Alegria, intensa alegria deve reinar sempre entre elles. Essa alegria sadia é a melhor prova; ella é, ao mesmo tempo, um symptoma e um estimulo do bem.

Taes são, em ligeira synthese, as ideas fundamentais de D. Bosco, em materia de educação. Sobre ellas emitta Lombroso a sua opinião, com estas palavras: Os estabelecimentos salesianos constituem uma força vigorosa e geralmente organizada para a prevenção do crime; são os unicos que existem na Italia.

Os tests applicados ao julgamento das qualidades moraes

Os recentes trabalhos sobre o assumpto.

TEM sido muitas vezes reprovado o methodo dos tests por só se referir ás funções intellectuaes, e não se preoccupar com as qualidades moraes que são consideradas mais importantes, pois para que serve a mais viva intelligencia, si não se applica a acções boas e si não se tem a vontade de fazer os esforços que ella exige?

Si não possuimos ainda bons tests de moralidade e de character, não é que sua importancia não tenha escapado, mas por serem extremamente difficis de elaborar. Falta-nos espaço para entrar aqui no estudo d'esta questão. Desejamos apenas assignalar o seu logar por um ou dois exemplos. Para o resto limitamo-nos a indicar os trabalhos recentes sobre este assumpto. (1).

MENTIRAS A CLASSIFICAR (Descadures)

Trata-se de saber até que ponto a creança é capaz de discernir a gravidade de uma acção má. Dio-se á creança, escriptas cada uma em um papel separado, as seguintes narrações:

(1)—Fernald, The detective delinquent class differencing test, Am. J. of Insanity, abril, 1912. Jacobsen, Ueber die Fernaldsche Methode, Leipzig, 1920. Sander, Die experimentelle Gesinnungsprüfung, Z. angew. Ps. XVII, 1920. Pressey, A group scale for investigating the emotion, J. abn. Ps., abril 1921. Dowrey, Individual Will-temperament test, Int. Carnepie, 1919, etc.

«O problema do ensino no Brasil somente pôde ser resolvido por intensa e vigorosa campanha, em que haja collaboração viva de todas as energias nacionaes». — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

ACTOS DE FURTO A CLASSIFICAR

I—Jacques acha um lapis na classe e toma para si.

II—Jacques tira o lapis de um companheiro em sua carteira.

III—Jacques encontra um lapis na rua e toma para si.

IV—Jacques vê um companheiro deixar cair um lapis. Elle o apanha e toma para si.

V—Jacques, apoderando-se da chave da gaveta de seu companheiro, abre-a e tira um lapis.

Ordem de gravidade: V, II, IV, I, III. — Pela unanimidade dos julgamentos, V foi considerado mais grave que II, e II mais grave que I.

III—João vai apanhar rouxinões. Elle pega um, fura-lhe os olhos e o metta na gaiola.

IV—Um pobre cavallo velho carga com difficuldade de uma carga pesada. João se aproxima e se aproveia de ninguem o estar vendo, para bater no pobre animal.

V—Uma moesa está sobre a mesa. João colloca um copo sobre ella e prende-a por alguns instantes.

A estalagem mostrou que II e V de uma parte, I e IV de outra, são praticamente equivalentes. As classificações obtidas são: III (o mais grave), I, IV, II, V.

Uma creança que perceber a differença entre IV e II dar prova de julgamento moral mais fino que aquelle que se limitar a observar as grandes differenças III—II, III—V.

As lições de optimismo nas escolas

Como a professora pôde provocar no alumno a confiança e o enthusiasmo. E' necessario nunca desiludi-lo da victoria do seu esforço.

A REVISTA americana *Normal Instructor* insere a num dos seus numeros excellente pagina sobre a necessidade, não só para a professora, de fazer florescer, entre os alumnos, uma corajosa e optimista idea da vida, sem receios intuteis e desanimos fataes.

Um grande numero de estudos experimentaes, dentro e fóra dos laboratorios de psychologia, têm provado que uma pessoa de qualquer idade, porém especialmente, joven, estará muito mais apta para resolver os problemas que enfrenta, si tiver confiança em si, do que si acreditar que elles a derrotarão.

A idea da derrota, (os psychologos têm provado e pessoas observadoras têm notado) é desastrosa para quem precisa encargar qualquer situação que exija o uso completo de todas as facultades e poderes.

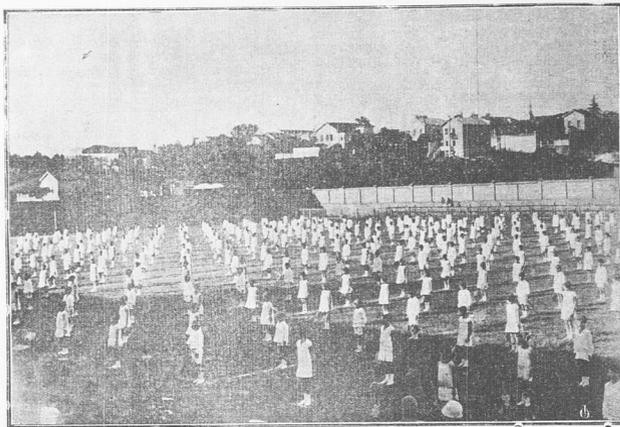
Quem se considera vencido já está vencido. Enquanto a pessoa tem confiança que será bem succedida em luctas de qualquer especie, todas as suas facultades physicas e moraes trabalham juntas, em harmonia, até ao limite de suas forças, atim de alcançar o exito. A creença de que se pôde vencer uma difficuldade de qualquer genero, opera como uma tremenda força impulsora, enquanto, de outro lado, a convicção de que se pôde mallograr, age como um deprimente sobre todo o organismo—iphysico, moral e intellectual.

Far-se-á, neste artigo, uma applicação particular do principio em questão.

Em uma escola que o inspector estava visitando, recentemente, ouviu uma professora ordenar a um alumno que fosse ao quadro negro resolver um problema um tanto complicado. O menino trabalhava na sua larefa, enquanto seus companheiros estudavam outra cousa. Quando terminou, havia um erro na conta. Então, a professora lhe disse: "Não esperava que resolvesse o problema sem commetter algum erro. Você é incapaz de evitar os erros. Estou quasi considerando-o como um caso perdido". O menino foi para o seu logar sem que se dissesse mais nada.

Talvez não haja resultado mal algum deste metho da professora para castigar o alumno; mas há mais probabilidades de que tenha prejudicado o alumno.

Si elle achou que a professora tinha razão e não se offendeu profundamente com o que disse, elle, certamente ficará tolhido, pois a idea de que não pôde trabalhar com correção começa a ficar estabelecida em seu espirito. Não poderia ter-se tornado mais habi, tendo a convicção de que é incapaz de qualquer cousa. Si, ao contrario, tivesse dito consigo mesmo: "Tenho a certeza de que posso ser



EXERCÍCIOS DE GYMNÁSTICA SUECA PELOS ALUNMOS DOS GRUPOS ESCOLARES
«BARÃO DO RIO BRANCO» E «AIFONSO PENNA».

correcto e sei-o-ei, apesar do que a professora disse de mim; sei que posso trabalhar como qualquer outro e hei de consegui-lo»,—neste caso, seria estimulado em vez de abafado. Porém, onde um alumno teria reagido deste modo, quarta e nove succumbiriam à condenação da professora, em vez de resistir e vencer interiormente.

Como deveria proceder a professora para ajudar esse alumno a corrigir-se de seu defeito? Antes de mais nada, não devia ter-lhe sugerido que elle era um caso perdido. Em seguida, não devia ter-lhe dito que esperava que elle errasse; um bom meio de obter-se increação ou mau procedimento, e dizer aos alumnos que se espera isto delles.

A professora devia ter guiado o alumno no seu problema, ponto por ponto, até que o erro fosse focalizado e sua causa descoberta. Então, deveria dizer: "Agora você pode evitar os erros. Na próxima vez, poderá fazer deste modo e não se perturbará. Sei que é capaz de trabalhar direito e estou certa que, de outra vez, mostrar-me-á um trabalho perfeito".

Si a professora soubesse, por experiencia anterior com este alumno, que elle commettera erros porque não se esforçava para evital-os, ou era indiffe-

rente à sua tarefa, ou queria mostrar-lhe que não se importava de proceder bem ou mal, e si ella acrecuisse que o alumno ficaria estimulado com um tratamento rigoroso, então devia infligir-lhe um castigo sufficiente, de modo a obrigar-o a esmerar-se o mais possível; porém, a penalidade deveria ser baseada na affirmação da professora de que o alumno poderia trabalhar com aproveitamento si se applicasse seriamente e, caso não o fizesse, soffreria as consequências.

Deve haver algum methodo melhor de proceder; porém, o ponto principal é que deve ser dada ao alumno a idea de que pode trabalhar até a altura de um modelo e assim deve proceder. A idea de que provavelmente elle ha de errar ou de que é incapaz de fazer tão bem como os outros, deve ser evitada.

Ha situações na escola, nas quaes é possível prejudicar muito os alumnos, fazendo-lhes acreditar que são incapazes ou inferiores. Não no muito tempo, o auctor deste artigo ouviu uma professora criticar um alumno que commettera faltas ao recitar uns versos. Ella disse ao menino que elle não poderia nunca recitar nada direito, porque era "incapaz".

Podia-se esperar que fizesse confusão, porque não tinha "nenhuma intelligencia"? Na realidade,

o alumno errou porque estava embaraçado e confuso, e deste modo, suas faculdades mentaes não funcioaram de modo normal. A declaração da professora de que elle nunca seria bem succedido, contribuiu para fixar no seu espirito a idea de incompetencia, de maneira que, todas as vezes que elle se imaginava naquella situação, via-se errando e então, certamente erraria.

Si se puder observar o que se passa no espirito de uma pessoa na hora em que acredita no seu fracasso, descobrir-se-á que todas as suas ideas e sentimentos se referem ao insuccesso. Naturalmente, só poderá advir um desastre de tal attitude mental. Si a creança, na hora de recitar, pudesse banir a idea de errar e acreditasse que seria capaz de recitar sem fazer uma pausa, merecendo, assim, os applausos de seus companheiros, teria ficado esperançosa e confiante, e seu pensamento e suas capacidades physicas cooperariam para garantir-lhe o exito.

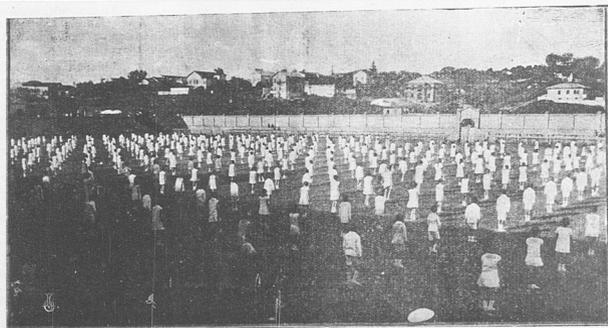
Este assumpto é de suprema importancia em toda escola. Toda psychologia moderna tende a acreditar que o que se faz ou se pôde fazer na idade madura é determinado de um modo mais ou menos vasto pelas experiencias da infancia e da mocidade, mesmo que estas experiencias tenham sido aparentemente esquecidas. Si as ideas de incompetencia, inhabilidade, indignidade e inferioridade forem gravadas na infancia e na mocidade, fatalmente exer-

cerão influencia na vida do adulto. Si pudessemos ver o que se passa na consciencia de um adulto que é tímido, desaxertado, deficiente ou de qualquer modo, delinquento, encontraríamos exemplos operando alli para determinar a presente condição do individuo em harmonia com as ideas e o sentimento a respeito de si proprio estabelecidas na infancia e na mocidade. Que significa isto para a professora? Significa que deve estabelecer na consciencia do alumno a idea de que pôde realizar tudo quanto empreheende tão bem como os outros de sua idade: que não é inferior aos outros no physico, na habilidade, nem em cousa alguma. Porém, o leitor pôde dizer: "Mas alguns alumnos são inferiores aos outros". Sim, porém, tornar-se-ão ainda mais, si forem constantemente lembrados disto.

Não está provado que uma pessoa de poucas qualidades nativas não possa atingir uma alta posição.

Talvez algumas professoras perguntem si é moralmente correcto fazer um alumno acreditar que será bem succedido e que poderá alcançar posição elevada, quando as probabilidades são contra elle; mas parece que se deve dar ao alumno a melhor concepção de si proprio, de modo que use todas as facilidades que possue no seu mais alto grau; e não não deixar de ser mal feito incurrir a idea de inferioridade em qualquer pessoa, especialmente em uma criança que, provavelmente, ficará prejudicada para o resto da vida.

E' de 117 contos de réis a somma total dos auxilios votados em 1926, pelas Comaras Municipaes para as caixas escolares do Estado.



OUTRO ASPECTO DOS EXERCÍCIOS DE GYMNÁSTICA SUECA PELOS ALUNMOS DOS GRUPOS «BARÃO DO RIO BRANCO» E «AIFONSO PENNA», NO STADIUM DO AMERICA.

Para despertar, na escola, a iniciativa, o senso da responsabilidade e as atitudes generosas

Como os alumnos, praticando a bondade para com os animaes, organisam uma serie de projectos, que são, afinal, lições bellas e uteis.

COMO os alumnos da escola mostrassem grande affeição pelos animaes domesticos, a professora resolveu—suggerir-nos esta pagina a revista americana «Normal Instructor and Primarg Plans»—fazer-lhes uma surpresa e, num dia de aula, chegou á escola trazendo grande esta coberta. Quando lançou a tampa surgiram as cabeças de dois coelhos brancos e pelcos.

«Que lindos!», exclamaram as crianças. «São para nós?»

«Sim.»—respondeu a professora. «Como vocês tratam bem dos animaes, trouxe-lhes estes.

Collocou os coelhos no chão, e as crianças começaram a organizar projectos a respeito delles. Rodearam os bichos, fazendo exclamações a respeito de suas habilidades, do modo engraçado de ficarem em pé nas patas trazeiras, de pularem e de se encrocaram como bolas.

Dalhi a pouco, os coelhos foram recolhidos á casa, e as crianças examinaram seriamente o primeiro por bicho, que se apresentou to sua espírio:

Problema 1 — *Que espécie de casa deviam ter os coelhos?*

Jonna lembrou-se logo de um caixote; João ofereceu-se para trazê-lo e assim o fez, nesse mesmo dia.

Os coelhos foram collocados nelle, mas, algum tempo depois, não pareciam tão espertos e felizes como no dia em que chegaram.

As crianças repararam isto e concordaram que os bichos precisavam de mais espaço para brincar. «O caixote está muito escuro»—disseram.

Por isso firam um quadrado cercado de taboas e fôrças para que os coelhos podessem ter mais luz e liberdade. Estes, porém, não se contentaram com isto; pularam por cima da cerca e ficaram andando pela sala toda.

Não p diam, entretanto, ter tanta liberdade. As crianças resolveram, então, collocar-os num tablado

de areia. Foi uma solução acertada sob muitos pontos de vista. Era hygienica, porque a areia podia ser facilmente renovada, a folha de zinco limpa e as crianças podiam distrahir-se observando os coelhos. Contudo, elles não tinham logar bom para dormir.

Pedro trouxe um caixotinho que collocou numa das extremidades do tablado de areia, para servir de casa. Surge agora:

Problema 2 — *Qual é a alimentação de que os coelhos precisam?*

Este problema não podia esperar pela solução do primeiro. Pequena attenção imediata. João sabia que esses bichos comem cenouras, e Maria tinha ouvido dizer que elles gostam de alfalfa.

Problema 3 — *Como e onde arranjar alimento?*

No dia seguinte, muitas crianças trouxeram alfalfa e cenouras para os coelhos.

Joanna contou que, uma vez, ella tinha um que a o seu por ter comido muito legume. «Que é que elles podem comer, então?», perguntou João.

«Aveia», disse Joanna. «Mãe falou que um pouco de aveia e um pouco de legume lhes fará bem.»

«Então vamos comprar aveia», disse João.

As crianças concordaram com isto, mas lembraram-se de que não tinham dinheiro.

«Eu lhes emprestarei», disse a professora.

João accitou, dizendo: «Papai falou que é perfeitamente correcto pedir dinheiro emprestado, quando se tem o cuidado de restituí-lo.»

Com esse dinheiro compraram a aveia num armazem da vizinhança.

Problema 4 — *Como pagar o empréstimo.*

Isto foi resolvido pelo projecto do Concerto de Radio descrito mais adiante.

Problema 5 — *Como alimentar os coelhos regular e sufficientemente, e como supprir-os de agua limpa e fresca.*

As crianças traziam grande quantidade de legumes, mas, irregularmente, de maneira que havia outra dificuldade a vencer. Resolveram nomear uma comissão que se responsabilizasse pela alimentação dos coelhos.

Escolheram João, Joanna e Henrique para servirem na primeira semana e esses ficaram, pois, constituindo a comissão de alimentação.

Serviram cuidadosamente e com regularidade, até serem escolhidos seus successores.

Foi nomeada outra comissão para fornecer uma vasilha rasa e para conserval-a limpa e cheia d'agua fresca, organizando assim a *comissão para dar de beber*, composta de Pedro, Branca e Jerry.

Problema 6 — *Como cuidar da limpeza dos coelhos:*

As crianças verificaram logo que, si quizessem conservar o tablado de areia limpo e livre de mau cheiro, a areia devia ser renovada e o fôrro de zinco lavado.

Para este trabalho foi escolhida uma comissão sanitaria, a chamada *Comissão de Limpeza* — Maria, Henrique e Carlos.

Os membros desta comissão não só cuidaram de suas obrigações, como rivalizaram uns com os outros no cumprimento das mesmas.

Havia palestras frequentes para estimular o senso da responsabilidade no cumprimento dos deveres, e nellas elogiavam-se os que trabalhavam bem.

Problema 7 — *Procurar um nome adequado para cada coelho e que fosse do agrado das crianças.*

Para resolver este problema, foram suggeridos, votados e escriptos no quadro negro os seguintes nomes:

• Para um dos coelhos — Bola de neve, Saltador, Veloz.

Para outro: Orelha comprida, Rabo de algodão, Arlequin.

Problema 8 — *Como dividir esse prazer entre todos as crianças.*

Elas apreciaram tanto os coelhos que resolveram mostrar-os aos outros meninos, e lembraram-se de convidar os alumnos do Jardim da Infancia para vel-os.

Escreveram e mandaram para elles uma carta nesse sentido e os outros responderam agradecendo e accediendo ao convite.

E o dia da visita foi um dia de alegria para todos.

Resumo

Em resumo, surgiram neste projecto e foram resolvidos os seguintes problemas:

Problema 1—Como arranjar uma habitação adequada aos coelhos.

Problema 2—Qual o alimento de que elles precisam?

Problema 3—Como e onde arranjar alimento.

Problema 4—Como pagar o empréstimo.

Problema 5—Como regular a alimentação dos coelhos.

Problema 6—Como conservar limpa a sua morada.

Problema 7—Escolher nomes para os coelhos.

Problema 8—Como dividir o divertimento entre todos.

Os assumptos tratados neste projecto foram:

1—O plano da habitação para os coelhos.

2—Discussão sobre sua alimentação.

3—Sobre hygiene.

4—Sobre o meio de arranjar o dinheiro necessario.

5—Procura de nomes para os coelhos.

6—Escolha das commissões.

7—Deveres impostos a cada commissão.

8—Convites aos alumnos do Jardim da Infancia.

O trabalho manual que este projecto proporcionou:

1—Fazer a casa para os coelhos.

2—Pôr etiquetas nas caixas dos alimentos.

3—Fazer cadernos de notas sobre elles.

Como resultado, este projecto procura desenvolver os seguintes habitos e attitudes:

1—Diligencia em cuidar dos coelhos.

2—Regularidade em fazer-o.

3—Habitto de resolver a criança as suas proprias dificuldades.

4—Desenvolvimento do senso da responsabilidade.

5—Cooperação mutua.

6—Bondade e consideração para com os animaes domesticos.

7—Respeito pela habilidade mostrada pelos companheiros.

8—Altruismo, com a divisão do prazer com os collegas.

O PROJECTO DE CONCERTO DE RADIO

As crianças suggeriram, pois, como vimos, muitos meios de obter dinheiro para pagar o empréstimo feito para a compra do alimento dos co-



ALIMENTANDO OS COELHOS



CRIANÇAS OBSERVANDO OS COELHOS



O RADIO FEITO PEIAS CRIANÇAS

lhos. F. nante, propuzeram um concerto de Radio. Esta i é a que aceita prontamente por causa do interesse geral que ha pelo assumpto, agora tão palpitante.

Os problemas que tiveram então de resolver foram estes:

Problema 1—Como construir o radio?

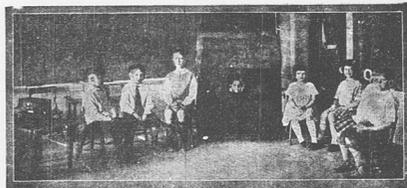
A discussão deu como resultado construir em uma estação de irradiação com uma caixa de papelão vazia e um rôlo de papel grosso. As antenas foram feitas com dois paus em cruz e um arame.

Problema 2—Como obter os aparelhos para ouvir.

Estes foram feitos com círculos cortados no papel de desenho e ligados com um barbante.

Fixaram um aparelho para cada criança.

Problema 3 — Quanto deviam cobrar para cobrir a vida?



OUVINDO O CONCERTO DE RADIO

Concordaram que um tostão de entrada seria o suficiente e prepararam bilhetes assim:

Concerto de Radio—1.º de Julho, 1926—Entrada: \$100.

Problema 4—Como organizar o programma?

As crianças escolleram algumas cousas que tinham apprendido em aulas com os recitativos, cançõnetas e historias e escreveram o programma no quadro negro.

Problema 5—Como annunciar o concerto?

As crianças se exercitaram escrevendo muitas vezes:

Concerto de Radio em beneficio dos coelhos —\$100 a entrada.

E os que tinham letra melhor fixaram os cartazes.

No dia 1.º de julho, todas as crianças pagaram um tostão á hora da entrada e receberam um aparelho para ouvir.

Logo que se sentaram o programma foi executado com satisfação geral e, com este brinquedo, aprenderam muitas cousas uteis.

«Não deve ser fríio o trabalho dos inspectores regionaes do ensino. Com entusiasmo, o inspector realisa obra de levantamento da sua propria missão e, em vez de deixar a impressão de que é pequena ou apagada a sua tarefa, dá-lhe ao contrario linhas luminosas, tornando-a mais alta e mais nobre».

Como devemos iniciar o ensino do desenho

Desenho espontaneo, livre e de imaginação.

EMILIA TRURAN

PRIMEIRO E SEGUNDO ANNOS

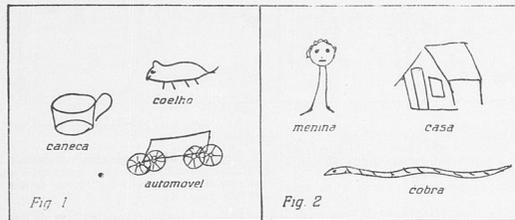
No fim de alguns minutos e-tarão com o papel cheio (Fig. 1 e 2).

DEVEMOS iniciar o ensino de desenho, aproveitando a aptidão natural das crianças para a representação gráfica dos objectos que as cercam e as interessam.

A principio farão umas garatujas, assim como na aula de linguagem as suas phrases são simples, ingenuas e erradas, o que é muito natural.

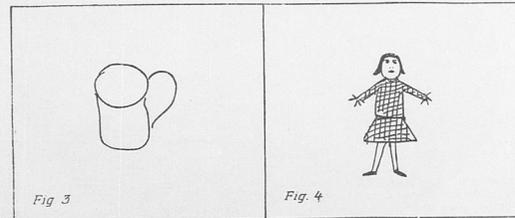
Perguntará então, a professora, o que tentaram representar, escrevendo em baixo as respostas.

A professora anotarà ao lado os erros mais graves e si o alumno nos exercicios seguintes apresentar os mesmos erros, deverá mostrarlhe o objecto para que elle proprio o corrija.



Revelam n'aquelles simples rabiscos a capacidade de observação e criação, o que muito contribuirá para o professor conuzil: s n'essa disciplina tão util á vida.

Na fig. 1, por exemplo, a criança desenhou as partes invisiveis do automovel e da caneca. Si nos exercicios successivos commeter o mesmo erro, desenhando o que não vê, a professora, apresentan-



Nas primeiras aulas, deverá deixar os alumnos em plena liberdade para desenharem o que quiserem.

do uma caneca perguntará: Você está vendo todas as partes da caneca? — Estou.

— Vou passar o dedo mínimo em todas as linhas. Quando não enxergar a ponta do dedo avise-me.

— Não estou vendo.

— Pois bem. Vae prestar atenção até que o veja de novo.

— Pronto, estou vendo.

— Então, não vê esta parte, logo não pôde desenhá-la, não é verdade?

manhã em sua casa, uma aula de gymnastica, um brinqueado com os companheiros, etc. (Figs. 5 e 6).

Com estes exercícos ficará a professora a par das necessidades dos alumnos, que, ingenuamente, fazem a representação do que se passa em casa.

Pela fig. 5, por exemplo, a professora pode fazer um juízo sobre as condições materiais do alumno.

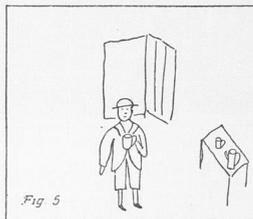


Fig. 5

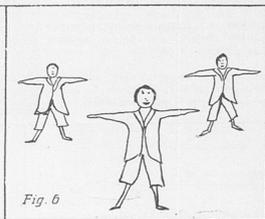


Fig. 6

— E' mesmo.
— Agora, desenhe uma caneca perfeita.

Na fig. 2, o alumno não observou as partes da figura humana; a professora chamará um dos collegas para modelo.

— Esqueci-me de desenhar o corpo e os braços.

— Muito bem! Esqueceu-se do tronco e dos braços. Faça então um novo desenho. (Fig. 3 e 4).



Fig. 7



Fig. 8

Apesar de ainda ter observações a fazer nas figuras 3 e 4, convem deixar de as fazer, pelo menos durante algum tempo, para que o alumno não desanime, julgando-se sem jeito como até aqui tem acontecido.

A professora dará também aos alumnos liberdade de representar qualquer scena que lhes seja commum, como, por exemplo: o movimento pela

Não devemos, nem podemos exigir da criança, perfeição.

Depois de alguns exercícos a professora contará uma pequena historia e a que o assumpto seja concreto, e mandará que as crianças façam a representação graphica.

Para o 1.º anno as historietas devem ser de 2 e 3 scenas e as do 2.º de 2 a 4. (Fig. 7 e 8).

OBSERVAÇÃO NATURAL

Nos exercícos anteriores tivemos occasião de fazer algumas observações.

Apresentemos agora um objecto, por exemplo: uma laranja até que as crianças tenham conhecimento de sua forma, em seguida a occultemos para que a reproduzam de memoria. (Fig. 9, 10 e 11).

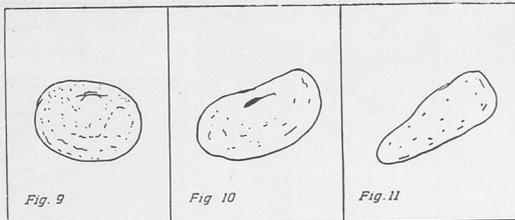


Fig. 9

Fig. 10

Fig. 11

Para o 2.º anno dá-se o tempo necessario para que a reproduzam, depois será apresentada novamente para que notem as de'ormações, de accordo com as observações feitas no 1.º anno.

Como acontece com as outras disciplinas, alguns terão reproduzido regularmente, outros com algumas de'ormações e outros completamente de'ormados. Isto dá devido á capacidade de attenção, vontade, mentalidade e idade de cada um.

Para com os primeiros devemos ter palavras de elogios, para os segundos também e finalmente para os terceiros algumas palavras de animação; lhes farão muito bem.

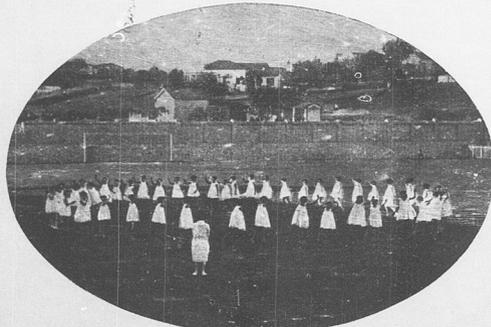
As melhores formas, isto é, as que devem ser apresentadas em 1.º lugar são: esphéricas, ovoides, elipsoides, conicas, cylindricas ou suas variações.

Não devem ser apresentadas como modelos figuras geometricas de papelão, mas sim formas vivas ou manufacturadas.

Poderão em seguida colorir os desenhos feitos.

NOTA.—Com o ensino de desenho obteremos um poderoso auxilio em todas as disciplinas.

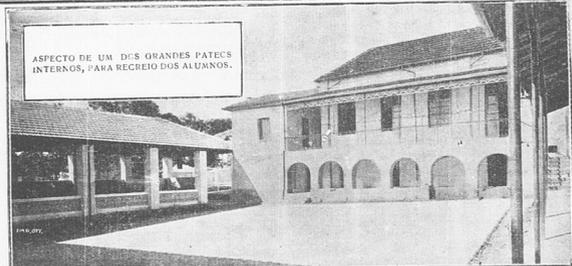
A professora não deve desenhá-lo no quadro, mas si o fizer deverá logo apagar.



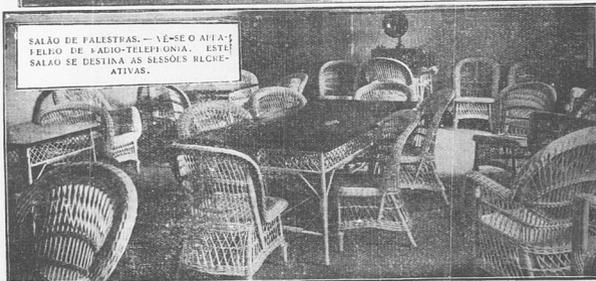
BELLO INSTANTANEO DA FESTA REALIZADA NO STADIUM DO AMERICA PELOS GRUPOS «AFFONSO PENNA» E «BARÃO DO RIO BRANCO»



INSTITUTO DE CEGOS
FACHADA DO EDIFÍCIO, À RUA QUARANTA, ESCURIA TUPINAMBÁS, NA CAPITAL.



ASPECTO DE UM DOS GRANDES PÁTIOS INTERNOS, PARA RECREIO DOS ALUNOS.



SALÃO DE FALSTRAS. — VÊ-SE O APARELHO DE RADIO-TELEFONIA. ESTE SALÃO SE DESTINA ÀS SESSÕES RECREATIVAS.

Lição de arithmetica

Como se ensina essa disciplina, prestando a atenção da creança.

VITALIA CAMPOS

Exercícios de divisão oral, sobre quantidades concretas, entrando noções sobre as frações

$$\frac{1}{2}, \frac{1}{3}, \frac{1}{4}, \frac{1}{5} \text{ etc. até } \frac{1}{10}$$

(DO PROGRAMA DO 2.º ANNO)

A FRENTE da classe, a professora collocará o 1.º quadro destinado ao ensino intuitivo da Arithmetica, da collecção de quadros organizados pelos professores: Arnaldo de Oliveira Barreto, Marianno de Oliveira e Ramon Roca Jordal.

P—Vamos conversar um pouco sobre o que vêem naquella folha.—Está vendo alguma coisa, Amelia?

A—Estou, sim, senhora.

P—Que vê você?

A—Vejo charutos. (2)

P—ão todos do mesmo tamanho?

A—Não, senhora.

P—Quantos charutos grandes ha ali, Eurico?

A—Ha tres charutos grandes.

P—Estão todos inteiros ou ha algum partido?

A—Ha um partido.

P—Em quantos pedaços está partido um dos charutos grandes Pedro?

A—Está partido em tres pedaços.

P—Esses pedaços, Mario, são todos do mesmo tamanho?

A—Não, Senhora.

P—Como posso falar então? Posso dizer que o charuto está dividido em tres partes iguaes?

A—Não, senhora. Pode falar que está partido em tres pedaços desiguaes.

P—Muito bem. E os outros charutos, Niconor, estão inteiros ou partidos?

A—Estão inteiros.

P—Observe agora o que lhes vou mostrar (virando a folha verso do quadro XXIV). Está aqui uma laranja. Reparem quantos traços pretos estão dividindo a laranja.

(*Sigmas da classe*)

Fale, ctavio.

A—Estou vendo cinco traços.

P—Em quantas partes iguaes ou desiguaes, elles dividem a laranja?

A—Dividem a laranja em cinco partes iguaes.

P—Por que são iguaes?

A—Porque são todos do mesmo tamanho.

P—E' isto mesmo. O charuto está dividido em partes desiguaes; mas a laranja, não. As partes são todas do mesmo tamanho, são todas iguaes.

E você André, está vendo os cinco pedaços iguaes dentro do pratinho?

A—Estou, sim, senhora.

P—E, dentro dos outros pratinhos, quantos pedaços iguaes da laranja está vendo?

A—Estou vendo quatro pedaços iguaes num prato e tres, em outro.

P—Pois bem. São todos pedaços desta laranja (mostra). Si você ajuntar esses cinco pedaços (mostra) que é que você terá, José?

A—Terei a laranja toda.

P—Muito bem. E si você reunir os tres pedaços iguaes, Eugenio, quantos faltam para ter a laranja inteira?

A—Faltam dois pedaços.

P—E si você ajuntar os quatro pedaços iguaes, Alvaro, quantos faltam para ter a laranja toda,?

A—Falta um pedaço.

P—Muito bem. A cada um destes pedaços (mostra) você's darão o nome de quinta parte da laranja. De sorte que aqui (mostra cada parte) está uma quinta parte da laranja; aqui, outra quinta parte da laranja; aqui, outra; aqui, outra.

Vocês, até então, conheciam quinta parte des cousas ou objectos inteiros. Agora vão ficar sabendo que, si dividirmos um objecto ou uma coisa só, qualquer, em partes iguaes, cada parte é pedaco e se chama fracção. O objecto ou a coisa dividido em partes iguaes tem o nome de unidade. Assim, no nosso, caso, qual será a unidade, Francisca.

A—E'.

P—Qual é a coisa que se vê alli partida em cinco pedaços iguaes.

A—E' a laranja.

P—Pois então! Qual é a unidade, no nosso caso!

A—E' a laranja.

P—E' isto mesmo. E cada pedaco que nome recebe?

A—Cada pedaco recebe o nome de fracção.

(Deve o professor escever, no quadro, a palavra fracção, affirm de que o alumno a pronuncie bem e aprenda a sua graphia)

P—Então, Arthur, o que é fracção?

* Aproveite o professor a oportunidade e dê aos alumnos uma aula de moral, conversando com elles sobre o fumo e suas terriveis consequências no organismo.

A—(Sem saber responder)

P—E' uma coisa inteira?

A—Não, senhora.

P—Si não é inteira, que é então?

A—E' um pedaço.

P—Diga-me então, agora, o que é fracção.

A—Fracção é um pedaço

P—Perfeitamente. Fracção é um pedaço, mas é um pedaço qualquer? Compare o pedaço da laranja com o do charuto. Ambos são pedaços. E eu posso falar que um daquelles pedaços é uma fracção do charuto?

A—Não, senhora.

P—Por que?

A—Porque os pedaços do charuto não são eguaes.

P—Muito bem. Ganhou dez na sua resposta. Para ser fracção é preciso que os pedaços do objecto ou da coisa dividida sejam todos iguaes.

Bem. Como se chama cada parte da laranja, si ella está dividida em cinco partes eguaes? Diga, Celia.

A—Chama-se um quinto.

P—De sorte que cada pedaço que vocês vêm aqui (mostra) é uma fracção da laranja ou um quinto da laranja.

Vou escrever um quinto, para vocês verem, no quadro (dirigindo-se para este e não se esquecendo de dar l' o traço de fracção, para depois escrever os termos da mesma)

$$\frac{1}{5}$$

Vamos vêr quantos pedaços ou quantos quintos da laranja estão neste prato (aponta para o prato dos tres pedaços). Fale, Elzira.

A—Estão ahí tres quintos.

P—Quantos pedaços ou quantos quintos faltam para se formar a laranja toda?

A—(Respondendo, sem a menor hesitação, porque estão á vista os pedaços em que se divide a laranja, em outro prato). Faltam dois quintos.

P—Vae escrever dois quintos no quadro

A—(Com o giz na mão, sem saber o que deve escrever).

P—Dê primeiro um tracinho oem feito, para separar os numeros que você vae escrever.

(O alumno obedece).

Quantos pedaços você vê nest: prato? (mostra o de tres pedaços).

A—Vejo tres pedaços.

P—Então, escreva, acima do traço feito, o n.º de pedaços vistos por você.

(Depois de executado a ordem).

A laranja toda quantos pedaços iguaes tem?

A—Tem cinco pedaços iguaes.

P—Escreva agora esse n.º, abaixo do traço e leia o que escreveu.

A—Tres quintos.

P—Mostre-me o prato, onde se acham quatro quintos.

A—(Apontando para o prato de quatro pedaços).

P—Escreva quatro quintos no quadro, não se esquecendo de dar primeiro o traço de separação dos dois numeros da fracção.

(O alumno obedece).

P—Pode assentar-se.

Essa observação tem por fim evitar que, mais tarde, ao effectuar as operações sobre fracções, o alumno dê os traços de separação dos termos fraccionarios, sem considerarem com os signaes de equalidade, de somma, de subtracção, etc.

P—Você tendo $\frac{4}{5}$ de laranja, quantos faltam para ter a laranja toda, Lúcia?

A—Falta... (suppondo-se um alumno que pouco ou mesmo nada aproveitou da explicação).

P—Vae mostrar-me o pratinho, onde cinco pedaços iguaes ou $\frac{5}{5}$.

(A alumna obedece).

P—Como se chama cada um desses pedaços?

A—Chama-se um quinto.

P—Mostre-me agora o pratinho de quatro pedaços iguaes ou $\frac{4}{5}$.

(A alumna obedece). 120

P—Si você ajuntar os cinco pedaços iguaes ou os $\frac{5}{5}$ que é que você terá?

A—Terá a laranja toda.

P—E si você reunir estes quatro pedaços iguaes (mostra), quantos pedaços ficam faltando para ter a laranja toda?

A—Falta um pedaço.

P—E' isto mesmo. Faltava um pedaço; mas essa pedaço você já o baptizou com o nome de que?

A—De um quinto.

P—Logo você tendo $\frac{4}{5}$ de laranja, quantos quintos lhe faltam para ter a laranja toda?

A—Falta-me $\frac{1}{5}$.

P—Muito bem. Pode assentar-se.

Vai a Annita mostrar-me outra laranja dividida em seis partes iguaes pelas riscas pretas.

A—(Mostrando a primeira laranja do quadro 2, da mesma folha). E' esta.

P—Mostre, contando, as partes iguaes dessa laranja.

A—Uma, duas, tres, quatro, cinco, e seis.

P—O que?

A—Partes da laranja.

P—E' isto mesmo. Mas fale: seis partes iguaes da laranja.

(O alumno repete a phrase).

Vamos vêr quem se recorda das lições passadas:

Quando dividimos as cousas ou os objectos em seis partes iguaes, cada parte que nome tem, Eurico?

A—Cada parte tem o nome de sexta parte.

P—Pois bem. A laranja está dividida em seis partes iguaes. Que nome deverá receber cada parte?

A—Cada parte deverá receber o nome de sexta parte tambem.

P—Perfeitamente. Recebe o nome de sexta parte ou um sexto.

Como vêm, os pedaços iguaes recebem o mesmo nome das partes iguaes em que se dividem as cousas ou os objectos. O nome de cada pedaço depende apenas do numero de pedaços iguaes em que se divide uma coisa ou um objecto qualquer.

Vai escrever $\frac{1}{6}$ no quadro e pode assentar-se.

(O alumno obedece).

P—Vamos suppor que a laranja dividida em seis pedaços iguaes estejam em suas mãos e que você tire $\frac{2}{6}$ para um dos seus collegos. Quantos pedaços ou quantos sextos ainda ficam para você?

A—Fico com $\frac{4}{6}$.

P—E, si dos $\frac{6}{6}$ ou da laranja toda, eu tirar tres pedaços ou $\frac{3}{6}$, quantos ficam?

A—Ficam $\frac{3}{6}$.

P—E' isto mesmo. Observem todos que parte da laranja eu posso formar com $\frac{3}{6}$ ou os tres pedaços eguaes.

(Signas da classe), Fale, Ondina.

A—Os tres pedaços iguaes formam a metade da laranja.

P—Está certo. Mas, em vez de você falar pedaços iguaes, poderá falar de outro modo. Qual é?

A—Tres sextos.

P—Perfeitamente. Então, Antonio, si eu lhe der a metade de uma laranja e a João, tres sextos da mesma laranja, quem receberá maior porção?

A—E' a mesma coisa.

P—E' isto mesmo. Cada um recebeu a mesma porção da laranja.

Vae a Ambrosina mostrar-me as laranjas que estão riscadas ao meio, naquelle mesmo quadro.

(A alumna obedece).

P—As partes dessas laranjas que nome recebem?

A—Recebem o nome de meio.

P—Si eu passar um traço preto (mostrando com o lapis o que deseja fazer) pelo meio deste traço da laranja, em sentido vertical, cada laranja quantos pedaços teria? Fale, Maura.

A—Cada laranja teria quatro pedaços.

P—Enão a laranja ficaria dividida em quatro pedaços iguaes. Que nome receberá cada pedaço, Belinha?

A—Cada parte receberia o nome de um quarto.

O alumno responde sem a menor hesitação, desde que tenha assimilado bem as lições anteriores, de que depende esta, com a differença apenas de não se tratar agora de numeros inteiros.

P—E si a laranja fosse dividida em sete pedaços eguaes? Como se chamaria cada parte?

A—Cada parte teria o nome de setima parte ou $\frac{1}{7}$ da laranja.

P—E si a divididissimos em oito pedaços iguaes, que nome receberia cada pedaço?

A—Cada pedaço receberia o nome de oitava parte ou $\frac{1}{8}$ da laranja.

P—Si fosse dividida em nove partes iguaes?

A—Cada parte era $\frac{1}{9}$ da laranja.

P—E si a divisão da laranja fuisse em dez pedaços iguaes, que nome teria cada pedaço?

A—Cada pedaço teria o nome de $\frac{1}{10}$ da laranja.

P—Perfeitamente. Agora vão dar nome a cada pedaço deste quadro (aponta para o quadro 4, da mesma folha).

Que nome você dá a este pedaço, Joel? Mostra o pedaço que representa $\frac{1}{2}$.



UMA POSIÇÃO DE GYMNASTICA SUICA PELOS ALUNMOS DOS GRUPOS ESCOLARES «BARÃO DO RIO BRANCO» E «AÇOROS PENNAN».

A—Um meio.

P—Escreva, no quadro, um meio.

(O aluno obedece).

E a estes dois pedaços (mostra) que estão á direita do pedaço denominado meio, Jorge?

A...
P—Observe bem que você responde. Veja: você ajuntando estes dois pedaços (mostra os dois pedaços (mostra os dois quartos) que é que você tem?

A—Um meio.

P—Muito bem. De quantos meios de laranja você precisa para formar uma inteira?

A—Preciso de dois meios.

P—Cada meio quantos pedaços deste (mostra $\frac{1}{4}$) tem?

A—Tem dois pedaços.

P—Então quantos pedaços deste (mostra $\frac{1}{4}$) você precisa para formar a laranja inteira?

A—Preciso de quatro pedaços.

P—Que nome você deve dar a cada pedaço, si você já sabe que a laranja está dividida em quatro partes iguaes?

A—Cada pedaço tem o nome de $\frac{1}{4}$.

P—Então quantos quartos vê ahí?

A—Vejo $\frac{4}{4}$.

P—Escreva $\frac{2}{4}$ no quadro.

(O aluno executa a ordem).

P—Vamos observar as fracções escritas, no quadro, começando pela que Jorge escreveu. O n. que elle escreveu primeiro nos conta que elle viu dois pedaços iguaes da laranja e o que escreveu depois, que a laranja estava dividida em quatro partes iguaes.

Não é isto mesmo, Paulo?

A—E', sim, senhora.

P—E as outras fracções que estão no quadro, tambem nos mostram o n. de pedaços iguaes da laranja e as partes em que ella está dividida, Olga?

A—Mostram, sim, senhora.

P—Então vocês poderão agora descobrir, pela fracção, que eu escrever no quadro, em quantos pedaços iguaes uma cousa ou um objecto foi dividido e o n. de pedaços iguaes separados ou tomados. Assim: Vou escrever quatro setimos de uma maçã. (Depois de fazelo, no quadro) Quem saberá dizer-me qual é a unidade nesse caso, em quantas partes iguaes ella está dividida e quantas partes ou quantos pedaços iguaes foram tomados, sem vê-la.

(Signaes da classe).

Fale, Arthur.

A—A unidade é a maçã.

P—Fale em quantas partes iguaes ella foi dividida e quantos pedaços iguaes se tomaram della.

A—Ella foi dividida em sete partes iguaes e foram tomadas quatro dessas partes.

P—Porque você disse que a maçã tem sete partes iguaes, se você não a viu?

A—Porque esse numero debaixo do quadro é sete.

P—Muito bem. E quantos pedaços iguaes foram separados, Altina?

A—Foram separados quatro pedaços iguaes.

P—Quem lhe coniou isto? Você não está vendo os pedaços...?

A—Porque é quatro o numero que está escrito, acima de sete.

P—E' isto mesmo. Vocês vêm então que os proprios numeros da fracção nos falam qual é o n. de pedaços iguaes em que foi dividida qualquer cousa — a unidade — e quantos pedaços se tomaram ou se separaram dessa unidade.

Pois bem. Ao numero que nos conta quantos pedaços iguaes foram tomados da unidade, vocês darão o nome de numerador; ao que nos diz o numero de pedaços iguaes em que a cousa, o objecto ou a unidade, como devem falar, foi dividida — denominador.

(Escrevam-se as duas palavras, no quadro.)

Vocês agora vão ler os numeradores e os denominadores das fracções que eu escrever no quadro. (Dirigindo-se para-este)

$\frac{3}{8}$, $\frac{4}{9}$, $\frac{2}{10}$.

Leia os numeradores, Eulina.

A—Tres quatro, dois.

P—Leia os denominadores, Alvarina.

A—Oito, nove, dez.

P—Leia a 1.ª fracção, Francisco.

A—Tres oitavos.

P—Quantos pedaços iguaes são tres oitavos?

A—São tres pedaços iguaes.

P—Em quantos pedaços iguaes a unidade foi dividida nesse caso?

A—Em oito partes iguaes.

P—Então, você tem três oitavos, quantos pedaços ou quantos oitavos faltam para ter a unidade inteira?

A—Faltam cinco oitavos.

P—Por que?

A—Porque o objecto inteiro tem oito pedaços iguaes. Eu já tenho tres; para oito, faltam cinco.

P—Muito bem. Leia a 2.ª fracção, Rosa.

A—Quatro nonos.

P—Quantos pedaços iguaes são quatro nonos.

A—São quatro pedaços iguaes.

P—E a unidade toda quantos pedaços iguaes tem?

A—Tem nove pedaços iguaes.

P—Como se chama cada um desses pedaços?

A—Chama-se um nono.

P—Então, você, tendo quatro nonos de uma pera, quantos nonos faltam para ter a pera inteira?

A—Falta cinco nonos.

P—Diga: Faltam-me cinco nonos.

Leia a 3.ª fracção, Joaquim.

A—Dois decimos.

P—Que quer dizer isto? Sem nenhum lhe falar, você saberá dizer em quantos pedaços iguaes a unidade foi dividida e quantos pedaços iguaes esta fracção representa?

A—Sei, sim, senhora.

P—Então fale.

A—Dois decimos são dois pedaços iguaes.

P—Sim. Falou-se quantos pedaços foram tomados da unidade; mas não fiamos sabendo em quantos pedaços iguaes essa unidade foi dividida.

A—Em dez pedaços iguaes.

P—E' isto mesmo; mas diga tudo de uma vez.

A—Dois decimos são dois pedaços iguaes. A unidade toda tem dez pedaços iguaes.

P—Si você comprar $\frac{2}{10}$ de queijo, quantos decimos lhe faltam para você ficar com o queijo todo?

A—Faltam-me oito decimos.

P—E' mais ou menos queijo do que tem você?

A—E' mais.

P—Porque?

A—Porque dois decimos são dois pedaços iguaes e oito decimos são oito pedaços iguaes.

P—Si cada decimo de queijo custa \$300, quanto deverá custar o queijo todo?

A—O queijo todo custará \$3000.

P—Por que?

A—(Sem saber da explicação)

P—Si um decimo custa \$300, $\frac{2}{10}$ custarão mais ou menos?

A—Mais.

P—Quantas vezes mais?

A—Duas vezes mais.

P—E tres decimos?

A—Tres vezes mais.

P—E dez decimos?

A—Dez vezes mais.

P—Ou \$500 < 10 = \$3000 (fazendo a indicação, no quadro).

No dia seguinte, para reforçar os conhecimentos dados, o professor mandará que classifiquem os outros pedaços de laranja, da mesma folha da lição, deixando que os alumnos, por si mesmos, descubram o nome que deverão dar a este ou aquella pedaço. Deverá o professor apenas guiar a observação e o raciocinio de seus alumnos.

Em seguida, fará applicação do que ensinou em problemas oraes, mais ou menos como os que se seguem:

Um quarto de queijo custa \$700. Qual será o preço do queijo inteiro?

Um quinto de bolo foi vendido por \$200. Por quanto foi vendido todo o bolo?

Paulo vendeu $\frac{2}{3}$ de uma maçã por \$800. Qual foi o preço da maçã toda.

Quanto deverá ter custado um pão de Lót, si

$\frac{3}{9}$ foram comprados por \$300?

$\frac{4}{4}$ de um metro de fita custaram \$200. Qual

será o preço de um metro de fita da mesma qualidade?

Como estes, muitos outros poderão ser dados, conseguindo o professor que seus alumnos aprendam da raciocinio e se desenvolvam no calculo mental sobre multiplicações, divisão e multiplicação combinada, conforme exige o programma de ensino.

O professor que não tiver ainda, em sua escola, collecção de quadros para o ensino intuitivo da linguagem e Arithmetica, poderá dar a mesma lição, lançando mão de uma folha de papel ou de uma fructa qualquer, que lhe facilite a explicação.

Estão matriculados nos cursos primarios do Estado, pela estatística de 1925, 314.584 alumnos, não se tendo apurado os mappaes de cerca de 300 escolas particulares e municipaes, que não chegaram a tempo.

A contribuição das Camaras Municipaes do Estado para a manutenção das escolas primarias attingiu, em 1924, á somma de 736 contos de réis e, em 1925, subiu a 1506 contos. Em 1925, porém, esse algarismo foi a 1690 contos de réis.

Os alumnos formando uma pequena tribu indigena...

Os indios e as suas regras de hygiene. — Curioso projecto escolar.

COM os indios, nossos antepassados, poderemos aprender muitas coisas, entre as quaes excellentes regras de hygiene. O seguinte projecto, tirado de uma revista americana e escripto por Bertha L. Sivope, directora da Educaçao Physica, em Cleveland, Estados Unidos, pôde ser adaptado ás nossas escolas. Com o auxilio intelligente da professora, poderão organizar uma pequena tribu as proprias crianças confeccionando suas vestimentas, cocares, utensilios de gesso e suas armas, de accordo com o que tiverem aprendido em aula a respeito da vida dos indios.

Será uma boa occasião para desenvolver a actividade das crianças e estimular-lhes a curiosidade de adquirir novos conhecimentos.



AS PROPRIAS CRIANÇAS PODERÃO ORGANIZAR UMA PEQUENA TRIBU...

Os assumptos que se relacionam com este projecto são:

Estudo do vernaculo

- Escrever alguma historia sobre a vida dos indios.
- Fazer um relatório deste projecto.
- Aprender de cor algum poema indigena.
- Descrever o cerimonial dos indios.
- Dramatizar algum episodio conhecido da vida delles.

Arithmetica

- Medir o material para construir arcos e flechas.
- Problemas de addição e subtração.

Arte

- Fazer tigellas de gesso.
- Fantall-as e pintal-as.
- Fazer e colorir os cocdres.
- Fazer e enfeitar arcos e flechas.
- Combiar e misturar as cores.
- Fazer fantasias de papel crepon.

Musica

- Cantios dos indios.
- Gritos de guerra.
- Signaes de perigo.

Educaçao physica

- Liberdade nos brinquedos.
- Danças indigenas.

Vida social e hygiene

- Ha muitos factos na vida simples dessa raça que são adaptaveis ao ensino de hygiene.

Vida ao ar livre

- Esse povo vivia quasi exclusivamente ao ar livre. As crianças apprendiam, desde cedo, a nadar, correr como veados, trepar nas arvores, pescar, cavar e conhecer a linguagem dos passaros e os habitos dos animacs. Como resultado deste modo de vi-

da, desconheciam, por completo, os resfriamentos e eram muito mais robustos do que nós que vivemos dentro de casa.

Segundo o exemplo dos indios, devemos fazer qualquer exercicio ao ar livre, todos os dias. Não é possível dormir ao relento como elles faziam; mas, ao menos, tenhamos nossos quartos bem ventilados.

Respirar pela bocca

As mães indias tinham muito cuidado para que os filhos não se acostumassem a respirar pela bocca.

Algumas vezes, ellas amarravam, debaixo do queixo das crianças, tiras de couro atadas ao alto da cabeça, para impedir que respirassem vicidamente.

Si respirarmos pela bocca, os germens que infestam as cidades introduzem-se, directamente, em nossas gargantas e pulmões, onde podem alojar-se e causar serias molestias. Por conseguinte, apprendam com os indios a respirar pelo nariz e não pela bocca.

R espirar profundamente

Os indios eram peritos na arte de respirar profundamente. Os jovens da tribu, que eram bons corredores, desenvolviam muito a capacidade dos pulmões. A occasião propria para desenvolver e augmentar esta capacidade é os musculos do coração, é enquanto somos moços.

Correr, nadar, trepar e outros sports activos concorrem para isso.

Os indios não vestiam roupas que impedissem os movimentos e respiravam profundamente, enchendo completamente os pulmões de ar. Por isto, eram saudios e vigorosos.

Modo de dormir

No verão, os indios sempre dormiam ao ar livre e muitas tribus procediam de igual maneira, mesmo no inverno, sem se importarem com os rigores do frio. Si nós dormissemos ao ar livre e p.s-

sassemos mais tempo fóra de casa, gostaríamos tambem melhor saúde.

Ha uma grande differença entre o ar que respiramos dentro de casa e fóra della, por isto devíamos ficar o mais possivel ao ar livre, em todas as occasiões.

Dicão

Os indios no seu estado primitivo, eram obrigados a ter uma dieta comparativamente simples, com uma escolha muito restricta de alimentos e, necessariamente, ás refeições eram extremamente frugaes.

Entretanto, os indios eram robustos, vigorosos e saudios. Frequentemente, comemos demais e muita variedade. Os indios alimentavam-se principalmente de milho, feijão aborbas, melões, fructas e sementes agrestes e da carne que podiam obter na caça.

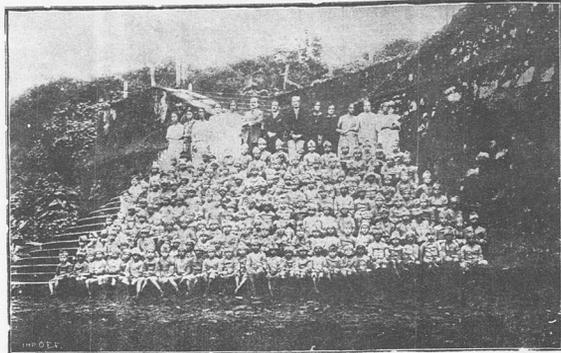
Todavia, entre a raça vermelha a dyspepsia era uma molestia quasi desconhecida e supportavam valentemente os trabalhos e as fadigas.

Por conseguinte, as lições de hygiene que podemos aprender com os indios, são:

- 1—Que é bom para a saúde viver a fazer exercicios ao ar livre.
- 2—Que respiramos muito superficialmente e que deveríamos, como os indios, fazer-o profundamente para sermos saudios.
- 3—Que dormir ao ar livre ou com as janellas abertas augmenta nossa resistencia contra os resfriamentos e diminhe nossa susceptibilidade para muitas doenças.
- 4—Que a vida moderna é, geralmente, variada demais e que uma volta a um genero de vida mais simples nos conduziria a uma existencia melhor e mais productiva.
- 5—Que se deve usar roupas frouxas e simples que não nos impeçam a circulação e permitam a liberdade de movimentos.

Segundo esses preceitos, que nos vêm de tão longe, poderemos assegurar a estabilidade de uma saúde vigorosa e perfeita.

«Comprehendendo que a educação do cego deve fazer delle um elemento autonomo na vida, fiz incluir no regulamento disposições que tornam o Instituto, na opinião de um dos seus ju'dadores, casa á altura das mais modernas da America do Norte» — Palavras da mensagem do sr. presidente Mello Vianna.



GRUPO ESCOLAR DO SERRO. GRUPO DE ALUNOS EM PITTORESCA EXCURSÃO ESCOLAR.

A educação do sentimento nacional pelo estudo da geographia.

O amor á aldeia, á provincia e á nação em que nascemos (escreve o professor cubano Aldo Ravina), eis os factores primarios, preciosissimos, para serem focalizados e estudados. Isto, porque, pertencendo á categoria dos «sentimentos sociais desinteressados, contêm em si mesmos a mais pronunciada espontaneidade e uma natural inclinação que se poderia chamar imitativa. Este amor natural une por um lado o homem á terra onde nasceu, onde lhe descançam os mortos queridos, e vivem as recordações de sua familia, e por outro lado o prende á região em que esplendem as cidades de cujas bellezas muitos vezes ouviu falar e onde habita o povo que consigo tem mais afinidade pelo sentimento e pelas características espirituas. Este amor alimenta naturalmente o conhecimento da patria, quando predomina a consciencia de que a patria contém em si a cidade natal, a provincia natal.

O amor da patria e a consciencia da nacionalidade, não obstante possuírem um fim distincto, encontram-se unidos no affecto que se consagra á terra natal e á provincia de origem.

Um segundo sentimento que, despertado pelo conhecimento geographico, fortalece a consciencia e o orgulho da nacionalidade é um sentimento esthetico.

Este sentimento suggerido pela beleza natural é um factor que universalmente se associa á

representação do paiz natal e que naturalmente reforça o amor ao mesmo. E quanto maior não seria si, desde as bellezas locais dos bosques, das terras cultivadas e das paisagens, se chegasse á representação imaginaria das infinitas bellezas da provincia inteira e do grande paiz que a geographia pôde revelar. As bellezas artisticas das cidades, as maravilhas das metropoles, dos grandes portos, as bahias encantadoras, se unem numa unica impressão luminosa da patria a que pertencem. E estas bellezas são nossas, são do nosso povo, são thesouros nossos, nossas joias: a admiração e o orgulho de possuil-as robustecem o amor da patria.

Um terceiro aspecto deste ensino é o sentimento utilitario, por meio do qual cada um de nós se acerca das cousas de que depende seu desenvolvimento e sua propria importancia.

O conhecimento preciso e scientifico da terra, de seus productos, de suas industrias, de seus mercados, de suas relações commerciaes e tambem de suas deficiencias em paralelo com o estrangeiro impulsiona a vontade para a acção, a conquista, a expansão, o progresso e o florescimento de todas as energias nacionaes. Essas energias, focalizadas, eguacionadas e analysadas pelo estudo geographico, alimentam a actividade volitiva, cuja fim idade culminante e historica é a realisação de si mesma.

Aula de geometria

Noções de parallelepipedo e rectangulo.

PROFESSORA—(Na aula anterior a professora deu noção de cubo e quadrado e os alumnos construíram de papel cartolina um pequeno enbo).

O que fizemos na aula passada?

Alumno—Fizemos um cubo de papel.

P—Justamente. Como foi feito o cubo?

A—Desenhámos seis quadrados eguaes.

P—E o cubo ficou prompto desenhando os seis quadrados?

A—Não senhora, cortámos e depois collámos.

P—Quantas faces tem o cubo?

A—Tem seis.

P—Muito bem. Vou agora mostrar um outro corpo que tem tambem seis faces. (Mostra uma barra de sabão).

E' um cubo?

A—Não.

P—Porque?

A—Porque as faces não são eguaes.

P—Muito bem. Cada face tem quatro lados e quatro angulos rectos, mas não são quadrados, porque?

A—Porque os lados não são eguaes.

P—E' isso mesmo. Aos corpos que têm essa forma damos o nome de parallelepipedos. (Fig. 1)

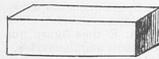


FIG. 1

Dê-me exemplos de objectos que sejam parallelepipedos.

A—A borracha de pau.

P—Justamente. Vejam-se descobrem um outro aqui na sala. (Como foi dito na l.ª lição a professora deverá procurar utilizar dos objectos da sala).

A—O armario sem os pés.

P—Muito bem. Estou muito contente com vocês. (Deve elogiar para estimular). Qual de vocês é capaz de contar as faces do armario?

Conte, Waldemar.

A—Uma na frente outra atrás, duas; uma de lado outra do outro, quatro; uma em cima outra em baixo, seis.

P—Parabens! Contou muito bem. Você contou duas a duas as faces, porque?

A—E' porque as faces são eguaes duas a duas.

P—Waldemar merece um premio, o que vou lhe dar com a forma de parallelepipedo. Qual será? Ajudem-me a escolher.

A—Uma caixa para guardar os lapiz.

P—Sim. Está muito bom um estojo para lapiz.

O parallelepipedo quantas arestas tem?

A—(Depois de olhar muito a barra de sabão). Tem tambem doze.

P—Você disse: «tambem doze» porque?

A—Porque o cubo tem doze.

P—Bem. As arestas são todas designaes?

A—Não. As quatro para cima são eguaes, as quatro de comprido tambem e as quatro para traz são tambem eguaes.

P—Isso mesmo, são eguaes quadro a quadro: as quatro que representam a altura, comprimento e a largura do parallelepipedo.

As faces do parallelepipedo, então, não são quadradas?

A—Não.

P—Porque?

A—Porque os lados não são eguaes.

P—Muito bem. As faces do parallelepipedos são rectangulos.

Qual a differença entre quadrado e rectangulo?

A—No quadrado os lados são todos eguaes e no rectangulo não.

P—Os lados do rectangulo são eguaes e parallelos dois a dois.

Vamos construir de papel um parallelepipedo?

A—Vamos.

P—O que devemos fazer?

A—Seis rectangulos eguaes dois a dois.

P—(Devidos ás lições anteriores e ás de desenho o alumno já observa melhor o que se lhe apresenta).

Vou então desenhlar no quadro um rectangulo que seja a base do parallelepipedo. (Fig. 2) Devo fazer outro egual ligado?

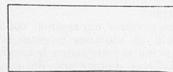


FIG. 2

A—Não, o outro egual está em cima.

P—Sim, está opposto.

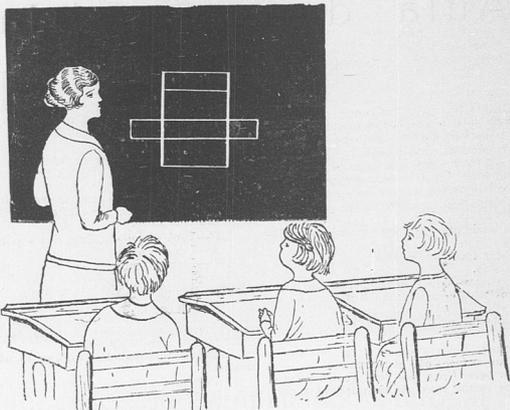


FIG. 3

Vou então construir os outros rectangulos (Fig. 3). (A professora construe no quadro, mas deve fazer com que os alumnos observem o objecto e digam qual a face a construir).

Cada um de vós vae construir em seu papel um parallelepipedo com as seguintes dimensões: comprimento 8 cm., largura 6 cm. e altura 4 cm.

A—O rectangulo da base tem um lado com 8 cm. e o outro com 6 cm.?

P—Justamente.

A—No outro rectangulo um lado mede 4 cm., não é?

P—E' isso mesmo.

A—Estou acabando, só faltam os rectangulos pequenos.

P—Logo que terminarem fiquem na posição.

Vamos agora marcar as beiradilhas para podermos collar. (Fig. 4).

A—Prompto.

P—Podem cortar e em seguida collar.

(Nesta aula os alumnos tiveram occasião de exercitar com a regua e esquadro traçando perpendiculares e paralelas, o que é uma das maiores difficuldades que encontramos não só no curso primario mas tambem no secundario, devido á falta de exercicio).

A construcção das figuras 6 de grande vantagem porque interessa mais a creança e faz com que ella retenha a explicação dada.

Vocês já conhecem o quadrado?

A—Já.

P—O que é quadrado?

A—E' uma figura que tem quatro lados iguaes e quatro angulos rectos.

P—Muito bem. E' uma figura que tem quatro rectas eguaes, e quatro angulos rectos.

O rectangulo o que é?

A—O rectangulo é uma figura plana que tem quatro lados eguaes dois a dois e quatro angulos rectos.

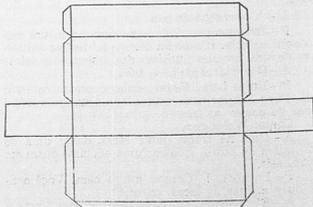


FIG. 4

P—Já conhecem então o quadrado e rectangulo muito bem?

A—Conhecemos.

P—Vou traçar um quadrado, um rectangulo e outras figuras de quatro lados no quadro. (Fig. 5, 6, 7, 8 e 9).

A figura 7 é um rectangulo?

tem os lados eguaes damos o nome de losango. Já viram um losango?

A—Já. Na bandeira nacional.

P—Justamente. Na bandeira nacional temos um rectangulo verde e no centro desse um losango amarello.

A figura 9, como estão vendo, tem dois lados

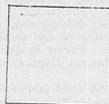


FIG. 5

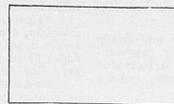


FIG. 6

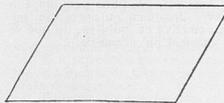


FIG. 7

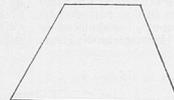


FIG. 9



FIG. 8

A—Não, senhora.

P—Porque? Os lados não são eguaes dois a dois?

A—São; mas os angulos não são rectos.

P—Muito bem. Os lados oppostos continuam a ser paralelos e eguaes mas os angulos são eguaes dois a dois. A essa figura damos o nome de parallelogrammo.

A—A figura 8 é tambem um parallelogrammo.

P—E', mas qual a differença que você nota entre um e outro?

A—(Depois de medir os lados). Na figura 8 os lados são eguaes.

A—Muito bem. A esse parallelogrammo que

parallelos e dois não parallelos. A essa figura damos o nome de trapezio. Os dois lados parallelos chamam-se bases. Todas as figuras formadas por quatro lados chamam-se quadrilateros. Ha alguns quadrilateros que têm nomes especiaes como os que acabamos de mencionar.

Cada um de vós vae chegar á casa e desenhá os quadrilateros que têm nomes especiaes.

A—Quaes são?

P—Não sabe?

A—Eu sei: o quadrado, o rectangulo, o parallelogrammo e o trapezio.

P—E' isso mesmo. Quero um desenho muito bem feito.

De janeiro de 1925 até 31 de maio do corrente anno foram distribuidas pelos grupos e escolas do Estado 12608 carteiros.

A actividade espiritual

Interessante diagramma

Na revista americana «Manual of Psychiatry» fomos encontrar este interessante diagramma explicativo do espirito, indicando o modo das actividades psychicas.

A mentalidade é representada por um circulo dentro do qual existe um outro menor representando a consciencia, para mostrar que o individuo é consciencia de sua existencia e que pensa, sente e age.

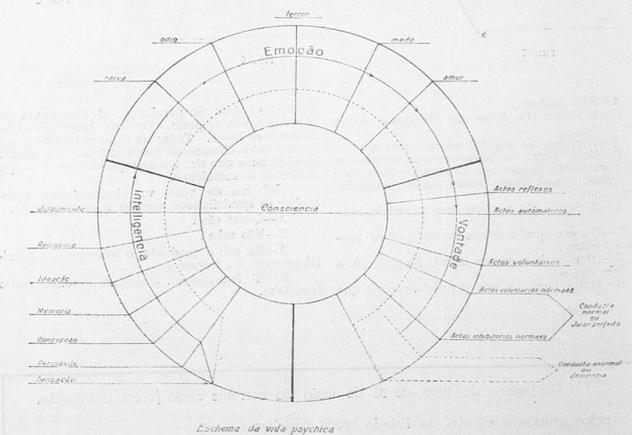
Do mundo exterior é transportado para a consciencia através os nervos afferentes um estímulo cujo reconhecimento constitue a sensação, o mais elementar dos factos psychicos. A sensação conduz á percepção. As percepções se multiplicam para formar as concepções. Estas são conservadas pelo processo da memoria. Da comparação das concepções presentes com as do passado nascem as idéas. Estas se agrupam, estabelecem-se comparações entre ellas e se formam novas idéas.

Este processo de grupar e comparar idéas constitue o *raciocínio*. Como resultado do processo de raciocínio se forma o julgamento.

O processo de pensar, que se iniciou com a sensação, é continuo e se acompanha de um sentimento agradável ou desagradável. Varias modalidades de *emoções* são mencionadas no diagramma para fins de illustração.

Como resultado do pensamento e do conteúdo emocional do espirito, surgem os *actos voluntarios* definidos e *inibitorios*. A acção de um individuo em relação ao meio que o cerca se denomina *conduta*.

O diagramma mostra que os processos de pensar, sentir e querer são conexos e continuos, desde o primeiro elo — a sensação — até o ultimo, de que resulta a conduta. A linha pontilhada indica que pode haver desordem ou perversão sensitiva, intelectual, emotiva ou volitiva, de que resulta a conduta anormal ou demencia.



Esquema da vida psíquica

Meios praticos de mal educar as crianças

Flagrante descrição de scenas communs no seio duma familia — Como os paes devem agir — Os castigos não cumpridos, as promessas emganadoras, as reprehensões sem intelligencia...

(TRADUÇÃO)

HEIS AQUI UMA PAGINA DE VIVA REALIDADE:

I — PROMETTER E NÃO CUMPRIR.

«Si tomares a sopa, diz a mamãe, eu te comprarei uma bella boneca que fecha os olhos».

«Si voltos depressa, filhinho, papae te dará uma linda bicycleta de tres rodas».

«Si dères o recado de mamãe, ganharás de presente uma bella espingardinha».

Ora, a filhinha atingiu a maioridade sem ter visto a ponta do nariz da boneca de olhos fechados.

E o rapazinho aos vinte annos ainda não montou a bicycleta de tres rodas nem atirou com a famosa espingardinha.

E ambos, a quem os paes começaram a mentir desde pequeninos, apprenderam a não fazer caso das advertencias paternas: conselhos, recommendações, ameaças, tudo enganos... como as promessas.

Cumprí, então, vossa promessa ou não promettaes jamais.

II — ENGANAR SEMPRE.

Dá-me tua penna, meu pequeno, que vou pintar-te bonitos desenhos.

A criança obedece promptmente.

«Agora, não t'a darei mais, meu malandro» (1) — «Este homzinho esta manhá, Carlinhos, vamos ao cinema».

Salto de alegria, mudança de roupas, precipitada: passa-se pelo cinema e pára-se no *gabinete do dentista*.

«Hum! prova como é gostoso» — «caldinho de abacaxi», diz-se á criança approximando-se-lhe dos labios uma poção amarga. Ella, enganada, toma alegremente o copo, mas logo repelle com raiva a bebida repugnante.

Paes e mães, continuave mais algum tempo neste jozo de enganos e teréis uma geração de seres irritados e desconfiados que não darão credito á menor de nossas palavras.

Não mintes nunca, si quereis que as voças palavras mereçam fé.

III — REPREHENDER SEM CESSAR.

«Fica quieto, deixa de coçar a cabeça!»...

«Tira o dedo do nariz!»...

«Não fales tanto!»...
«Não vás chibir!»...
«Olha onde pisas!»...
«Não andes tão depressa!»...
«Ainda mais devagar!»...
«Fica direito!»...

Finalmente o creança não move com um dedo, não se mexe, sem que á direita e á esquerda a solicitude materna a corque com um grito ou a contrarie.

E' a melhor receita para eloquecer uma creança, a não ser que ella continue a fazer o que quer, sem prestar mais attenção aos clamores maternos.

IV — AMEAÇAR E NÃO PUNIR.

«Não brinques com phosphoro, meu amor; é perigoso».

Cinco minutos depois:

«Já não te disse que não brinques com phosphoros... si continus, ficarás preso...».

Dez minutos após:

«Não comprehendeste? E' a segunda vez que te digo para não brincarés com phosphoros... vou puxar-lhe as orelhas...».

No fim de um quarto de hora:

Ouve bem: si não páras com isso immediatamente, ficarás sem sobremsa ao jantar!

Meia hora depois, com má humoral:

«Meu Deus! que menino insupportavel! Largas ou não, esse brinquedo? Já te disse vinte vezes a mesma coisa. Estupido como uma porta. Si mexes mais com phosphoros dou-te uma sóva».

Ao fim de uma hora, mamãe se levanta zangada.

«Vou já dar-te umas palmadas...».

mas não bate.

Conclusão—foi-se a caixa de phosphoros; uma hora de ameaças inúteis.

Resultado—Nullo.: A creança recolhe os phosphoros queimados. Não ficou presa. Não levou púchies de orelha. Terá a sobremsa de costume e não apañou a sóva!...

Emfim... descobriu-se o meio de desenvolver os instintos de um teimoso — ameaçar e não cumprir é sempre mentir!...

Educação phísica

Ao lado da saúde moral deve existir a saúde phísica
— e essa só se consegue pela gymnastica bem orientada.

QUANTO mais intensa se torna a vida intellectual de um povo tanto mais necessario será augmentar-lhe a força de resistencia.

Como estabelecer o equilibrio entre o corpo e o espirito?

— Um povo prospera quando sabe assegurar sua saúde intellectual e phísica.

Nossas escolas, que empregam todos os esforços para o desenvolvimento intellectual do alumno,

novos, como temos dito: ha apenas o aperfeiçoamento de movimentos que já lhes eram familiares.

As crianças que se dedicarem aos jogos escolares, terão superioridade, quer phísica, quer moral, sobre os companheiros que tenham desprezado essa disciplina. Seu valor, como exercício, é incontestavel. Os jogos contribuem para a educação da vontade, da vista, da memoria, destróem o sentimento

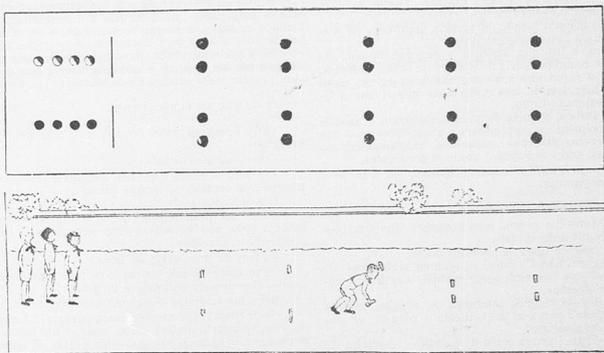


FIG. 1 — UMA PARTIDA EM ACTIVIDADE.

não poderão descuidar de seu desenvolvimento phísico. A hygiene e a educação phísica devem estar intimamente ligadas, dando em resultado — uma, a saúde, e outra, o poder muscular.

O jogo gymnastico é a mais natural forma de exercício. Consoa os movimentos simples ás attitudes naturais, de mais facil execução, na pratica pelos exercitandos. Não ha nos jogos movimentos

tão natural do medo, ante o perigo, alem de suggerir ao espirito — decisão, energia, observação, dominio sobre si mesmo, alegria, cordialidade, entusiasmo, honestidade, sentimento da honra e da justiça!

Nos jogos gymnasticos, cuja orientação vamos dando, a criança vê, não uma disciplina escolar, porém uma derivação de prazer dentro de suas obrigações diurnas, de valor extraordinario como

exercício phísico. São variantes da serie «Jogos do Cylindros».

I) Material — 10 cylindros para cada partida.

diatamente, indo collocar os cylindros na posição em que se encontravam.

E assim se continuará.

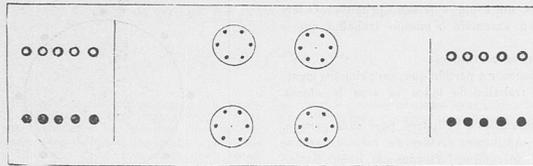


FIG. 2

Regra — De um lado do pateo formam-se os alumnos em columnas. Extendem-se pelo solo, 10 cylindros para cada partido, collocando 2 a 2, a igual distancia.

Dado o signal, o primeiro menino de cada partido corre, indo separar os cylindros, por meio de uma distensão lateral dos braços. Feito isso, volta indo tocar á mão do segundo, este partirá im-

ediatamente, em primeiro lugar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, será o vencedor. (FIG. 1)

II) Material — 6 a 8 cylindros para cada partido.

Regra — De um lado do pateo formam-se os alumnos em columnas. Traçam-se, no solo, dois circulos para cada partido, obedecendo a orientação do graphico.

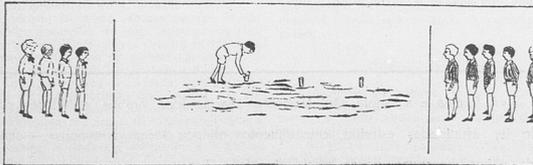
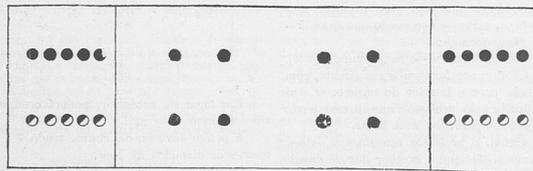


FIG. 3

Dado o signal, o primeiro alumno de cada partido corre, indo mudar os cylindros, um a um, para o circulo que estiver vazio.

Feito isso, irá se formar do lado opposto, enquanto que o segundo menino partirá, indo tornar os cylindros, um a um, á posição primitiva. O terceiro menino executará o mesmo trabalho que o primeiro.

E assim se continuará.

Será vencedor o partido que, em primeiro lugar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores. (FIG. 2).

III) Material — 4 cylindros para cada partido.

Regra—As turmas dividem-se, metade para cada extremo do campo, formados em linha. Extendem-se pelo solo 4 cylindros, a igual distancia.

Dado o signal, o primeiro jogador de cada partido corre, apanhando os cylindros e indo entregar-os ao companheiro de sua turma, que estiver do lado opposto. Este, recebendo os cylindros, irá collocal-os novamente, nos lugares em que se achavam. (FIG. 3).

E, assim por deante, até correr o ultimo jogador.

A turma que, em primeiro lugar, terminar a corrida de todos os seus jogadores, será a vencedora.

Entre os jogos gymnasticos de grande effeito sobre o organismo, está o da *peteca*, já conhecido pelas crianças. Para que este jogo produza seus effeitos benéficos, torna-se necessario que o professor procure regulamental-o.

Uma de suas variantes vê-se na gravura (FIG. 4).

Regra—Os alumnos formam-se em circulo, com a frente voltada para o interior do circulo, com o centro será occupado pelo professor que, a essa hora, não é senão um companheiro mais habil.

Dado o signal, o professor remetterá a *peteca* para os alumnos. O que a receber deverá devolve-la immediatamente ao centro, tendo o cuidado de impedir que ella caia. Si a deixar cahir, o alu-

mo sahirá do jogo, continuando o professor em actividade com os demais. O jogador deverá atlear a peteca o mais possivel.

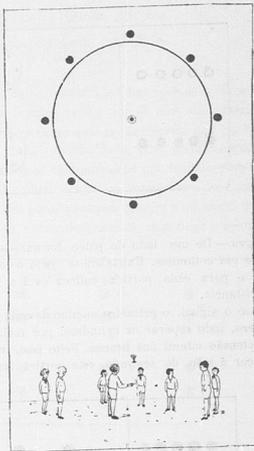


FIG. 4

Em lugar do professor, poderá occupar o centro o alumno mais agil.

A peteca deve ser de couro, tendo 7 a 8 centímetros de diametro na base.

Os ultimos jogadores serão os vencedores.

Continuaremos no proximo numero.

Oxygenio do coração

O culto da verdade e a pratica da sinceridade nas escolas

GUERINO CASASANTA

A SINCERIDADE — disse Mantegazza — é o oxygenio do coração. Nas suas contracções, o orgão physico das facultades intellectuaes sente-se aliviado, porque esse delicioso oxygenio o robustece e vivifica. Entrando na corrente circulatoria, como um gerador benéfico de forças, crea no homem um estado especial, uma disposição favoravel para comprehender e sentir as bellezas da vida.

A alma, que se pateaia nos gestos, e que não consome a existencia na encenação de attitudes, nem na preparação de effeitos, nem a inculcar sentimentos que não possui, vive, é bem de ver, uma vida mais agradável e mais livre.

A coragem moral de nos apresentarmos sob o nosso verdadeiro e incontundível aspecto, é uma virtude muito rara.

Quando o exercito dos deuses se aproximava das Thermopylas, vieram dizer a Leonidas, general dos Sparciatas, que as hostes inimigas eram tão numerosas que as suas flechas escureciam o sol.

— Melhor — disse Leonidas — combateremos á sombra.

Colombo foi um exemplo vivissimo de sinceridade entusiastica e de coragem indomavel. E todas as conquistas humanas, desde o uso da primeira pedra, até as modernas conquistas do ar, todas as descobertas scientificas nos largos céus, ou nos profundos mares, são aspectos dessa força rutilante que vence montanhas, a fé exultante que pôde ser condensada na sinceridade e na coragem.

A CORAGEM NA ESCOLA

E' muito verdadeiro o aserto que diz: os mortos governam os vivos. Vamos sempre buscar entre elles os exemplos de que necessitamos para comprovar nossas asseverações. O culto da coragem, entre os antigos, foi uma cousa real e grandiosa. A antiguidade oriental, que comprehende a China, o Japão, a India, a Persia, a Arabia, a Judéa na historia da Pedagogia, mostra que, apesar dos rudimentares systemas educativos, esses povos usavam variados exercicios physicos. E' innegavel que a pratica de faes exercicios era apontada a desenvolver, na creança, o destemor no perigo e o habito da coragem.

Na antiguidade occidental temos Sparta, onde as creanças eram submettidas ás mais duras provações e onde se preparavam homens fortes para

as luctas e para as guerras. Essa educação infiltrava nos moços uma coragem formidavel. Nestas condições o covarde passava uma existencia peor do que a morte; si era casado, suas filhas não achavam marido; si era solteiro, não podia casar-se; mas a covardia, nesse systema de educação era, entre elles, um caso pathologico.

E, no fundo, tudo indica que os povos e os legisladores tiveram em mira a formação de homens fortes, corajosos, sinceros.

Assim sendo, e sabendo-se que a educação consiste em preparar o individuo para a existencia, cumpre que se tonifique o systema nervoso das creanças, estimule a vitalidade, de forma a desenvolver nellas a impressão, a consciencia, a confiança de sua força.

AS MINHAS JOIAS

A mãe dos Gracchos, com uma infinita delicadeza, chamava de joias a seus filhinhos.

Pedras de purissimo quilate, as creanças devam ser tidas como verdadeiras joias. Que os artifices da divina obra da educação infantil, vão lapidando essa gemma preciosa com a pratica da verdade e, sobretudo, com o exercicio da sinceridade, que é a alma do dever.

Crear é de poucos, diz Mantegazza; repetir é de muitos. Fazer o que é justo, da maneira mais justa; evitar os equivocos, as dissimulações, os rodeos, as exagerações, o disfarce, a apparencia de conformidade enganosa, a subtilidade e as infinitas formas de esconder a verdade. E' preciso repetir sempre e continuamente os factos e os exemplos que deixem na consciencia da creança a imprescindivel necessidade de amar a verdade e a sinceridade.

TRANSPARENCIA MORAL

A tempestade uivava. O mar, revoltado, parecia querer despedaçar as fragéis rúas, que oscillavam nas suas agúas medonhas. O capitão do navio estava aterrado.

— De que tens tu medo? — disse-lhe Cesar — a tua barca leva Cesar!

A consciencia nitida da coragem, arrasta os outros. O forte é uma inspiração para os fracos. O forte, diz a Sagrada Escripura, é como o rio:

«A familia e a escola são elementos harmonicos, ambos creadores, precisando ter affinidades estreitas, entendimentos mutuos, ideaes communs.» — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

faz o seu próprio caminho. A luta contra a mentira, contra o medo de dizer a verdade, contra o temor da opinião alheia, deve começar des' e cedo. A nossa coragem entra em prova a todo momento.

O mundo, diz Marden, despreza o homem novo que tem sempre o ar de querer desculpar-se de ter praticado o crime de ter nascido.

Corre, pois, aos professores o aos pais a inalienável obrigação de penetrarem convenientemente a infância entre as lúas da vida.

A alma sincera possui essa bellissima «transparencia moral» que é a sinceridade — o encino das sociedades e o objectivo precioso do coração humano.

Em comemoração do centenário da morte de Pestalozzi (1827-1927), preparase na Suíssa uma edição critica das suas obras, com a contribuição de eminentes pedagogos suíços e allemães.

A mentira egoística

O que se deve fazer, para evital-a, em casa e na escola.

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

ESTUDAMOS aqui a mentira na escola, tendo já examinado algumas especies — *phantasiata*, *pathologica* e *heroica* (*). Resta-nos a peor de todas, a *mentira egoistica*.

Essa especie de mentira é o refugio contra as situações penosas e desagradaveis. A preocupação constante do goso e o pavor do sacrificio, tão caracteristicos dos tempos actuaes, já se vem revelando desde a escola. Na perspectiva do goso e do sacrificio, a criança mente para alcançar um e fugir do outro. Essa tendencia vem, aliás, da casa paterna. Muitos paes fazem ás crianças todas as vontades e não pouparam esforços para evitar-lhes qualquer desagradado. Sentem-se felizes em verem sempre alegres, sempre satisfeitas nas suas exigencias as crianças; e julgam que não ha prazer maior nem mais puro, acreditando mesmo que a satisfação dos paes dá a medida do cumprimento dos seus deveres para com os filhos.

Erro grave é esse. Pomos fóra de cogitação os paes verdugos dos filhos, brutaes e espancadores. Devesse, porém, reconhecer que o numero destes é muito menor do que geralmente se acredita. Venos muitas vezes um pae ou mãe, que parece possuido da mais violenta colera contra o filho, tendo-se mesmo a impressão de que o vae espancar. Puro engano! É talvez um pae que, para não bater o filho, está a exaggerar a sua irritação.

(* Seguintos então, em parte, os ensinamentos de Förstr: *Sehule und Character*.

Não digo que seja isso sempre louvavel; mas affirmo que, para julg. r. devidamente as relações no seio da familia, é preciso um conhecimento mais intimo do lar.

Não se irá suppor, um modelo o pae que é visto na rua a empanturrar de bidas o filho, nem acreditar que seja um ferrabraz, aquelle que se leve a oportunidade de surprehender a praticar o dever de castigar o filho.

É fóra de duvida, porém, que depende essencialmente dos paes fomentar ou extirpar essa tendencia das crianças para a mentira.

Ve-se muitas vezes um pae a rir, possuido de grande goso, deante de uma insupportavel maericação do seu filho, e que, entretanto, talia a pouco o castigará ou pelo menos o reprehenderá irritado, si desastrada mas involuntariamente quebrar um copo ou uma chieira.

Castigar uma criança que perquirida ou por sua propria iniciativa se denuncia auctora de um desatino, é encaminhal-a para a mentira. Que bello effeito não produzirão no espirito infantil, num caso desses, algumas palavras de conselho relativamente á falta commetida, mas de animação e elogio quanto a nobre coragem de dizer a verdade, queuser que sejam as consequencias!

Evidentemente, a criança que, pela sua experiencia, aprende a escapar ao castigo pela mentira, está segura da impunidade e deante de nada mais receda.



FESTA DA BONECA NA ESCOLA INFANTIL DELFIM MOREIRA (CAPITAL) — PHOTOGRAPHIA NO MOMENTO EM QUE SE REALIZAVA A MERENDA, QUE É, AFINAL, O «BANQUETE DA BONECA».

A prevenção contra a mentira egoistica deve, pois, começar no proprio lar. Na escola, porém, encontra ella vasto campo de alimentação, sendo necessario da parte dos mestres, muito criterio e vigilancia.

Muitos mais habitos são se póden corrigir mediante o esforço para alcançar habitos contrarios áquelles. Uma pessoa sem o habito de esquecer objectos no bonde. Para lembrar-se, faz todos os esforços em vão. Põe um pedaco de papel na gongola do relógio ou na botocora do casco, mas esconde-se de olhar o lembrete e de levar o objecto. Poderá, entretanto acostumar-se a não collocar objecto algum sobre o banco, conservando nas mãos o que leva. Contou-me uma pessoa que perdeu o habito de esquecer objectos nos carros de estrada de ferro, adquirindo o de contar os volumes que traz consigo, ao embarcar e ao desembarcar.

Um amigo meu tinha o pessimo habito, que muito o contrastava, de esquecer desabotoadas as calças. Aconselhei-o a adquirir o habito de abotoal-as de baixo para cima. E acabou-se.

A mentira egoistica começará por ser uma maldade, e será então mais facil de corrigir. Acabar, entretanto, em tornar-se um mau habito, sendo mais difficil a cura.

Para combater a mentira egoistica devem inspirar-se á criança os sentimentos contrarios — de nobreza e de coragem. É preciso levar-lhe a convicção de que dizer sempre a verdade é uma prova de força e de superioridade. São os tímidos, os fracos e os incapazes que se refugiam na mentira, para escapar ás consequencias de seus actos, fazendo muitas vezes com que venham a soffrer collegas innocentes.

É absolutamente indispensavel da parte do educador, uma grande elevação de vistas, um fino e criterio que, infelizmente não são muito communs. Tambem as exhortações, elogios e apellidos frequentes, se tornam facilmente inúteis, perdendo o valor. O resultado, pois, depende tanto ou talvez mais do professor que do alumno.

Esses meios são uteis; mas, é preciso ir ao fundo mesmo da questão. Quando predominam a ansia pelo goso e o terror pelo sacrificio, todos esses processos se revelam inadequados, inúteis ou mesmo contraproducentes. O sentimento profundo do dever e a noção inalteravel do sacrificio só póden provir da convicção religiosa segura e esclarecida. Essa é a primeira de todas as pedagogias. Esse sentimento o essa moção existem com frequencia em pessoas completamente extranhas á idéa religiosa.

Tal manifestação, porém, só se revela nas condições normais da vida, quando esta corre mais ou menos bem, quando não há grandes necessidades de um apelo a esse dever ou da prática desse sacrificio. Sobrevenham, porém, as tempestades, os naufrágios, os embates tremendo que revolvem desde os fun- damentos um homem, no que tinha de mais caro ou suppunha mais firme, que acontece? Ou nesse naufrágio sobressa a consciência, e com esta o dever e o sacrificio, ou refugia-se a vítima na religião, readquirindo a sombra desta, a noção do dever e do sacrificio, que supunha passivo e que não sa- va de um colorido enganador na superfície de

uma existência que corria serena e tranqüilla. Uma terceira solução é rarissima.

Inspirem-se ás crianças todos os sentimentos nobres, mas sobre a base unica em que elles se podem firmar: a religião.

A sciencia só me diz o que é. Tem grande autoridade sobre o meu espirito, mas nenhuma pôde exercer sobre a minha vontade. E', pois, insufficiente, quando mesmo fosse absolutamente segura e infallivel.

Só a religião desempenha a nobre tarefa de examinhar os individuos como as collectividades para os seus verdadeiros destinos.

«Sobe a 2000 o numero de escolas municipaes e particulares registradas na Secretaria do Interior».

Disciplina e diligência

Os escolares, verdadeiros irmãos. — A escola, verdadeira liça de actos generosos.

(Roberto Ardigh—*La Scienza della Educa- zione—Parte II, capitolo II.*)

TEM a disciplina por objecto o procedimento dos alumnos na escola; a attenção que cumpre presta- rem durante as lições; o respeito que devem uns aos outros, e bem assim á escola como lugar no qual recebem educação; o amor, o acatamento e a obediencia ao mestre, e a submissão aos regula- mentes.

Consiste a diligencia no dedicar-se o alumno, espontaneamente e de bom grado, aos trabalhos in- dicados pelo professor.

Assis diversa da de outr'ora é a concepção actual da disciplina.

Antigamente, bastava que os alumnos frequen- tassem pontualmente a escola, e nella se conserva- sem de modo inteiramente passivo, quietos e silen- ciosos, obedecendo cegamente ao mestre o most- rando-se exactos em executar as tarefas marcadas e em apprender de cor os trechos de lições determi- nados dia a dia.

Hoje, é muito differente a cousa, como vamos ver.

Começamos por apontar os pontos de nossa dis- cussão sobre a disciplina e sobre a diligencia, a saber:

- I—Disciplina em geral;
- II—Meios para obter a;
- III—Fim do regimen disciplinar.

PRIMEIRO PONTO—*A disciplina em geral.* Em these, deve a disciplina, cujo fim é a educação moral, a formação do caracter e dos habitos volunta- rios honestos, genis, generosos e fortes, regular-se pelas normas seguintes:

—Attente-se, antes de tudo, á indole e as dis- posições particulares de cada alumno. Um meio muito brando para mover o rebellão tardio e pouco excitavel seria inutil; ao revés, um meio muito forte para um animo sensível e delicado seria danoso.

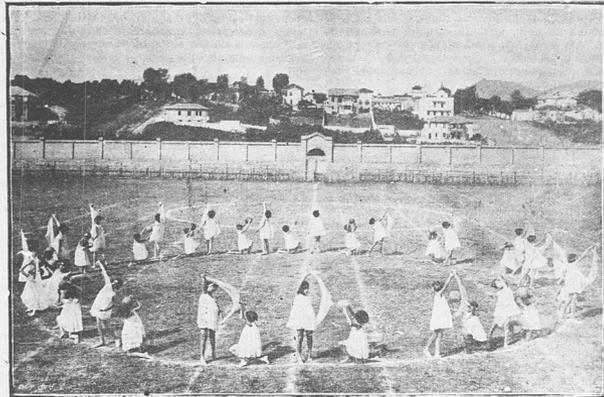
—Siga-se sempre a via da persuasão, de modo que, ao menos, pareça justa a providencia to- ma-la.

—Quanto menos deixa o professor apparecer o seu estorço para conseguir a disciplina, tanto maior effeito obtém.

—Procure que o alumno seja levado a cumprir o dever principalmente pela approvação ou desap- provação dos companheiros, e conte mais com esta do que com a sua.

—E' a estima que tem um do outro que deve gerar um proceder conveniente, e bem assim a coi- sideração de que, perdendo algum o respeito á escola, tambem a si o perde.

—Pode o ensino dividir-se entre os docentes ou por classes ou por materias. Dividindo-o por ma- terias, auxilia-se a instrucção, mas prejudica-se a disciplina, a qual se alcança mais facilmente, quan- do uma classe é regida por um só professor. De ordi- nario, acontece que, alternando-se diversos do-



ASPECTO DA FESTA ESCOLAR REALIZADA NO ESTADIUM DO AMERICA (CAPITAL) PELOS GRUPOS «AFFONSO PENNA» E «RIO BRANCO» — BAILLADO DAS HORAS

centes numa escola, nem todos sabem governar a do mesmo modo.

D'ahi o duplo damno de periodicos relaxamen- tos de disciplina e de confrontos nocivos. Além disso, não é possível estabelecer-se aquelle accordo entre o mestre e os discipulos, tão proveitoso ao bom andamento disciplinar, quando o mestre n'ó restringe os seus cuidados a um só grupo de escolares, e estes não se consideram a mesma familia com o mesmo pae.

Como quer que seja, si for necessario fazer a divisão por materias, o que amitte occorre, procure-se que esta se faça mais nas escolas superiores e menos nas inferiores. (1)

—Commum ao mestre e aos paes é o interesse pelo bom exito de um escolar. Exista, pois, entre aquelle e estes accordo e reciprocidade de conselhos e admoestações, no intento de obterem do alumno um bom comportamento.

—Considere-se o professor qual um pae dos seus discipulos e use com elles sentimentos verda- deiramente paternaes.

Os defeitos e os deslizes, corrija-os elle solita- mente, mas não os manifeste a estranhos. Tenha nisso todo o escriptulo. Seria fatal qualquer vici- dação que, sobre esse ponto, nascesse nos alumnos: de-

(1) A Italia distincção de escolas superiores e inferiores retre-se á Italia, onde se adoptam tacs designações,

riam no mestre um como juiz descaravel e um co- mo inimigo, e lhe negariam á confiança e a fran- queza que lhe devem demonstrar.

Em caso algum, deve o mestre consentir na escola qualquer fórma de delação. Ai do professor que excita os seus discipulos á espionagem.

E' mal menor deixar impune o culpado. Im- porta que os escolares sejam entre si verdadeiros irmãos, e a escola, verdadeira liça de actos genero- sos e benevolos.

SEGUNDO PONTO—*Meios para obter a disci- plina.* Os meios para obter-se a disciplina podem designar-se com as dez expressões seguintes: 1.º, in- struir; 2.º, procederimento; 3.º amor; 4.º, premio; 5.º vigiar; 6.º, habitar; 7.º, occupar; 8.º, ordenar; 9.º premio; 10.º, castigo.

Digamos alguma coiza de cada um.

1.º *Instruir*—Deve-se fazer conhecer aos esco- lares quaes são os seus deveres, como factos; mas não expondo só e secamente as regras, e sim most- rando a racionalidade dellas, e colorindo o discurso de feição que se affigurem aceitaveis e desejeas.

2.º *Procedimento*—Faz-se mister seja o mestre o modelo, o exemplar segundo o qual os alumnos dirijam a sua vida ulterior. Deve ser o ideal a que a vida dellas se ha de conformar. A exemplaridade do proceder tem mais efficacia do que qualquer re- gra ou coacção.

Tal se ha de mostrar o professor, maxime nos lugares pequenos e nas aldeias, onco está continuamente exposto aos olhares de todos. Aíli é necessário, acima de tudo, que elle concilie a estima do publico. Os escolares, participando da vida publica e vendo o professor cercado de apreço e veneração, onde quer que se apresente, são induzidos tambem a respeit-lo.

3.º **Amor**—Amade o mestre obrigado a castigar alguns de seus discipulos. Faça-o todavia si tal é preciso para produzir um bem: mas ai delle, si, e no punir, revelar que o faz por despeito ou rivalza: o amor que a elle nutrem os seus discipulos não diminuirá muito ou cessará até, e disso não haverá a reacção, pois ao despeito se responde com o despeito. Quando um menino commette uma falta grave, sente naturalmente certo rennoço, e considera que meoço ao mestre o respeito devido e que este já lhe não dá a estima de antes.

O professor deverá, entretanto, convencer-o ao contrario:—chamal-o a si carinhosamente; dizer que lhe quer e o estima do mesmo modo, contando que volte ao bom caminho. Si assim não proceder, não ha esperança de redempção.

A's vezes, chegam os alumnos até a chasquear do mestre, e então seria d'annoso agastar-se elle puerilmente por isso. Quem tem o defecto de mojar que melie a cada momento, e acoutece, portanto, que, uma vez ou outra, zomba de um companheiro. Lúto ao mestre deparar-se á occasião assada para advertil-o e fazer-lhe ver o mal e o d'anno de obrar assim.

Pouco a pouco, pôde o menino habituar-se a vencer sua tendencia para a zombaria. Não chasqueará mais dos collegas, nem do mestre.

4.º **Prevenir**—Professores há que parece acharem prazer em castigar, pois dizem:—«Ah! fazei isso, que me haveis de pagar».

Ha, por exemplo, leve nas vizinhanças e no pateo da escola, e ha prohibição, como é natural, de que os alumnos, já não p'na a escola, já durante os recreios, aitem nas aos outros. Mas, si se veem sós, cedem facilmente á tentação de dar-se ao briqueado vedado.

Não convem que o mestre os observe escondido para apañhar algum em flagrante e raliar com elle, castigando-o *ab irato* para despica-se da ordem transgredida.

Melhor é prevenir: ou mande-se retirar a neve para evitar a desobediencia, ou postulhe o professor bem a vista para cohibir a desobediencia. Em summa, prevenir sempre, tolhendo o ensejo de uma falta, afastando dos outros os mais indisciplinados—que dão o exemplo não procedimento, não consentindo, enfim, uma liberdade perigosa.

5.º **Vigilar**—Poderá o professor estar seguro da disciplina na sua escola, si tiver a paciencia de vigi-la sempre. Cae em grave erro quem pretende que os escolares, por si mesmos, sabem manter-se no dever.

Assim, nunca deverá o mestre abandonar-os; e, ainda mesmo quando ensina, é necessario saber ella, eucal-de-los todos os seu clar. Cansa, é verdade, mas é necessario. O olhar do mestre, a seguir os movimentos de todos, é uma como voz a chamal-os continuamente ao dever.

6.º **Habituar**—Creem alguns que basta, para conseguir disciplina dos alumnos, impedir que elles pratiquem certos actos na escola. É falso: fim da escola é produzir um habito que seja a disposição do escolar. Conveni, portanto, ir de vago a vago, rejeitar incessantemente, não exigir de quem ainda não adquiriu um habito, o que se poderia pretender de quem já o tem; proceder por graus até obter-se o habito dos actos bons. Por conseguinte, não se faça consistir a disciplina no acto momentaneo que se obtve uma ou outra vez, mas na disposição actual boa.

Esta é a unica que tem verdadeira valia e por isso deve o mestre esforçar-se para que adquiram os alumnos.

7.º **Occupar**—Meio poderosissimo para alcançar-se a disciplina numa escola é trazer todos os alumnos sempre occupados.

Cumprir, porém, não seja penosa essa occupação, mas atrahente, desejada, delectavel e por isso variada. Jámais entre o enfado numa escola, jámais se deixa algum desoccupado ou distraído, e ninquem se lembrará de romper o tedio com qualquer acto indisciplinado.

8.º **Ordenar**—Elimine-se da escola a arrogancia no mandar: nada peor, pois a principio provoca justa reacção, depois a indifferença. Suave é o mandar de mãe affectuosa; brande e resolutio o do pae.

Temperé o mestre um e outro com prudente considerendencia para com os seus escolares, e conseguirá salutar disciplina. E quando for necessario, ordene tambem o mestre, mas repare que seus ordens há de cumprir-se; por isso, nunca exija dos escolares senão o que podem dar. D'esse modo for necessario. E agora acrescento: proquando for necessario, que essa necessidade occorra o menos possivel. A injunção e o constrangimento são contrários á liberdade individual e inúteis para que o alumno apprenda a dispôr-se á disciplina por si mesmo e, portanto, a formar o caracter, que nisso consisto.

E lembre-se o mestre de que tudo quanto os alumnos tem de saber devem apprendir na escola e por obra sua, a qual não deve cessar enquanto não realizar o seu objectivo. Quanto ao que tem elles de fazer em casa, marque-se sómente alguma trabalho de repetição e de exercicio. Esta maxima é importantissima, e tanto que a inefficácia do ensino dependa, as mais das vezes, de não ser ella observada.

Continuaremos em numero proximo a traducção deste precioso capitulo.

A jardinagem nas escolas

Aula pratica.—Regras e conselhos.—Distracção e utilidade.

UMA das occupações mais salutaris e uteis' ás crianças é a jardinagem. Ha annos que nas escolas americanas sobre este assumpto que é considerado de grande interesse. Damos aqui a adaptação de uma dessas lições.

Os jardins não podem produzir sem um cultivo constante e, todos os dias, durante algumas horas, as ferramentas devem estar em actividade. A enxada o o ancinho são muito utís; porém si o jardim e o jardineiro são pequenos, o trabalho pôde ser feito com uma h'ilha e um pequeno saccho, ou até mesmo com um garfo forte de cozinha ou piu resistente e pontaguado. Todos estes objectos são indispensaveis, mesmo quando se usam a enxada e o ancinho.

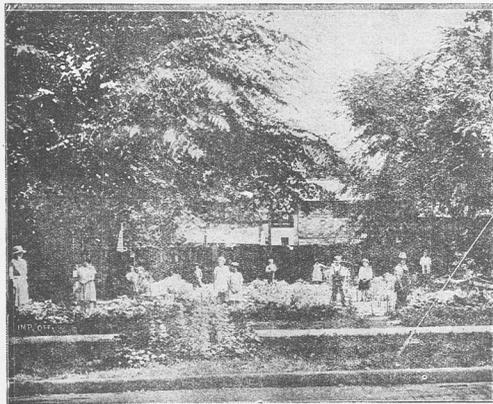
Quando nas plantações muito vastas, devemos usar somente o garfo e o páu por que não ha tanto perigo de cortar as plantas, ou fazeralhas mal, o que poderia acontecer com a enxada. Poderemos tambem approximarnos mais dellas, porém não tanto a ponto de machucal-as. Essas plantinhas precisam de cuidados especiais. Depois que tiverdes cavado ao redor de todas as plantas, é preciso fazer o mesmo nos espaços que ha entre ellas, tendo a precaução de não pisar na terra revolvida.

Limpae bem os caminhos entre os canteiros para que os detritos não impeçam que o ar penetre na terra. Esta não deve ser cultivada quando estiver lamacenta.

Si tiver havido um longo periodo de chuva e aservas daminhãs começarem a crescer antes da terra ficar prompta para ser cultivada, devem da logo arrancadas, ten-ose o cuidado de não fazer o mesmo ás plantas. Sempre que tiverdes de

capinar ao redor dellas, tendé a precaução de separal-as com a mão esquerda, mantendo-se firmes no chão, empunhando arrancadas o matto com a mão direita. Aservas capinas devem ser enterradas num canto do jardim, porque são excellentes esierço vegetal.

Devese prestar attenção para que não crescam hervas daminhãs nos canteiros ou perto dellas,



AULA DE JARDINAGEM.

pois são ladrões que roubam a seiva da terra que^o alimentam as plantas. Sejamos guardas vigilantes da horta contra estes inimigos. Aservas nocivas enfeiam os canteiros e espallham suas sementes em torno, si as deixamos crescer á vontade, sendo devese maior nosso trabalho para arrancal-as.

Cultivamos a horta pelas seguintes razões:

Para matar aservas daminhãs.

Para fazer o ar penetrar na terra.

Para manter a humidade.

Para matar os vermes e destruir seus ninhos.

Para impedir que a chuva deslize pela terra sem penetrar-a, como aconteceria se esta fosse dura e secca.

Se a terra ficar dura, rachar-se, e a humidade que deve ser conservada para as plantas, escapa-se pelas fendas.

Por conseguinte, é preciso impedir que isto aconteça, cobrindo-se a terra com palha ou qualquer outra substancia.

Quanto mais uniforme for a terra, mais depressa crescem as vegetaes e mais perfecito serão. No principio da estação deve-se cavar a terra profundamente para que as radiculas possam facilmente crescer e espalhar-se em todas as direcções á procura de alimento; porém, mais tarde, quando as raizes formarem uma rede, devemos cavar mais superficialmente para não cortar-as nem machucá-las.

TRANSPLANTAÇÃO

Os pés de repolho e de beringellas, os tomates, as pimenteiros, e muitas outras plantas são sempre transplantadas.

Para fazer-se este trabalho com exito, devem-se carregar as plantas numa cova ou numa caixa bem protegidas contra o sol e o ar, porque não devem seccar enquanto estiverem fóra da terra, e as covas devem ser feitas previamente. Para fazer-se uma covinha ao redor de cada planta afim de protegê-la contra as lagartas, dobram-se duas tiras de papel grosso e reúnem-se as pontas, encaixando-se uma dobra dentro da outra.

A cercadura deve ter quatro a seis polgadas de diametro. Abri uma covinha sufficientemente larga para as raizes se estenderem, tome a terra macia e fina e tenae o cuidado de verificar se não ha vermes. Espalhe a terra fina ao redor das raizes da planta até estas ficarem cobertas e jogue agua em cima, terminae enchendo o resto da cova com terra e calcando ligeiramente ao redor da haste.

Não regueis mais, até verificardes si a planta precisa de mais agua.

Na occasião de transplantar, arranca cuidadosamente as folhas da extremidade e as outras que estiverem quebradas ou estragadas. A folhagem não deve pesar mais do que as raizes, porque a evaporação da humidade será muito grande e a planta torna-se á fraqueza e morre.

Procure plantar-as no fim do dia ou nas primeiras horas da tarde.

Na manhã seguinte, se estiverem murchas, protegi-as contra o sol com cestas, potes, capacidades de papel e segure-as com pedras. Tirar estas coberturas todas as noites, mas recolhe-as todas as manhãs, enquanto as plantas estiverem murchas.

Nem todas as plantas supportam a transplantação profunda, mas o tomateiro dá-se melhor quanto é plantado numa cova de um pé ou mais de profundidade. Crescem mais, supportam melhor o sol e o calor e ficam mais fortes sob todos os pontos de vista.

Da primeira vez, a cova não deve ser cheia até á superficie, porém aos poucos, acrescentan-

do-se dia á dia mais terra, até não haver mais depressão de terreno.

Quando os tomates são transplantados, é conveniente ficar-se uma estaca resistente e cumprida junto de cada pé, para apanhar os galhos. Nessa occasião as raizes não serão machucadas pela estaca como poderia acontecer mais tarde. O tomateiro sendo uma planta trepadeira, pôde ser guiado de diversos modos. Quando é podado dá mais depressa e a fructa é maior, porém não é tão abundante.

ALGUMAS REGRAS GERAES A RESPEITO DAS PRAGAS

«Prevenir vale mais do que curar». Algumas plantas necessitam todos os cuidados, desde que appareçam á superficie da terra, e os maiores flagellos das plantações são as lagartas e os pulhões. Os ultimos introduzem-se no tecido das plantas, sugando-lhe a seiva sem fazer buracos nas folhas. Qualquer veneno destruirá todos estes insectos. Para fazer-se o pó insecticida, usa-se uma parte de arseniato de chumbo completamente misturado a quinze ou vinte partes de gesso. Penetrem-se este pó sobre as plantas atirando de um panno fino ou de uma lata perforada, enquanto estiverem orvalhadas ou depois de serem borrifadas d'agua. Se usardes este veneno quando verdes o primeiro insecto na folha ou mesmo antes d'elle apparecer, evitardes maior trabalho para o futuro. Repeti a mesma cousa todas as vezes que á praga apparecer.

Esta mistura pôde ser usada nos pés de tomate, de batatas, de repolho e de qualquer vegetal, mas é mister tomarem-se outras medidas quando mas os tomates comecam a formar-se e os pés de repolho a dar cabeça. Nessa occasião, é conveniente borrifar nas folhas tres colheres de salitre dissolvidas em quatro litros d'agua e deve-se tirar com a mão os insectos dos tomates.

Os insectos sugadores são attingidos com mais efficaçia pelo fumo do que por qualquer outro meio, posto que possam ser destruidos tambem por borrifos d'agua ou de kerozene usados constantemente.

Tabcaco em pó peneirado sobre as plantas humidas de modo que atinja todos os rebentos, destrõe os insectos.

É preciso que o pó alcance a planta inteira, pois o contacto directo é que mata os insectos. Esta operação deve ser repetida de tres em tres dias, para destruir os filhotes que se reproduzem constantemente. Para este fim, pôde-se usar um balde e uma escova, um regador ou um borrifador.

COLHEITA DE VEGETAES

Naturalmente, quando as crianças vão á horta e encontram qualquer fructa de bom tamanho e parecendo madura, apressam-se em colhe-la immediatamente. Devem abster-se de fazer isto, até á hora de voltarem para casa, pois qualquer cousa que é apanhada e deixada ao sol, não é boa para se comer. Muitos vegetaes são mais appetitosos

quando são cozidos ou comidos erds immediatamente depois da colheita. Ha algumas excepções. As cebolas verdes, as alfalces, os pepinos e os melões, quando apanhados em hora de calor, readquirem a frescura, si os collocarmos n'agua fria durante meia hora.

Quando se colhem os vegetaes para a mesa ou para conservas, não se deve deixar na planta nenhum galho cortado ou estragado. É conveniente aproveitar-se esta occasião para se arrancarem todas as folhas mortas e fazer-se uma limpeza na planta. Se ha algum galho estragado, não se in-

festado, enterrae-o; mas se ha pulgões ou qualquer outro insecto, é mais conveniente queimá-lo para não passar a praga para as outras plantas.

É melhor para a fructa e para o pé apanharem-se os pepinos e os melões de manhã bem cedo ou á tarde, quando não ha sol.

Quando se colhem as cenouras, beterrabas, etc., é preciso tornar a encher os buracos para não ficarem descobertas as raizes das outras plantas. Muitas vezes, as batatas, as cenouras e as cebollas ficam descobertas e de gosto amargo, por terem ficado expostas ao sol.

«A Escola Maternal levará ao seio do operariado mineiro a impressão consoladora de que o governo de Minas procura amparar-lhe a familia, dando-lhe casa educadora de que não ha rival no Brasil. — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

O ensino da historia no curso primario

«Para preparar o futuro, conheçamos o passado».

Alfred Croiset, na introdução do seu livro «Enseignement et Démocratie», definindo o ensino primario, diz: «O ensino primario prepara para os cursos secundarios, pondo nas mãos da creança os primeiros utensilios do trabalho intellectual (leitura, escripta e calculo) e dando-lhe uma visão elemental do mundo em que terá de viver. Para ser-se um creador, é necessario conhecer os elementos, e em seguida formar o espirito pelo conhecimento da tradição, para finalmente chegar-se á livre indagação de uma especialidade restricta». Donde se conhece que o ensino da historia, como o das outras disciplinas, deve comprehender methods variados, adaptaveis ao fim almejado, e á idade dos alumnos.

—Quaes serão portanto os meios a'quodam para que o ensino de historia seja proveitoso, instructivo e agradável aos alumnos? Para que o estudo da historia consiga ter estas tres qualidades o professor deverá presbalecer a materia á explicar em cada feriado; sublinhar a importancia das indicações chronologicas, formando um schema no qual os alumnos inscreverão os factos á proporção que conhecidos e expostos em aula; assignar a utilização do methodo comparativo para conhecimento dos factos passados e presentes; fazer com os mesmos visitas a edificios historicos, museus, monumentos para avivar as lições dadas em aula, devendo para isso servir-se de gravuras representativas dos diversos factos historicos, pontos, sempre que possível, em analogia com os factos da historia patria. Pois, no dizer do pedagog francez Pétier— «a historia local pode crear, no espirito das cre-

anças, uma comprehensão mais concreta dos factos historicos em geral. Pôde-se mesmo afirmar que só ella constitue para os alumnos uma historia real, representando com alguma exactidão ou fazendo reviver factos passados no quadro da existencia quotidiana.

Tambem o professor fará quanto possivel um estudo comparativo, de cada época, da industria, commercio, artes, agricultura, etc., como tambem dos usos e costumes de cada povo a que se referir.

Em resumo, o professor deve dar um ensino de historia muito simples, no fundo e na forma; concreto, desprovido de todas as considerações abstractas que excederiam o alcance do espirito de seus jovens ouvintes.

Deste modo lhes fará comprehender facilmente o que é a historia, a utilidade de seu estudo, os diversos laços que nos unem ao passado.

Em conclusão, transmitindo aos seus alumnos o conhecimento exacto dos factos historicos, especialmente daquelles que se collocam na formação da nacionalidade, terá o professor contribuido para a formação de uma geração intelligente, sensivel, que abrindo os olhos para a contemplação do passado ajusta os laços que nos unem aos antepassados, nos nossos avós. A historia é o estudo da humanidade; no dia em que desprezarmos o seu estudo desconhecemos as primeiras etapas da humanidade. E então estressa interrompida a cadeia da humanidade em progressão.

Lição de língua pátria

MARIA RITA BURNIER

QUARTO ANNO — PRIMEIRO SEMESTRE

Verbos transitivos e intransitivos

PROFESSORA — Vou apresentá-lhes hoje uma nova amiguinha. Anui está ella. Chama-se Naly e frequenta o terceiro anno do grupo Barão do Rio Branco, da Copial.

Por se haver portado muito bem, durante as lições de sua boa professora, a mamãe deu-lhe uma linda boneca de lã, e o Naly, cheio de alegria, vive a acalentá-la e honoquinha.

Nem mais faz caso dos antigos brincadeões: o arco, a corda, e a peteca ficaram para os seus irmãos e irmãs e a pequeninha, encantada, só pensa na boneca, que abra e fecha os olhos. Até pediu á mamãe que lhe ensinasse uns versos bem bonitos para adormecer a filhinha.

A mamãe fez-lhe a vontade e escreveu a — Canção para adormecer. Ella anui.

(NOTA — Julgamos de grande conveniência habilitar os alumnos á leitura, á exatidão comprehensão do verso, á unidade de ideia, á unidade de sentido, á unidade de expressão, á unidade de interpretação, á unidade de interpretação.)

As analyses, os exercicios feitos frequentemente sobre temas formulados pelo verso, corrigidos essa falta originada da falta de pratica.

Além disso, o programma exige a leitura e recitação de poesias. Nem se nos obste que nem todos os professores sabem fazer versos. Ninguém exige que elles os façam. Basta que os saibam comprehender, que os saibam seleccionar. E não fallam, em nosso Estado, primarios e secundarios, cujos versos se prestam ás lições de portuguez.

CANÇÃO PARA ADORMECER

Dorme, dorme, filhinha,
Tens lindos olhinhos cerra...
Jamais terás vida minha,
Amor tão puro na terra!

Por ti, deixei, sem tristeza,
O arco, a corda, a peteca;
F's toda a minha riqueza!
E's filha, não és boneca!



(NALY)

Para enxugar o teu pranto,
Eu vivo sempre a cantar!
Si d'antes brincava tanto,
Só peço em te acaleniá...

Enquanto dormes, sorrindo,
Eu canto para embalar-te...
E nos céus vão fulgindo
Estrelas por toda a parte.

F's tão linda e delicada,
Como a flor do bogariá...
Dorme, filhinha adorada,
Que eu velo, pensando em ti...

P. — Nossa lição vai versar hoje sobre a canção de Naly.

Em nossas ultimas lições, vocês aprenderam a distinguir os verbos activos dos passivos e estudar as diversas especies de passividade; vamos hoje falar sobre os verbos transitivos e intransitivos. (Segundo a ordem do programma).

Venha so quatro, Lygia, e sublinhe os verbos existentes na primeira quadra.

(já em lições anteriores, aprenderam os alumnos a distinguir os versos e a conhecer a quadra).

A. — (obedecendo).

Dorme, dorme, filhinha, Dormir
Tens lindos olhinhos cerra... Cerrar
Jamais terás, vida minha, Ter
Amor tão puro na terra

P. — Bem. Escrava agora, á direita de cada verso, o infinito do verbo que nelle se encontra (O alumno obedece).

P. — Temos, pois, da primeira quadra, os verbos: Dormir, cerrar e ter.

Agora prestem attenção. A menina canta, apenas: 'Dorme, dorme...' e nós comprehendemos perfeitamente o que ella quer dizer. O mesmo já não aconteceria com a segunda phrase, formada pelo verbo cerrar. Si a menina cantasse, apenas: 'Cerra, cerra...' ninguém comprehenderia seu pensamento, a phrase ficaria incompleta.

Vamos collocá-la na ordem directa: em vez de — Tens lindos olhinhos cerra — será...?

A. A. — Cerra tens lindos olhinhos.

P. — Para que haja sentido, é necessario que a menina diga a phrase completa: — Cerra tens lindos olhinhos.

Quando dizemos: — O menino dormiu — a phrase está correcta, o sentido está completo; ao passo que si dissermos: — O menino cerrou — a phrase não tem sentido algum: é preciso que acrescentemos: a porta, o livro, a janella: cerrou a porta, cerrou o livro, cerrou a janella.

D'ahi se conclue que a applicação do verbo dormir e do verbo cerrar são bem differentes entre si. A acção expressa pelo verbo dormir não passa além do sujeito que a pratica; a acção do verbo cerrar passa do sujeito para uma cousa, um objecto differente do sujeito.

Vejamos um exemplo pratico. Venha, Martha, cerrar esta janella. (O alumno obedece).

Digam-me, agora, a Martha cerrou a janella, logo a acção de cerrar, praticada pela Martha, passou para a...?

A. A. — Janella.
P. Justamente. A acção do verbo cerrou, passou além do sujeito Martha, so objecto janella. (A professora deixa cahir um pequeno objecto: seja um lapis).

P. — Vamos formar uma sentença: — O lapis...?

A. A. — Cahiu.

P. — 'E' isso. O lapis cahiu. A acção do verbo cahir não passou além do sujeito lapis. Venha apanhar o lapis, Lucia.

(O alumno obedece).

Temos outra sentença a formar: — Lucia...?

A. A. — Apanhou o lapis.

P. — Agora a acção do verbo apanhar passou ou não, além do sujeito?

(Signal dos alumnos).

P. — Responde, Elyves.

A. — Passou além do sujeito.

P. — E para que objecto?

A. — Para o objecto lapis.

P. — Logo, o verbo cahir tem a predica, o complemento do verbo apanhar, e, portanto, existe um complemento que lhe internaliza a significação.

Examinemos, agora, os verbos viajar e comprar. Si você, Lucia, cerra á casa, e a mamãe lhe disser: — O papa viajou hoje, você comprehendê-lo-á que o papa não se acha em casa, que está de viagem. Mas vamos que ella diga: — Lucia, o papa comprou... Claro está que a Lucia perguntará logo...?

A. A. — Comprou o que?

P. — Temos, ahí, pois, mais dois verbos de significação diversa: o verbo viajar, cuja acção não passa além do sujeito que a pratica, e o verbo comprar, cuja acção passa além do sujeito.

Os verbos cujo acção passa além do sujeito que applica, chamam-se verbos transitivos.

Os verbos cerrar, ter, apanhar e comprar são transitivos.

Os verbos cujo acção não passa além do sujeito, como dormir, cahir, viajar, chamam-se verbos intransitivos.

Ha um meio pratico de conhecer si um verbo é intransitivo ou não. Consiste em perguntar ao verbo: o que? Si houver resposta, o verbo é transitivo, ex.: a boneca cerrou os olhos... Cerrou o que?

A. A. — Os olhos.

P. — Por conseguinte, o verbo cerrar é transitivo.

Na terceira phrase, a menina, chamando a boneca de vida minha, isto é, minha vida, meu encanto, diz: — Jamais terás, vida minha, amor tão puro na terra... Jamais terás o que?

A. A. — Amor tão puro na terra.

P. — O verbo ter, é, pois, tambem, um verbo transitivo.

Leia a segunda quadra, Elyves.

A. A. — (Obedecendo).

Por ti, deixei, sem tristeza.

O arco, a corda, a peteca;

F's toda a minha riqueza!

E's filha, não és boneca!

O verbo 'deixei' não é transitivo, ou intransitivo? Deixei o que?



FESTA DA BONECA NA ESCOLA INFANTIL «DELFIN MOREIRA» — OS PADRINHOS DA BONECA.

A. A.—O arco, a corda, a peteca.
 P.—Então o verbo deixar é?
 A. A.—Transitivo.
 P.—Leia a terceira quadra, João.
 A. A.—(Obedecendo).
 Para enxugar o teu pranto,
 Eu vivo sempre a cantar!
 Si d'antes brincava tanto,
 Só penso em te acalentar!
 P.—Sublinhe os verbos transitivos encontrados nessa quadra.
 (O aluno sublinha os verbos enxugar e viver).
 P.—Está certo o que o João fez?
 (Signal dos alunos)
 P.—Responda, Marcello.
 A. A.—O verbo viver é intransitivo.
 P.—Decerto. A acção do verbo viver não passa do sujeito. Meu Fo vive no Rio. José nasceu no Brasil, mas vive na Italia.
 NOTA — Não convem, para o bom exito da lição, falar já em transição e intransição dos verbos; trataremos disso na proxima lição para o quarto anno.
 E o verbo cantar, Lucia?
 A. A.—E' intransitivo.
 P.—Qual um outro verbo intransitivo desta quadra, Luiz?
 A. A.—O verbo brincar.
 P.—Falta-nos ainda um verbo: o verbo acalentar. Vejamos si é transitivo: acalentar o que?

A. A.—A boneca.
 P.—Mas a boneca vem representada aqui, por um pronome. Qual será elle?
 A. A.—O pronome te.
 P.—Logo o verbo acalentar é...?
 A. A.—Transitivo.
 P.—Sublinhe os verbos da quarta quadra, Julia.
 A. A.—(Obedecendo).

Emquanto dormes, sorrindo,
 Eu canto para embalar-te...
 E pelos osos vão fulgindo
 Estrellas por toda a parte.
 P.—Os verbos *dormir* e *cantar* já foram analysados na presente lição. Vejamos o verbo embalar. O menino cantava para embalar a...?
 A. A.—Boneca.
 P.—Representada aqui pelo pronome...?
 A. A.—Te.
 P.—Logo o verbo embalar é...?
 A. A.—Transitivo.
 P.—Temos, aqui, uma expressão verbal formada pelos verbos ir e fulgir. Ambos esses verbos são intransitivos e a locução verbal por elles constituída é, igualmente, de sentido intransitivo. Estrellas vão fulgindo por toda a parte. O sujeito é *estrellas*. O verbo *sorrir* é, tambem, intransitivo.
 Agora, vocês vão formar sentenças, empregando dos verbos transitivos. Pensem.

(Signal dos alunos).

P.—Responda, Altair.
 A.—Mãe comprou um vestido muito bonito.
 P.—Você, Carlos.
 A.—Eu ganhei um relógio.
 P.—Diga, Antonietta.
 A.—Meu irmão rasgou o livro.
 P.—Você, Antonia.
 A.—A menina apanhou a rosa.
 P.—Lais.
 A.—A boneca abriu os olhos.
 P.—Ruth.
 A.—A titia colheu as flores.

P.—O termo que completa a significação do verbo transitivo, chama-se *objecto directo*.

Assim, nesta phrase: *Aurea quebrou o copo*, o sujeito é — *Aurea*; o predicado é — *quebrou o copo*, constituído pelo verbo *quebrou* e pelo objecto directo — o copo.

Vou, agora, escrever varias sentenças, para que vocês indiquem os diversos objectos que se podem dar a cada uma.

(A professora escreve a sentença incompleta, fazendo com que os alumnos escrevam palavras que se adaptem á função de objecto).

Rosalina comprou
 livros
 cadernos
 penas
 lapis
 borrachas
 tinteiros
 flores
 cravos
 rosas
 violetas
 lirios
 angelicas
 acucenas
 dallias

O jardineiro colheu

O alumno recebeu
 premios
 presentes
 elogios
 boas notas
 recompensas

P.—Agora vamos formar sentenças, empregando verbos intransitivos.

(Signal dos alunos).

P.—Responda, Luis.
 A.—José cabiu da escada.
 P.—Diga, Antonietta.
 A.—Meu irmão dorme no collegio.
 P.—Você, Cecy.
 A.—Titio chegou de Pirapora.
 P.—Carmen.
 A.—Eu fui a S. Paulo.
 P.—Lucia.
 A.—Vóvo viajou para Juiz de Fôra.
 P.—Pam. Venha ao quadro, Alberto, e leia a ultima quadra.
 A.—(Obedecendo).

E's tão linda e delicada
 Como a flor do bogari...
 Dorme, filha adorada,
 Que eu velo, pensando em ti!

P.—Esta quadra, basta que vocês analyssem o verbo *velar*. Diga-me, Arlinda, é transitivo?

A.—E' intransitivo.
 P.—Bem. Restam os verbos *ser* e *pensar*. Demandem elles explicação que depende de tempo, e a nossa lição já vai longa. Ficarão, pois, para a proxima lição.

Agora, copiem em seus cadernos de classe a Canção de Naly, que servirá mais tarde para os nossos exercicios de recitação, e tomem nota do

EXERCICIO PARA CASA

Escrever quatro sentenças, empregando em cada uma um verbo transitivo; analysal-as, determinando sujeito, verbo e objecto directo. Escrever quatro sentenças, empregando verbos intransitivos.

«O ensino das populações rurais deve merecer grande carinho. São ellas o maior numero. Educando-as — faremos obra de pura democracia. —
 Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

Exploração do valle do Amazonas num hydroplano

Descrição de uma excursão científica ás mais remotas regiões amazonicas. — Um empolgante raid aerco, cheio de aventuras, para levantar a planta do rio Parima.

A REVISTA norte-americana «The National Geographic Magazine», em seu ultimo numero de abril deste anno, dá as mais curiosas informações a respeito da expedição scientifica de Alexandre Hamilton Rice e seus companheiros que voaram recentemente até as nascentes do rio Parima, no noroeste do Brasil.

Como se sabe, a bacia superior fluvial do Amazonas é um dos cantos do mundo que vem desafiando a curiosidade dos exploradores que, em tentativas sempre frustradas, ambicionam penetrar nos densos matagães que a cobrem e dominar as correntes selvagens de seus rios.

Mas, onde a mata virgem se apresentava entrançada e quasi impenetravel para os exploradores e a pé, entre-gou ella os seus segredos promptamente aos homens que andam pelos ares.

Os indios hostis que impediram expedições anteriores, não podiam pôr obstaculos a um aeroplano, que voava a 3.000 pés por cima delles e nenhum guia, por mais habil e perito que fosse, podia igualar a um aviador em descobrir os trilhos mais facéis para seguir, e prever os obstaculos que havia de encontrar e vencer. O hydroplano serviu de olhos para a expedição arrojada.

Os membros dessa expedição reuniram-se em Mandos, a 6 de Junho de 1924, constando de: Dr. Rice, chefe da expedição; Dr. Koch-Grünberg, ethnologo; Dr. George Shattuck, medico; Weld Arnold, cartographo; Charles C. Bull, assistente; John C. Coussens, engenheiro; Walter Hinton, piloto

aviador; John E. Wilhusen, mechanico; John W. Swanson e Thomas Mac Caleb, radio-telegraphistas; Aermann Dengler, desenhista; Silvino Santos, operador-cinematographico; Raymundo Camara, assistente e Albert Stevens, observador e photographo aviador. Com os carregadores e remadores indios, a companhia contava mais de 100 pessoas.

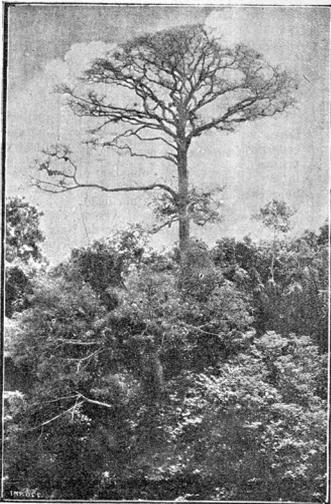
A variedade das profissões, representadas em seu pessoal, dá uma idéa da variedade dos objectivos da expedição.

O dr. Rice estabeleceu o seguinte programma: Explorar e tirar o mappa do Rio Branco e de seu tributario do oeste, o rio Uraicoera; seguir este até as suas nascentes na serra do Parima e averiguar si existe uma passagem entre as nascentes deste rio e as do Orinoco, unindo destarte esse mappa ao que fizera o chefe nuno expedição no anno de 1819-20.

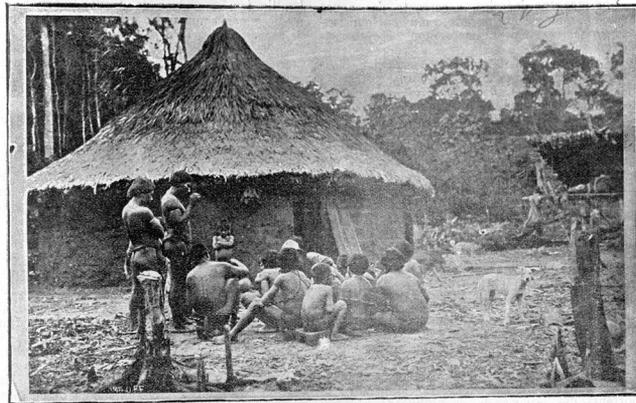
Propunham-se tambem as expedicionarios experimentar a utilidade dum hydroplano para a exploração, particularmente para a cartographia, photographia aerea, manobras de exploração e reconhecimento, e, para realizar a communicação entre as diversas unidades da expedição que estivessem temporariamente separadas.

Durante nove mezes viveram os membros da expedição á margem, dentro e por cima da maior mata do mundo.

Para aproveitar o ar fresco e calmo e as boas condições do local, Hinton e o capitão Alberto Stevens, de cujo testemunho nos valemos nesta descrip-



UM GIGANTE DA FLORESTA AMAZONICA.



OS HABITANTES DA CASA COMMUNAL NA MARGEM DO PARIMA.

ção, geralmente levantavam vôo ás primeiras horas da manhã, voando algumas 100 milhas rio acima, tirando photographias e fazendo «croquis» de mappas durante o vôo.

O ESPELHO PRETO DO RIO NEGRO É UM PERIGO PARA OS AVIADORES.

O rio tem o seu nome com razão, pois, a sua superficie é de um preto brilhante. Os engenheiros do governo dos Estados Unidos querendo construir um espelho formado pela superficie de uma pequena lagoa entre o monumento de Washington e o de Lincoln, na cidade de Washington, revestiram o fundo comprido do tanque com breu.

O Rio Negro, quando está lizo, produz pela sua cor preta o mesmo effeito do espelho.

Para a pessoa no convés de um vapor a belleza da scena tropical augmenta com esse phenomeno, mas para um piloto de um hydroplano apresenta um grave perigo, porque elle não pôde avaliar acuradamente as distancias. Todas as vezes que lie era possível, Hinton descia, portanto, oze rastro de um navio, cujas ondas quebravam o reflexo desse espelho.

Por 200 milhas foram seguidas estas aguas, de Mandos até Carvoeiro, onde, as aguas lacteas do Rio Branco derramam-se no Rio Negro, como o leite em café.

Em Sirocco, cidade situada a alguma distancia, Rio Branco acima, foi satisfeito, como diz, com

«humour» Alberto Stevens, um desejo que lie nascera no espirito, quando o valente aviador ainda vestia calças curtas, e as maravilhas da geographia lie eram reveladas pela primíria vez: elle estava sobre a sua propria sombra! E' que Sirocco está situado no primeiro grau, quasi no equador, e a expedição alli chegou no tempo do equinoxio outonal, travessando o sol o equator no seu caminho ao tropico do Capricornio. O sol tava, portanto, ao meio dia verticalmente sobre as cabeças de todos!

O TEMPO, AO LONGO DO AMAZONAS, SEQUE UM CERTO HORARIO

O tempo, no territorio do Amazonas, tem um certo horario que segue quasi regularmente. Os dias amanhecem claros e brilhantes: pelas 9 ou dez horas juntam-se nuvens no céu, e frequentemente chove á tarde. Porém, esta coberta de nuvens, serve para moderar o calor do sol e torna os dias em verdade menos desagradaveis, do que muitos dias de julho e agosto nos zonas moderadas.

As noites são bellas, sendo o ar muitas vezes tão claro que as estrellas têm o mesmo brilho e reflexo que nas nossas mais frias noites de inverno. O Cruzeiro do Sul e a Via-Lactea destacam-se especialmente. No tempo da lua cheia, a noite transforma a b'cia fluvial do Amazonas numa vasta terra encantada, cheia de delicadas luzes e sombras, num espectáculo indito; de belleza...

Nas margens dos rios, a corrente das águas através do matagal entrançado, o murmúrio distante das cachoeiras, o perfume peculiar, característico de todas as florestas até os gritos roucos dos bugios no interior da mata, tudo augmenta a fascinação desta terra selvagem.

Para reduzir o transporte de viveres, viviam os expedicionários quanto possível dos productos indígenas. O principal alimento a ser obtido eram farinha de mandioca e carne de boi. Laranjas, ananazes e bananas são nativos nas margens do rio e forneciam muitas vezes uma agradável variação das iguarias, como também peixes de varias espécies ornavam a sua mesa.

A maliciosa piranha, que offerece sempre tão boa caça quão saboroso alimento, tornava perigoso o banho no rio. Atrahidas por um pouco de sangue de uma arranhadura ou corte em qualquer ente vivo que se encontre na água, ou ás vezes, também, sem este attractivo, providas com dentes afiadíssimos como navalhas, em poucos minutos descarnam até os ossos, homem ou animal. E' commum encontrarem-se indígenas sem phalanges de alguns dedos devido á voracidade da piranha, que tentou uma dentada quando a mão ficou desceudidamente na água, ao puxar o remo.

A farinha feita de raiz da mandioca é o principal alimento dos indios e formava também parte importante das iguarias da comitiva. — Comida em estado crú, essa raiz é venenosa, mas os indígenas aprenderam a tirar-lhe «o dente venenoso». Cada

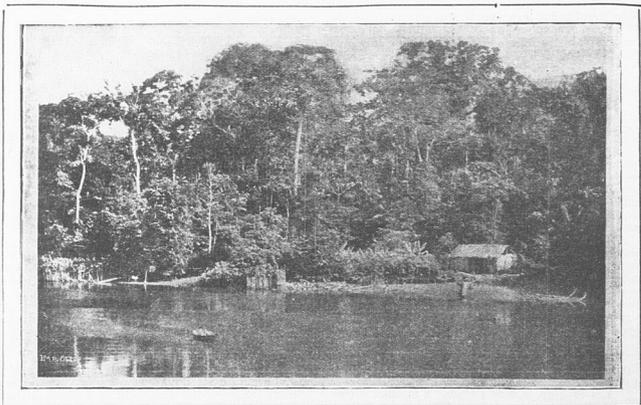
família tem um pedaço de tronco d'arvore, levemente concavo num lado, sendo a cavidade coberta de pedaços de pedrneiras, fixos em pés. As mulheres retinham as raizes de mandioca sobre esse rator, pondo em seguida os flocos brancos em tubos compridos, trançados de bambú. Depois de molhados esses sacos na agua do rio, o conteúdo é coado, parte por suspensão, parte por pressão, applicando-se o principio do tomiquete. Esta operação que extrah o veneno pela lavagem, repete-se algumas vezes antes de poder a grossa farinha ser usada para fazer o pão.

Ha conexão entre esse alimento e as cerimônias religiosas, pois os indígenas creem que a sua divindade principal ensinou a seus antepassados o methodo de tirar o veneno da mandioca.

A FEBRE ATACA A EXPEDIÇÃO

Maior que todos os outros obstaculos era a febre que quasi todo o cabo da expedição. Apesar dos melhores mosquiteiros, do uso de quinina em doses de 5 grãos e da presença de dois medicos, muitos apañaram a febre, que victimou o dr. Koch-Grunberg que, depois de 10 dias de doença falleceu, em meados de setembro, em Vista Alegre.

Verificou a expedição que a peor zona da febre é a parte inferior do rio; depois de alcançada a montanha não ha mais tanto perigo; mas, uma vez contrahida, a febre reinicia por causas, em geral, insignificantes.



VISTA DA MATTÁ DO AMAZONAS, COMO EM GERAL O EXPLORADOR A TEM.



UMA LINDA ILHA EM FORMA DE VIRGULA NO RIO URARIÇOERA, PERTO DE SUA CONFLUENCIA COM O RIO BRANCO.

A 25 de Outubro amarravam de frente de Boa Vista, a unica villa consideravel de Rio Branco. Sua população conta mais de 500 almas. Proximo da villa levanta-se a Serra Grande, montanha isolada de seis milhas de extensão na base: offerece uma vista agradável, depois de atravessadas as planícies do vale do Amazonas inferior.

As montanhas, 75 milhas a leste, levantam uma barreira aos ventos do noroeste, que deixam cahir muitos das suas aguas chuvas sobre os densos matagais da serra, ao lado do vento. A oeste, portanto, dessa serra, a densa floresta do Amazonas passa ás planícies cobertas de capim, que representam um territorio para criação de gado, igual, segundo a narrativa que lemos, á do Estado de Vermont, nos Estados Unidos.

Boa Vista, porto de embarcação de gado, é situada na margem desses campos que parecem parques em um clima muito mais secco do que qualquer outra parte do curso inferior do rio.

Ahi, livres dos effeitos deprimentes da molharia, puderam os excursionistas recuperar as forças, concertar e pintar de novo o hydroplano.

Um baile foi dado especialmente para celebrar a chegada do aeroplano, o primeiro que foi visto em Boa Vista.

Leva-se para Boa Vista o gado maciento e meio bravo, que, embarcado, segue rio abaixo. Os terrenos são abertos, apenas os riachos servem de divisas e cercas. O lago é um ornamento que cal logo na vista; é alli o reino supremo do cavallo, e o encourralamento de todo o gado marca o grande acocelimento do anno.

Em Boa Vista, onde se demoram tres mezes, viram os valentes destravadores cinco Benedictinos construído, com suas proprias mãos, apenas com o auxilio de alguns indios, o primeiro hospital do logar.

A 1.º de Novembro, Hinton e Stevens fizeram um vôo de experiencia, rio Tacutu acima, que é um tributario do Rio Branco a leste; no dia 3 de Novembro voaram 140 milhas acima do rio Urariçoera até o ultimo posto avançado da civilização: Boa Esperança, logarejo de tres cabanas, onde se bifurca o rio, formando a ilha Maracá, com 56 milhas de comprimento e 30 de largura.

Além de Boa Vista, a corrente tornou-se tão forte que tiveram de transportar a gazolina e o óleo para o hydroplano em canoas. Algumas vezes aproveitavam um motor portatil para a canoa, outras vezes, especialmente na parte superior do rio, os indios tinham de pegar nos remos. A gazolina, em latas de 10 caudais, devia transportar-se por terra nas caçhoiras e corredeiras mais bravas; mais de uma vez as canoas estavam quasi a afundar-se pelo grande peso do carregamento, e só 50% do combustivel, embarcado em Boa Esperança, chegaram á junção do Parima e Aracaca, 250 milhas rio acima.

VÔO SOBRE A MATTÁ VIRGEM

Pelas 6.30 horas da manhã partiram Hinton e Stevens de Boa Esperança para vôar sobre a região mais deserta que até então conheceram, sempre sobre a floresta extensa, a se perder de vista,

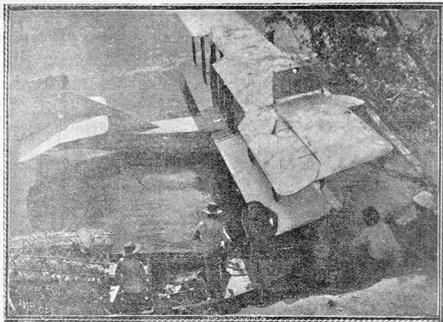
sem que por baixo do hydroplano corresse mais a água salvadora. Voavam sobre um mar de arvoredo verde, ondulando sobre as colinas, limitado por uma lista delgada azul-preta, que era uma serra longe a oeste.

A princípio puderam distinguir rios, riachos e correções numa vasta extensão, pelas linhas de um fino vapor branco, que pairava muito acima do aparelho; 3/4 de hora mais tarde o sol quente desfez estes vapores, mas, enquanto durou, foi possível fixar pela bussola as direcções de muitos correços e esboçá-las nos mapas. Da cabeça da ilha Maracá dividese o braço austral do Uraricoera em muitos cursos estreitos, cheios de ilhotas e rochedos, sobre os quaes passa a água em massas brancas espumantes. Segue depois uma serie de tres cachoeiras com uma queda total de 80 pés, que é conhecida pelo nome de cachoeiras de Purumame. A canoa de abastecimento que acompanhava os «radmans», levou de 8 a 16 dias para percorrer a distancia de 40 milhas, que o hydroplano cobria em 30 minutos. A floresta, além da ilha Maracá, não é aparentemente frequentada nem pelos indios; num vôo de tres horas e dez minutos não foi presnetido signal de ente humano.

O HYDROPLANO AVARIADO

No mez de Janeiro foi novamente feito um vôo sobre o Uraricoera, o qual terminou cheio de incidentes.

Procurando uma base para abastecimento descia o hydroplano em perfeito estilo, sobre a água e já se dirigia para a praia, quando se ouviu de repente o som de madeira a fender. O hydroplano cambaleou, pendeu por um momento num ângulo agudo, mas depois endireitou-se vagarosamente. Deu a si bre o cimo de um rochedo escondido debaixo da água. Parecia provável que o hydroplano estivesse mortalmente ferido, e mesmo si conseguissem levar a machina á praia, teriam os aviadores de esperar certamente algumas semanas até que os seus companheiros pudessem alcançá-los.



O «ELEANOR III» ATRACADO EM UM ARBUSTO, NA CORRENTE DO RIO URARICOERA

AEROPLANO «VERSUS» SOL

Era um momento que exigia uma rapida decisão. Hinton arriscou-se a tirar uma parte do casco, e decolou de novo. Levantavam do rio, dirigindo-se a Boa Esperança, unica salvação, a 150 milhas de distancia! Foi uma tentativa de vencer em velocidade o sol, pois, o dia já declinava e diluclava quando passaram sobre a ilha Maracá. Hinton dirigiu o hydroplano a toda a velocidade por sobre o braço septentrional. A escuridão envol-

via depressa as zonas equatoriaes, e compreendendo-ram os aviadores que, si não amerissemos logo em poucos minutos, teriam de voar sobre o matto escuro, sem ver qualquer ponto do terreno que pudesse orientá-los.

Tres ilhas pequenas avistaram então sendo uma dellez ladeada por uma praia arenosa. Estava alli o porto de salvamento e em pouco sobre a praia tocava o aparelho aadaz.

Depois de parar o hydroplano, percorreram os desentidos aviadores a ilha coberta de mataagal, onde haviam de estabelecer uma soberania sem titulo por onze dias.

Essa ilha «de Robinson» tinha uma milha de comprimento e um quarto de milha de largura, e estava densamente coberta de matto de grande variedade de arvores, e aparentemente inabitada. Escolhiho o lugar mais apto para um acampamento, amarraram uma corda entre duas arvores para servir de cumeira, pondo sobre ella uma peça de lona para fazer um abrigo. Debaixo desta penduraram as suas redes, pois como os marinheiros, também os navegadores no verde matto sempre dormem em redes. Estes são até as camas geralmente usadas no Amazonas, pela obvia razão, que só li-

mitado numero de insectos rasteiros pode passar numa noite pelas duas finas cordas. E' um problema de viação,—e os dois aviadores aprenderam mais que, creosofando as cordas, podiam pôr um signal de «Parar», para esses rasteiros.

A primeira noite passou sem incidente. A manhã seguinte foi destinada ao concerto do hydroplano. Com grade, lona e algumas tiras de mogno puderam remendar o casco avariado, pois o extrago não era grande. A difficuldade estava em levar o hydroplano de novo para a água, porque o nivel do rio desceia infelizmente, durante o trabalho.

Dois homens não eram capazes de mover o avião, de modo que não havia outra cousa a fazer senão esperar e descansar até o rio tornar a subir...

Quatro dias depois a ilha recebeu uma visita. Quatro indios—tres homens e um menino, desceram o rio numa piroga, e vendo o fio de fumaça do fogo do acampamento, pararam para fazer investigações.

Hinton e Stevens cozinhavam peixe para o almoço, quando elles appareceram. Levantou-se então a questão de etiqueta: Como devia a civilização apresentar-se ao homem primitivo?

Apparentemente era esta a primeira vez que se viam em contacto com a civilização. Não traziam ferro algum, o seu bote e as suas armas eram productos do matto, mas logo comprehendiam o valor do metal, pois fizeram o maior esforço para negociar um machainho com os aviadores.

O hydroplano estava do outro lado da ilha, invisível para o acampamento; para lá, fizeram os dois aviadores um trilho estreito que, apesar de quasi imperceptível, foi visto pelos indios em pouco tempo. Evidentemente ficou excitada a sua curiosidade a respeito do modo de chegarem alli, pois se levantaram e desfilaram pelo trilho.

Não ficaram muito espantados á vista do grande avião; pareciam pensar que os gigantes brancos pudiam possuir as cousas mais impressionantes.

Esses indios,— coisa singular—não eram de modo algum incommodados por mosquitos e moscas. A sua pelle fina, parda, lisa e lustrosa, não mostrava nenhum signal de mordedura de insectos, apesar de nada vestirem para proteger-se. Acreditaram os aviadores que talvez o habito de não usarem nem sal nem assucar, mudasse de tal modo o seu sangue e suor, que não officeriam attractivos para os insectos.

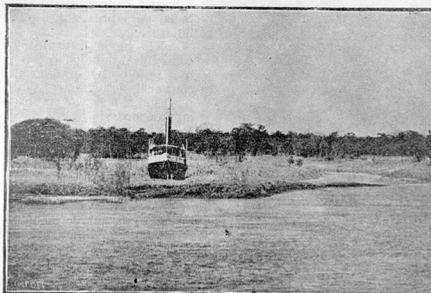
Mencionada aos outros membros da expedição essa particularidade que os havia impressionado, elles informaram que os selvagens amigos da comitiva ultimamente eram vistos matando os mosquitos com grande energia.

Isto robusteceu a supposição formado homem branco, começaram também a sentir-se incommodados pelos insectos.

A PRAGA DAS FÓRMIGAS

Uma noite, Hinton pendurou a sua camisa sobre uma corda de pesca. Na outra manhã, quando quiz vestil-a, a camisa caiu quasi em pedaços em suas mãos, porque constava lá maior parte apenas de buracos. A investigação mostrou que durante a noite um batalhão de formigas brancas subira e desceira pela corda, cortando a camisa em pedaços, bocado por bocado.

Ha formigas, aliás, em toda parte do Amazonas; e todas as especies de formigas: pretas, vermelhas e brancas, grandes e pequenas. Entram em todas as coisas, e quasi não ha nada que não comam; caíram em milhares sobre o avião, voando como viajantes clandestinos, mas, felizmente, não agredão a seus paladares a tinta das azas e do casco da barquinha.



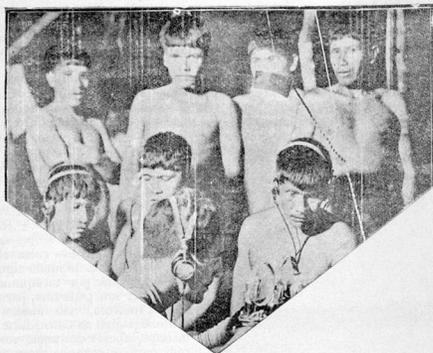
O CAPITÃO DESTA NAVIO DESCEU RIO ABAIXO, QUANDO O AMAZONAS ESTAVA ALTO E, JULGANDO-SE ACHAR NO MEIO DO RIO, PAROU ONDE LHE PARECEU HAVER UM BANCO DE AREIA. HOUVE, PORÉM, UMA VASANTE RAPIDA E ENTÃO SE VERIFICOU QUE O NAVIO ESTAVA EM TERRA, SENDO OBRIGADO A FICAR ALI ATÉ A ENCHENTE DO ANNO SEGUINTE PARA PODER SAHIR.

Esta approximação podia ser de extrema importância, tanto mais que ambos sabiam que o Dr. Rice, havia sido atacado alguns annos antes, por uma tribu hostil de indios na margem do Orinoco, e que 200 milhas para o sul do este-ha dois annos, foram assassinados 68 membros de uma expedição que procurava terrenos petroliferos.

Partir o pão já era um signal de paz muito antes que se pensasse no ramo de oliveira; portanto mostraram aos indios o peixe na panela e indicaram, por signaes, que se podiam servir, o que fizeram os selvagens com evidente satisfação, ratificando assim um pacto de entendimento.

Os visitantes eram pela sua estatura superiores aos indios até então encontrados nas margens do rio inferior. Pela formação do rosto têm semelhança com o typo mongolico. Tinham o cabelo cortado, deixando uma cabeleira redonda em forma de «terrina».

Cada individuo estava escurupulosamente limpo, e tomava banho regularmente. Mostraram-se inteligentes, fortes, alegres, servizes e amaveis uns com os outros; cada um, porém, absolutamente independente, confiando em sua habilidade e experiencia.



INDIOS MACUS, DO RIO URAGUICOERA, OUVINDO UMA CONFERENCIA SOBRE EDUCACAO, PELA RADIO TELEFONIA

O RIO SOBE AFINAL

Depois de tres dias de chuva, no decimo dia de exilio na ilha, o rio comecou a crescer e, para alivio dos aviadores, fluctuou de novo o hydroplano.

O «Eleanor III» (nome do hydroplano) partiu em bella subida, fugindo das garras do matto.

OS INDIOS E AS INVENCOES MODERNAS

Enquanto que para os excursionistas o racio provou repetidas vezes o seu valor durante a viagem, tanto a sua magia como a do hydroplano pareciam estar desprestigiadas para os indios do territorio superior do Amazonas. E' que o dr. Koch Grunberg, que passara por aquella regiao, numa expedicao anterior, levava consigo um phonographo portatil e discos de cera. Elle persuadiu os indios a falarem na machina, e depois fez a repetir as palavras delles. Ap6s essa exhibicao n6o havia mais nada que pudesse espantar aos indios. . .

Comtudo, sempre que o avi6o levantava v6o, elles se punham em fuga, matta a dentro, e apenas alguns rostos mais corajosos estav6am a machina por entre a folhagem do cortinado verde da margem do rio. O barulho do motor parecia impressional os mais do que a vista do hydroplano, a que chamavam «O Bicho Grande».

Uma photographia, tirada 6 luz de magnesio, produziu grande effeito. Num acmpimento na margem do rio, o barulho do motor parecia impressional os mais do que a vista do hydroplano, a que chamavam «O Bicho Grande». Uma photographia, tirada 6 luz de magnesio, produziu grande effeito. Num acmpimento na margem do rio, o barulho do motor parecia impressional os mais do que a vista do hydroplano, a que chamavam «O Bicho Grande». Uma photographia, tirada 6 luz de magnesio, produziu grande effeito. Num acmpimento na margem do rio, o barulho do motor parecia impressional os mais do que a vista do hydroplano, a que chamavam «O Bicho Grande».



PELE DE JAGUAR DAS FLORESTAS AMAZONICAS.

num instante, enquanto que os outros que assistiam deram uma grande gargalhada.

Em outro lugar, por6m, n6o foram felizes os excursionistas, photographando uma malocca (cabana comum de varias familias). Os indios, vendo as nuvens de funaca sahir do topo da cabana, concluiram que os brancos acabavam de nella p6r fogo, cercaram-nos gesticulando e gritando, sendo preciso fazer a mesma experiencia fora da cabana, para provar-lhes que era innocua.

N6o havia difficuldade em conseguir dos indios «poses» para um retrato. O problema, ao contrario, era fazel-os sahir da posicao. Uma vez postos em attitude propria deante da objectiva, elles ficavam nella indefinidamente.

V6O SOBRE AS NASCENTES DO RIO PARIMA

A 11 de março de 1925, foi feito um v6o de quatro horas entrando-se na garganta do Parima, em verdadeira exploracao.

Debaixo do apparelho precipitavam-se as aguas enfurecidas, os montes estrilavam mais e mais o

rio, as palmeiras comecavam a rarear, e a matta extendia-se por todos os lados, revestindo de verde as collinas e 6s vezes tambem as estreitas corredoiras.

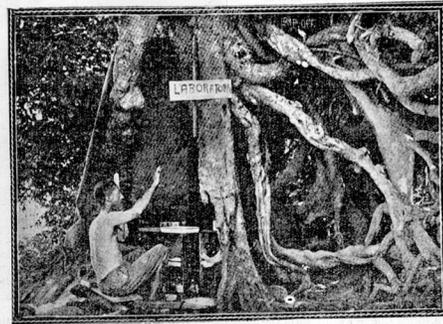
O rio cah e 400 p6s, no percurso de quatro milhas. Entre o verde do matto via-se, de vez em quando, um fio prateado de agua, emanado de nascentes occultas no matto, cahir nos abismos escuros de centenas de p6s de profundidade.

O apparelho avançava sempre mais para as nascentes do Parima, e al6m, subindo sobre a linha da divis6o das aguas da montanha, onde a serra despecha as suas aguas ao mar, pelo curso do Orinoco, ou ao Amazonas. C6 e l6, ao longo do rio, e 6s vezes, a grande distancia, dentro do matto, avistavam-se as maloccas redondas dos indios.

Sobre os sitios de acampamentos indigenas na parte superior do rio, os aviadores lançavam paraqu6das, nos quaes atiravam missangas e bujiganas de varias especies.

Esses presentes deviam ser signaes de paz, para provar-lhes a intenc6o amigavel da expedicao do Dr. Rice, que mais tarde havia de passar por aquellas partes. Nenhum membro da expedicao que avançava por terra tendo sido incomodado pelos indios, 6 de crer-se que taes presentes, vindos do alio, tenham sido de utilidade.

A' cabeça da garganta havia uma boa malocca, por isso o hydroplano desceu numa curva por cima della, para ser tirada uma photographia. Isso levou o apparelho 6 cantada quente do ar da garganta, e quando Hinton tentou subir de novo, achou



UM OCO DE RAIZ CONVERTIDO EM CAMARA PHOTOGRAPHICA.

que a agua do irradiador estava fervendo. E' que o v6o estava sendo feito debaixo das margens superiores da garganta, a 600 p6s por cima do leito do rio, enquanto que, em geral, o faziam na altura de 3000 p6s; altura a que, ent6o, n6o havia meio de voltar. A unica possibilidade de sahir era seguir o curso do rio pela garganta, fazendo todas as curvas e viravoltas do estreito rio; o que foi feito.

Entre os lados da garganta, que se levantavam, como muros, sobre o hydroplano, Hinton dirigia o apparelho virando para l6 e para c6, sempre na mesma pequena altura. Voltas em forma de S se abriram a cada instante, mas afinal chegaram ao fim da garganta e 6 frente dos pesquisadores extendia-se a vista agradavel pela agua larga e lisa. . .

O «Eleanor III» desliscou decendo sobre a sua base, onde Charles Bull e os seus indios estavam esperando. Os aviadores rjubulavam-se, pois acabam de realizar um objectivo pelo qual tinham trabalhado nove mezes e viajado milhares de milhas.

Encontrando-se o capit6o Albert Stevens, seis mezes depois, com Charles Bull na California, soube elle de quanta utilidade tinham sido os mapas dessas terras desconhecidas, que elle esboçara no ar. Nesses esboços via-se o curso do rio Parima com todas as suas curvas, suas cachoeiras, corredoiras e ilhotas; viam-se todos os seus tributarios com as suas



TARTARUOS DO RIO NEGRO

direções, a percentagem avaliada do volume d'água acrescentada ao rio principal. Estavam indicadas as clareiras com cabanas de índios, quasi sempre invisíveis para os que passam pelo rio, mas bem visíveis do avião.

O dr. Rice e os mais companheiros subiram mais tarde o rio Parima até as na-centes. Hinton e Stevens voaram de volta para Manaus.

E assim terminou este raid extraordinario, cheio de aventuras, sobre o valle amazónico, que Albert Stevens descreve na «The National Geographic Magazine», de onde extrahimos as informações que registramos, illustradas com photographias, para as paginas desta Revista, por se tratar de materia da maior relevancia, para todos que se interessam pelas riquezas naturaes do Brasil.



UM TIPO DE MULHER ACREANA.

Educação da vontade

MARIA LUISA DE ALMEIDA CUNHA

DENTRE os multiplos problemas que se prendem á educacão, o que se refere ao cultivo da vontade é incüsitivamente o mais importante.

A preocupação de intellectualismo absorve quasi totalmente as energias do nosso professorado, pois que é preciso dar conta dos programma!

Monopoliza das por es ideas descuram nossas escolas da formação do caracter deixando que se embatem as forças poderosissimas da vontade e da consciencia sem as quaes é infecundo o trabalho.

Iste descaso acarreta consequencias nocivas mesmo do ponto de vista unicamente intellectual.

Como nos exercicios de gymnastica se dá de um tempo a outro a ordem de «descansar» assim seria utilissimo, que alguns vezes o professor interrompesse o ensino puramente intellectual para fazer com seus alumnos como que uma incursão no mundo real seja e ta a proposito de um factio historico. I terario, de um aconecimento eventual da vida escolar. Não é possível alienar a personalidade do professor o papel de educador, nem co-sentir que se esco o petido escolar de curando o alicerce da educação que é a modelagem do caracter.

Entretanto é sobre a vontade que o professor dirige com eno sequença a sua influencia, já por lhe desconhecer a mecnica, já pelas tendencias actuaes de um cultivo exaggerado do individualismo.

Os que labutam no professorado colectivo bem comprehendem o que vale de utopia no conceito que Gurriff explana em seu tratado «Educação da personalidade».

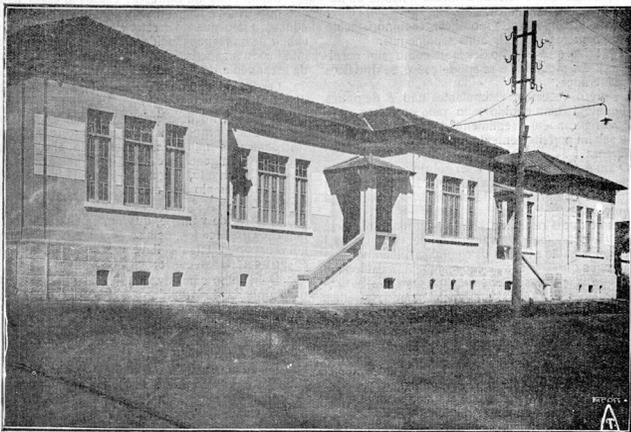
—La nature a crée des personnalités, l'education les nature.

Les petits entrent à l'école enfantine avec des natures diverses; ils sont tous façonnés de même quand à vingt ans ils quittent les gymnases. Le long du chemin, souvent hérisse d'épines, ils ont appris à plier leur volonté sous l'autorité de l'école à se courber sous le joug, à trainer la charrette; ils ont développé toute résistance et toute rébellion».

Parece inacreditavel que haja quem se capacite de taes ideas! Entretanto ellas se instruem sorrat, iradamente e vemos a cada passo, nas escolas, os resultados funestos da liberdade: mal comprehendida, e da abdicacão da autoridade dos educadores—São consequencias das doutrinas de Kou-seau...

A educação do caracter que se baseie na realidade não cultivará de desenvolver na criança a vontade incisiva, bem como o contrario, guil-dá de modo a colibir-se quando necessario, fazendo-lhe comprehender a necessidade da obediencia:

De todas as nossas facultades a vontade é realmente a que mais precisa de disciplina, pois que aban-



GRUPO ESCOLAR DE ARAGUARY.

donada a si mesma, degenera em capricho, inconstancia, volubildade!

Os que condemnam a obediencia que deve ser exigida em classe dos alumnos, acomodando-a de factor de froualdio, esquecem que a obediencia é a melhor escola para que a criança aprenda a se dominar, preparando-a para a vida social.

Tudo o que se invoca contra a obediencia seria admissivel se quizessemos subordinar-a a uma autoridade arbitraria, desarrazoada e não a uma autoridade normal e bem constituída.

Entre os extremos da obediencia passiva de out'ora, conquistada a poder de palmatoria, e a tendencia a afastar do caminho da criança todas as dificuldades de modo a lhe criar um mundo ficticio em que não se exercite o seu esforço para vencer o que lhe repugna, fica o que consideramos o ideal em materia de educação da vontade, isto é, a obediencia pela liberdade.

A disciplina antiga, baseada unicamente no medo, pouca influencia exercia sobre a formação intima alem de excitar, na maioria dos casos, a revolta.

É preciso que o educador, hoje, se preocupe em conhecer o espirito de seus alumnos para guial-os nas luctas contra suas inclinações.

Conhecendo-os, comprehenderá que não é possivel usar para todos a mesma fórma, nem a me me bitóla.—E sabemos quanto isto exige de abnegação e devotamento da parte de um educador!

Os processos repressivos, quando não em absoluto condamnáveis, só se devem usar em casos extremos.

As crianças que rebeldas e petulantes quando reprimidas deante das collegas, atendem ás observações com uma docildade emocionante quando chamadas á parte e tratadas num tom affectuoso, embora severo.

Estes meios susorios, em que a educadora dá um pouco de sua alma e de sua bondade áquelle espirito em formação, parecem-nos infinitamente melhores que todos maos pontos, privações de sahida, linhas de copia que tantas vezes se impoem a granel!

O systema de consentir que o alumno repare a falta cometida tambem dá excellentes resultados.

Si lhe promettemos levantar o castigo sob uma condicão dada, a criança se entusiasma e temos visto muitas vezes que é com real alegria que obedece a imposição reparadora. Que fazer, entretanto, quando encontramos casos de preguiça, tão communs nas nossas classes numerosas?

Se não é uma preguiça mórbida, o ponto de partida para o trabalho de regeneração consistirá primeiro em descobrir si a criança tem alguma preferencia caracteristica, si e particularmente dotada de uma aptidão qualquer. Descoberta esta preferencia, fazemos della a alavanca para o trabalho moral desejado.

Não nos esqueçamos de que a educação é uma obra de bondade. Raramente re-istem as crianças á afeição! Conquistada esta, facilmente se move a intel-

ligência, e consegue o educador inculcar o hábito do trabalho e dos bons costumes.

A educação moral visa modificar o comportamento e não unicamente sugerir bons sentimentos.

É preciso que a acção desponte como um corolário das idéas inculcadas, e se aperfeiçoe e se fortaleça na perseverança.

Dentre os recursos estimulantes não é de pouca valia um elogio bem cabido feito pelo professor.

As crianças têm o sentimento da justiça muito apurado e sabem perfeitamente dar o devido apreço a essa recompensa.

O elogio deve entretanto ser sobrio, não reiterado e feito mais como um incitamento a progredir do que como a comprovação de um aperfeiçoamento já realizado.

Mesmo que o resultado obtido pelo alumno esteja aquém da nossa expectativa seria crime desanimá-lo!

Use-se então a tática da *confiança* incumbindo-o de encargos dosados á sua capacidade e façamos-lhe sentir todo o interesse de nossa parte para que os execute exactamente. Quantas crianças, vendo que lhes testemunhamos confiança, se incitam a proceder bem!

A tarefa do educador não consiste em desprezar as pequeninas cousas, e sim em elevá-as de modo a lhes dar uma feição nova, ligando-as aos bens superiores da alma.

Quem quiser realizar trabalho verdadeiro de educação, não pôde se abster do apello continuo aos sentimentos íntimos da alma.

Precisamos inculcar fortemente na criança a *idéa* de que o trabalho é a condição indispensavel de seu aperfeiçoamento interior, reagindo contra essa falta prematura de enthusiasmo e de estímulo, tão notoria nos estudantes de nossos dias.

Será essa disposição unicamente consequencia da multiplicidade de divertimentos excitantes que atraem as crianças?

Será uma resultante da moral leiga que proibe a invocação de argumentos de ordem sobrenatural e religiosa?

«Sendo a escola actual a escola da vida, os professores e os paes devem conjugar o pensamento, de tal maneira que a criança, em casa, encontre um mestre e, na escola, encontre um pae». — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

Sejam estas ou outras as causas d'esses tendencias herdadas, o facto innegavel é que a obra inteira de educação depende do mestre e que elle não pôde se eximir dessa responsabilidade. A educação supõe um inferior e um superior; é feição, portanto, de influencia, de ascendente de autoridade.

Onde poderá o mestre haurir essa autoridade indiscutível?

A personalidade physica não basta; os dons intellectuaes, cuja argucia mantém o interesse, facilitam a disciplina mas não conseguem tudo ainda. A bondade e a indulgencia realizam um pouco mais... A bondade, entretanto, o condão que mais toca a juventude é o exemplo no mestre de uma vontade bem coordenada.

A força de vontade, que nunca se manifeste em impulsos irreflectidos, nem se contradiga, nem ameace em vão, conquistará inevitavelmente um prestígio valioso nos caracteres em formação.

O trabalho educativo não pôde ser burilado só na periphéria do individuo—precisa por em contacto as aspirações íntimas da alma com todas as suas espheras de acção.

O catholicismo, emalheando o acto de obediencia, como a melhor conquista do individuo sobre si mesmo, faz bem comprehender que não existe a tão decantada incompatibilidade entre a disciplina rija, moldada em um programma moral perfeitamente assentado e definido, e o livre desenvolvimento das faculdades intellectivas como das demais feições desse complexo que constitue o caracter do individuo.

É certamente, cousa bem diversa o cerceamento da acção individual sob o guante autoritario de um ascendente voluntarioso que desorienta os melhores impulsos, á mingua absoluta de um ideal elevado e unico que os norteie.

Os resultados surprehendedentes e por vezes heróicos alcançados pela obediencia a principios preestabelecidos illustra com bastante eloquencia o thema que ora propomos aos leitores da *Revista do Ensino*.

O ensino de leitura e escripta aos retardados

ZELIA RABELLO

(CONTINUAÇÃO)

D FSDE que a maioria da classe prove conhecer a 1.ª phrase ensinada, passa-se á segunda, sem cuidar de decompor a 1.ª em palavras e estas em syllabas, por emquanto. No verdadeiro ensino pelo methodo da sentençação (unico, a nosso ver, compativel com as intelligencias fracsas), só devemos começar a decomposição da sentença em palavras e estas em syllabas, depois de familiarizados os alumnos com um determinado numero de phrases, as quaes terão que ser cuidadosamente escolhidas, atendendo-se á um duplo fim: o de tornar a lição interessante e o de trazer, devidamente dosados, todos os sons da lingua, na sua representação grafica. Verão que, neste desprezencioso ensino, procurámos apresentar, na 1.ª phrase do ensino, os diversos sons das vogaes, tentando fazê-lo do modo mais interessante possível; as phrases a serem es-

- 1—Alice tem uma boneca.
- 2—Elisa pula a corda.
- 3—Ida joga a peteca.
- 4—Olavo roda o pião.
- 5—Ubaldo solta o papagaio.
- 6—Ondina está pintando figuras.

Para o ensino de cada uma dessas 6 phrases, o processo será o mesmo do da primeira, (1), acompanhando sempre a aula de leitura, a de escripta, como ficou exposto. Todas essas primeiras lições serão invariavelmente em letra manuscrita, para

(1) Vide Revista do Ensino, nº 15.



FIG. 1



FIG. 2



FIG. 3



FIG. 4



FIG. 5



FIG. 6

aproveitar o instinto de imitação existente em toda criança, e aproveitá-lo aqui em benefício do ensino de escrita: inúmeras vezes observámos, nas nossas classes de principiantes, quando adoplava-mos o processo de escrever as primeiras lições no mos o quadro negro em letra de imprensa, que as pala-vras escritas pelos alumnos, sob dictado, vinham sempre em caracteres de imprensa, assim como as primeiras tentativas de copias, feitas de contraban-dão, á revelia da professora: pelo gosto de fazer nas pequenas ardores, com os pequeninos dedos ainda perros, a mesma coisa que fazia D. F. no quadro negro, tal qual. Assim, enquanto ensinamos á pe-quenada o que precisa saber, vamos tambem apre-n-dendo com ella em seu proveito e no nosso, as suas inclinações e preferencias, forças essas que devemos religiosamente utilizar na occasião opportuna, fa-zendo-as reverter em beneficio do ensino. Achamos, pois, que o systema de ministrar as primeiras lições de leitura, em letra de typo de imprensa, re-ducida em prejuizo no ensino da escripta, sem adian-tar no da leitura, visto passarem as crianças a ler a letra impressa com uma grande facilidade, depois de familiarizadas com a manuscrita.

Feito o ensino de cada uma das phrases, de por si, podemos organizar, como exercicio de re-

capitulação, um jogo de vispora: em um pedaço de papel ou papello de 20x30 cm, mais ou menos, es-palharíamos as seis phrases espaçadas, e, em seis cartões pequenos, as teriamos escritas, cada creveríamos as seis phrases espaçadas, e, em seis cartões pequenos, as teriamos escritas, cada uma em separado, distribuindo esse material pela classe e pondo-se a professora a cantar as pedras, fazendo-se deste modo uma sabbatina alegre e ani-mada.

Vejamos como nas seis phrases primeiras pro-veitadas para o ensino dos diversos sons de cada uma curámos introduzir os diversos sons de A em: — Olavo, pagagio, Ubaldo, está, (som forte); Alice, paga-gio, (som medio); uma, boneca, Elisa, etc. (som fraco); pintando, pão (som nasal).

Do mesmo modo os diversos sons de E: — bone-ca, peteca, (som forte); Elisa, peteca (som me-dio); Alice (som fraco); tem (som nasal).

Para o I: — Alice, Elisa, Ida, pintado.

Para o O: — jogri, roda, solta (som forte); Ola-vo (som medio); Ubaldo, pagagio, Olavo (som fraco); Ondina (som nasal).

Para o U: — pula, Ubaldo, figuras, um.

Algumas palavras sobre a leitura silenciosa

ELVIRA BRANDÃO

COMQUANTO ainda haja considerações a fazer so-bre as difficuldades encontradas na phase inicial do ensino de leitura, resolvem-se tratar da *leitura silenciosa* ultimamente introduzida no nosso programma de en-sino, por ser de relevancia capital no decorrer da vida pratica.

Os exercicios respectivos devêo ser graduaes e comecar no primeiro anno. As instruções do progra-ma para as classes principiantes são bastante claras, dispersando, por isso, desenvolvimento e pratical.

Nos outros annos (terceiro e quarto) pela varie-dade dos exercicios já applicados e pelo excellente resultado obtido, podemos bem affirmar a eficiencia deste processo, que é complemento da leitura oral.

Para a sua execução, é indispensavel que a es-cola disponha de material sufficiente, isto é, livros ou revistas, desconhecidos da classe, contendo trechos e contos de facil comprehensão, de maneira a serem distribuidos, um para cada alumno.

Não possuindo o estabelecimento o material ne-cessario, suggerimos outros meios, mais trabalhosos, é verdade, mas capazes de produzir o resultado que-rido.

Dado o primeiro caso — o de haver os referidos livros para todos os alumnos da classe — poderemos fazer diversos exercicios.

Trataremos do primeiro, dividindo-o em duas partes:

a) abertos os livros, receberão os alumnos a ordem de comecar a leitura, devendo todos faz-la silenciosamente, em determinado tempo, conforme a extensão do trecho escolhido;

b) finda esta tarefa, serão recolhidos os exem-pares; nova ordem se verificará: a de reproduzirmos o que leram, em linguagem escripta, tambem em tempo marcado.

O trabalho realizado, sobre ser muito rapido, tem a vantagem de representar e forçar *excluso* vo do alumno.

Perderemos ainda executar a leitura silenciosa por meio de perguntas.

Não devendo o alumno ter conhecimento da historia ou trecho que vaé interpretado, serão copiadas as perguntas em outra sala, ou na sua propria, desde que o façam na vespera ou em dias anteriores á da verificação da prova, porque, neste caso, os alumnos nada reterão do que houverem escripto.

O modo de proceder é muito simples:

Recebidas as provas, os alumnos se agruparão sem dellas tomar conhecimento. De posse dos livros, dar-se-á o signal para a leitura, finda a qual os alumnos tomarão as folhas com as perguntas e as irão respon-dendo em sentenças completas.

Quatro processos se nos empregado, tambem com bom resultado, e este em forma de *test*.

Em sala differente, cu pssadas a machina, pre-parar-se-ão as folhas contendo o trecho em questão;

em outros, ficarão as perguntas, e, abaixo destas, di-versas respostas que possam convir ao assumpto.

Dado o tempo para a leitura e terminada esta, o alumno agrupar-se-á *in situ* e applicavel ao caso.

Deste modo, verificando-se o grau de comprehen-são de cada um, despertando-lhe a actividade, methodi-zando-lhe o trabalho, com grande economia de tempo.

Exemplificaremos este caso, para que nenhuma du-vida pairé sobre elle.

«Gustavo aprisionou um lindo canario. Todo contente, encerrou-o numa gaiola e foi mostrar o á mamãe.

Tão desastrosamente, porém, o fez que o posse-ros fugiu. Espantado, com os olhos em lagrimas, pas-sou a correr, perseguindo o pobrezinho, que buscava a liberdade.

Tentativa inutil; exaustão, com as faces em fogo, eijo-o de volta ao beirão de mãe que o espera compas-siva e, entre beijos, lhe diz:

— Filhinho, não chores. Gostaria que te rou-bassem a tua mãe, que te privassem dos seus beijos e dos seus carinhos? Deixa o passarão em paz; elle foi, talvez, levar a alimento ao filho imlume, que chora a sua ausencia! Não, as prendas os passarinhos! Guar-da a tua gaiola e, toda vez que a olhar, lembra-te das palavras de tua mãe.

Gustavo, como bom menino, comprehen-deu-as bem, e, num gesto infantil de alegria, prometteu que jamais aprisionaria as lindas aves.

I) Como se chama o herde da nossa historia?

II) Que fez elle?

III) Onde collocou o passarão?

IV) Que aconteceu quando foi mostrar-o a sua mãe?

V) Pude alcançal-o?

VI) Depois da leitvira que fez para prnhar o canario, como se aproximou da mamãe?

VII) Que representam as palavras de sua mãe?

VIII) Emendou-se, Gustavo, com os conselhos de sua mãe?

RESPOSTAS

I) Pedro, André, Gustavo, Mario;
II) estudou a lição, trepou na arvore, foi brian-car na rua, prendeu um canario;
III) em uma caixa, na gaiola, no alçapão, no vi-veiro;

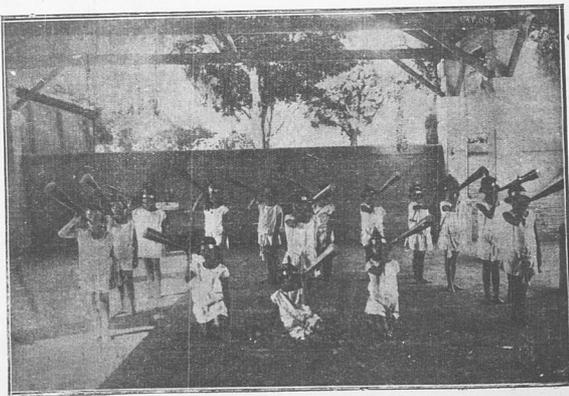
IV) fugiu, cartou, voou, escondeu-se;

V) sim, não;

VI) alegre, exaustão, a chorar, cantando;

VII) uma repreensão, um aviso, um conselho
uma ameaça;

VIII) não, sim, bem depressa, logo.



JUIZ DE FORA—MARCHA DA «AIDA»—GYMNASTICA RYTHMICA.

PRESIDENTE MELLO VIANNA

Publicando, em lugar de honra, neste numero — o ultimo que se edita sob a direcção do actual governo — o retrato do sr. presidente Mello Vianna, a «Revista do Ensino» faz timbre em dizer que não cede, com este impulso, ao imperio frio de uma praxe. Tambem não vibram, nestas linhas, applausos ao administrador. Minas inteira já lhe fez a justiça de cercar-lhe o nome dos flores do seu melhor apreço e lhe bate palmas ainda mais quentes no esplendido occaso desta jornada governamental. O fim desta homenagem não é, pois, esse.

A «Revista» quer tão sómente que se perpetue na sua collecção, dentro duma discreta moldura de carinho e de sinceridade, o perfil desse grande homem publico, sob cuja inspiração ella nasceu, no principio — tímido supplemento do organo official, e sob cujo apoio pouco a pouco cresceu, — agora vigoroso panhado de paginas, feitas para a instrucção. Affluindo ás mãos de todos os professores mineiros, chegando ao seio de todas as escolas, a «Revista» quer ainda contribuir para que a actual e as vindouras gerações escolares, — almas que passam, descuidadas, não esqueçam nunca o estadista que operou o milagre da renovação do ensino em Minas e foi, no que diz respeito a esta empreitada cheia de exaltação, um admiravel professor de energias.

Em menos de dois annos de governo, o sr. presidente Mello Vianna introduziu novos moldes pedagogicos, intensificou, para o dobro, o movimento da matricula escolar, premiou os mestres capazes, levou aos professores rurales a luz alta do estimulo, procurou imprimir á inspecção tecnica um rythmo mais forte, proveu de excellent material innumeraveis escolas, agitou a «colaboração illuminada» das senhoras mineiras na obra do ensino, idealizou e realizou construcções escolares com a nota de conforto e de esthesia que a moderna pedagogia exige, deu impulso ainda não egualado ás caitas escolares, cuja recolta duplicou, procurou transformar os conselhos escolares em organismos conscientes, pregou a diffusão das Ligas de Bondade, dos museus e das bibliothecas infantis, inaugurou o aproveitamento da cinematographia como esplendido methodo

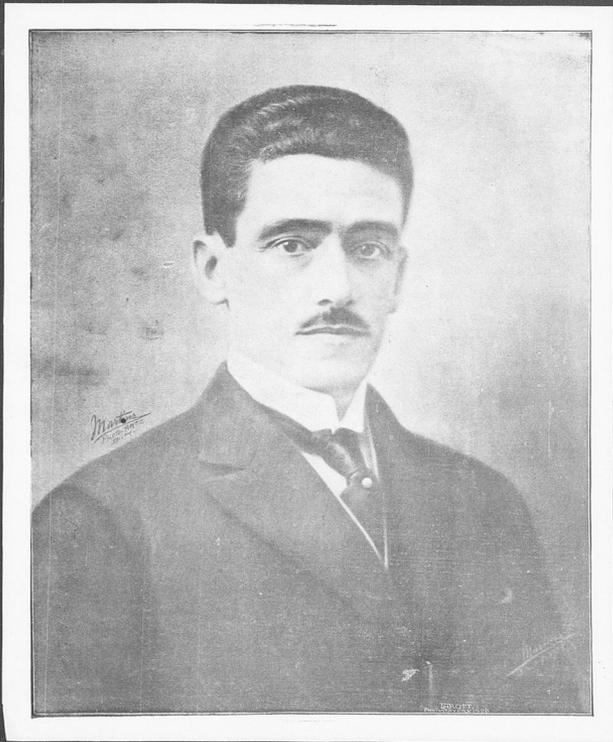
pedagogico, aperfeicou e adaptou aos moldes actuaes o ensino da costura, do desenho e da gymnastica, estimulou as camaras municipaes, creou as escolas ambulantes e as escolas complementares, cuidou dos livros escolares, iniciou o serviço de inspecção medica escolar, remodelou o Internato Gymnasial de Barbacena, assentou as primeiras pedras da construcção organica que vai ser o Gymnasio de Bello Horizonte, insallou o Conservatorio de Musica, inspirou e fez levar a effeito a organização dessas paginas immortaes que são o hymnario e o cancionero infantil, fundou o Instituto de Cegos, fez o Grupo Pedro II, creou a Escola Maternal, — n'uma palavra: accendeu, deu vida, banhou de intelligencia a obra educadora.

O balanço desse trabalho authentico, tão sagrado quanto o ideal que intensamente o animou, não cabe nesta leve pagina, aberta apenas para render um preito.

Homem de governo e, sobretudo, chefe querido do povo, com responsabilidades tanto maiores quanto mais amado, a sua passagem pelo poder, tendo sido de constante apreço a esta estima publica, não se define propriamente por uma caracteristica isolada. Tem ao contrario, de todos os lados — á semelhança do crystal — faiscões imprevisas e até mesmo esses clarões de céu limpo com que os bons fados costumam annunciar aos habitantes da terra as epocas de colheita farta e de prosperidade publica. Realisou tanto, que vai deitar o seu posto com esse nobre direito de ter orgulho da obra feita.

No supremo posto de direcção do Estado, senhor de toda a força moral e politica que o regimen presidencial concentra na vontade do presidente, o sr. presidente Mello Vianna fez, entretanto, não sem largos impulsos de liberalismo e de crenças democraticas, aquella alta politica do trabalho, a que João Pinheiro chamava a fecunda e nobilitante politica de cousas.

A «Revista», pois, sente-se bem, neste declinio da administração, em juntar a sua voz ás vozes tantas que se levantam para dizer ao filho illustre, que a serviu com desvelo, o estremecido agradecimento da terra amada.





ESCOLA MATERNAL

Bem dita a mão que entre louvores e hymnos
 Aos pobrezinhos deu amparo e luz:
 — E deixae vir a mim os pequeninos—
 Foi deste modo que falou Jesus.

Bem dita a mão que ás criancinhas pobres
 Estende a mesa e lhes constroee o ninho:
 Mão affeita sómente aos gestos nobres
 Da Protecção, do Amor e do Carinho.

Mão que de fazer bem nunca te canças
 Obra maior jámais farás, talvez:
 — Jesus hade, sorrindo, entre as crianças
 Abençoar a mão que tanto fez.

Para a alegria aqui reinar—ha tudo,
 O calor da bondade tudo aquece;
 Jardins que têm canteiros de velludo...
 — O Amor, quando constroee, de nada esquece.

Bem dita seja a mão que acaricia,
 Bem dita seja pelos gestos seus:
 Mão que ao fazer o bem tão bem faria
 Como si fosse a propria mão de Deus.

O Brasil e a conquista do ar

Alguns traços da vida de Santos Dumont.



SI, em qualquer época, seria justa uma referência desta revista a Santos Dumont, o brasileiro que mais alto talvez elevou o estrangeiro o nome de nossa terra, agora, além de justa, é oportuna uma palavra a respeito do grande inventor da dirigibilidade dos balões, sabendo-se que o presidente de Minas, sr. dr. Mello Vianna, está empenhado no estabelecimento de uma linha aérea entre Belo Horizonte e o Rio de Janeiro.

Cumpro, aliás, a todo o brasileiro, naturalmente aos educadores, não deixar que cãia no óbvio o nome e a obra de Santos Dumont, patriota nosso que recebeu da França uma consagração com o monumento em sua honra levantado em Saint Cloud e que contribuiu decisivamente para a viabilidade da navegação aérea — indiscutivelmente uma das conquistas mais arrojadas da ciência moderna.

O seu nome deveria ser mesmo constantemente repetido pelos mestres aos alunos, porque, além do que elle representa como expressão da nossa cultura scientifica, pôde ser apoiado como um símbolo de fôlego aéreo.

Com o êxito, a descoberta de Santos Dumont, como se pôde constatar, é uma brilhante victoria da persistencia.

Santos Dumont é mineiro. Sobre o logar do seu nascimento ha muitas varias duvidas. O que parece entretanto certo é que nasceu em João Ayres, nas vizinhanças da Mantiqueira. Nasceu no dia 20 de julho de 1837.

Dizem que desde criança mostrára predilecção pelos sports e que cedo lhe sobreviera a idéa da conquista do ar. O certo é que, tendo feito estudos especiaes, depois de ter cursado as escolas de S. Paulo, partiu para Paris, no intuito de mandar construir um balão, munido de um motor e de um propulzor.

Installado naquelle capital, mandou construir o seu primeiro balão, que se chamou *Brasil*. Este

subiu ao ar no dia 4 de julho de 1898, no jardim da Aclimação, em Paris. Com o seu segundo balão denominado "*A Mica*", tomou parte num concurso de balões aberto pelo Aero Club para o estudo de correntes atmosphéricas e no qual concorreram doze balões. O seu foi o vencedor, pois subiu mais alto e manobrou durante vinte e tres horas.

Chegou por esta occasião á corteira de que os balões de forma esphérica não podiam convir á aeronautia moderna: fez construir outro muito differente — um cylindro formado por dois cones de 25 metros de extensão, o qual se assemelhava a um charuto. Recebeu este o nome de *Santos Dumont n. 1* e subiu em 13 de setembro de 1898, rasgando-se no momento da partida por causa de uma falsa manobra dos individuos que sustentavam as cordas.

Concertada a m-china, *desce* nova *ascensão*, no meio de centenas de pessoas que o applaudiram delirantemente.

Em 1899, appareceu *Santos Dumont n. 2* mais resistente que os anteriores. Neste conseruiu realisar, em Nice, differentes ascensões com exito, excepto a ultima, prejudicada por um tufo, que atirou a m-china para cima de umas arvores, despedaçando-a.

Fez, então, construir successivamente o *Santos Dumont n. 3*, o n. 4, o n. 5, e o n. 6. tentou com os tres ultimos tentado o construir o premio de cem mil francos, estabelecido por H. Deutsch, para o balão que, partindo do parque do Aero Club, em Saint-Cloud, fizesse a volta da Torre Eiffel, regressando por linha previamente traçada. Effez, regressando por linha previamente traçada no prazo maximo de 30 minutos. Em todas as suas provas, deixou de receber o premio por questões de pequena monta apontadas pelo commissario julgadora. Na ultima vez que concorreu ao premio, e foi com o n. 6, a opinião de toda a gente foi que o premio esta a gñho por elle, apesar de assim

não entender o jury, o que determinou apaixonadas discussões na imprensa parisiense.

Consultado Deutsch, foi elle de parecer que o premio devia ser adjudicado a Santos Dumont.

Nosso patriota, num gesto muito nobre, distribuiu os cem mil francos pelos prôprios e pelos seus operarios.

Estas victorias de Santos Dumont acenderam, então, o patriotismo dos brasileiros. O seu nome andava de bocca em bocca. O governo da Re-



publica votou o premio de cem entos destinado a galardão o esforço e a tenacidade de Santos Dumont.

Em razão de ter ficado o n. 6 completamente danificado numas experiencias em Monte Carlo, tratou de construir o *Santos Dumont, n. 7*.

Logo depois resolveu demonstrar a possibilidade de realizar o vôo pairado e com apparelho mais pesado que o ar e construiu diversos aeroplanos, fazendo as suas ultimas experiencias com o n. 14 bis, o que lhe fez ganhar, em 23 de outubro de 1906, a taça "Archdeacon" (premio de 3 mil francos).

Nas suas experiencias em Paris, referidas no inicio destes linhas, a sua vida correu serio risco. Na de 8 de agosto de 1907, o *Santos Dumont, n. 5*, em razão de um escapamento de gaz, foi de encontro a umas pedras, ficando rasgado e deixando Santos Dumont suspenso á réde que sustinhu a barquinha, num quarto andar do *Loulevard Deser*, de onde os bombeiros o foram tirar.

Aula de hygiene

ALUMNO—Desejava saber para que servem estas desagradaveis capsulas que o medico escolar nos faz tomar.

Professor—E' para matar os vermes que, quasi todos, traem-nos nos intestinos.

A—Mas é necessario que os comatamos?

P—Sim, elles são altamente nocivos á nossa saude.

A—Que mal nos fazem?

P—Numerosissimos. Os portadores de vermes tornam-se pallidos, perdem o appetite, emmagrecem, têm o rosto coberto de "puncas" e podem mesmo ter a saude completamente prejudicada.

A—Não sabia que eram capazes de causar isso tudo!

P—Mas não é só isso. Causam ainda dores de barriga violentas, tonteiras, e, o que é muito mais grave, convulsões e mesmo a morte.

A—Que coisa horrivel! São communs estes vermes?

P—Communnissimos.

A—Quem sabe sou tambem portador de vermes nos intestinos?

P—E' bem possivel. E é por isso que o medico lhes traz o necessario remedio contido naquellas capsulas.

A—Pois vou tomalo.

A—Tambem eu.

P—Fazem muito bem, pois, os vermes perturbam até os nossos estudos, produzindo-nos somnolencias e concorrerão para o nosso enfraquecimento.

A—Que malvados! De que tamanho elles são?

P—Existem de varios tamanhos; desde pequenos, quasi invisiveis, até grandes, com varios metros de comprimento!



ESTE NÃO TEM VERME OSE.

A—Mas delle não tenho mais medo, porque vou tomar quanto antes o remedio que os expulsa.

P—Mas isto só não basta. E' indispensavel que se evite apanha-los de novo.

A—De que modo?

P—Primeiramente não andando nunca descalço porque é principalmente pela pelle, em contacto com a terra, que elles penetram em nosso organismo.

A—Podem tambem penetrar pelas mãos?

P—Sem duvida. Mais uma razão para tel-as sempre limpas. Em segundo lugar é preciso que se beba sempre agua bem limpa, e de proveniencia garantida, pois a agua pode conter larvas e ovos de varios vermes.

A—A agua filtrada é garantida?

P—Sim. Pode ser bebida sem nenhum receio. Tambem os legumes, quando são comidos crus devem ser antes bem lavados, com agua limpa, para que não transportem larvas e ovos de vermes para o nosso corpo.

A—Porque diz larva de verme?

P—Porque a larva é um verme que ainda não se desenvolveu, tal como geralmente nos infesta, só se desenvolvendo quando chega em nosso corpo.

A—Existem ainda outros meios de se adquirir a verminose?

P—Sim. A carne crua ou mal cozida, de porco ou de vaca, pode conter larvas de certos vermes. Dahi a necessidade de um exame previo na carne a ser usada.

A—Muito nos convem estas coisas, pois, do contrario, de nada vale tomarmos o remedio, porque, como o Senhor bem diz, o mal voltarão de novo si não soubermos evitá-lo.

P—Certissimo. Um outro perigo é a intimidade que algumas pessoas tomam com os animaes domesticos, especialmente cães; muitas vezes uma infecta-



...MAS AQUI ESTÁ UMA VICTIMA DELLAS!

ção de verminose pode resultar de taes imprudencias.

A—Com a rigorosa observancia de todos estes preceitos esperamos viver agora tranquilos com relação aos perigos dos vermes.

P—Mas cumpre saberem que uma só dose do remedio vermifugo não basta; quasi sempre precisamos tomar duas ou mais doses, com 16 dias de intervallo, de accordo com o nosso medico.

L. M.

Os livros para as nossas crianças

A organização da Bibliotheca Escolar é problema não só difficil, mas de grande responsabilidade. Os mais cultos paizes do Velho Mundo ainda não disseram a ultima palavra sobre o assumpto, e aquelles, que se têm dedicado mais carinhosamente á educação das crianças, discutem ainda pontos essenciaes de pedagogia e de psychologia da infancia.

Não é muito, pois, affirmar que a solução de tal problema cresce de vulto em nosso paiz, onde os assumptos didacticos e pedagogicos começaram de pouco a entrar nas cogitações dos programas administrativos, com o interesse indispensavel á importancia

que taes assumptos merecem, como essenciaes que são ao futuro da nacionalidade.

E, embora se reconheça que muito se tem feito em pouco tempo, não ha como negar que, até então, á luz do criterio educativo, mereciam menos carinho que um *lúdi* da pmerania.

O Estado de Minas, felizmente, não se deixou ficar na retaguarda na campanha iniciada em beneficio da educação da infancia e tem dado espantoso desenvolvimento aos problemas dessa natureza, os quaes têm merecido os mais desvelados e criteriosos cuidados dos seus administradores.



JUIZ DE FORA — SAIA BALIÃO — CORO INFANTIL.

Quanto á literatura dedicada á infancia, entretanto, não está na alçada dos governos creal-a, mas apenas esbultual-a, no sentido de fomentar e encontrar material sufficiente para a organização de bibliothecas escolares, nas quaes, não só as crianças mas tambem as mães e professoras encontrem livros essencialmente bons e adequados.

Qual a leitura mais recommendavel á criança? Complicada e pouco conhecida, como é, a psychologia desta, bem se vê a difficuldade da escolha de um livro.

Em primeiro lugar, pensamos como Manoel Bomfim, que «livro de leitura, o mais importante da bibliotheca escolar, deve ser immensamente educativo, porque é o primeiro que se offerece a criança para o fim ue commove-a e de inspira-a, devendo ser uma desenvolvida lição de moral concreta».

Mas a criança gosta tambem do maravilhoso, do sobrenatural, das aventuras; ella é curiosa, tem sempre uma enfiada de «*orquês*» — a proposito dos phenomenos naturaes e de objectos que a cercam no meio em que vive.

Ed. Claparede affirma na sua «*Psychologie de l'Enfant*»:

«O problema educativo é ainda extremamente obscuro, o que provém, de uma parte, da difficuldade inherente ao estudo dos sentimentos, do caracter, da vontade e de tudo quanto constitue o dominio da moralidade; e, de outra parte, da grande divergencia das

concepções philosophicas professadas pelos educadores.

Esta divergencia torna difficil uma «classificação objectiva dos problemas educativos».

E, acrescenta:

«Sómente as experiencias emanadas dos ensaios de educação moral e a observação psychologica dos phenomenos moraes poderão, talvez, trazer alguma luz á solução».

E de notar ainda que o actor de um livro para crianças deve collocar-se, elle proprio, na situação de criança, para ser comprehendido e sentido pelos jovens leitores: donde resulta que a simplicidade é qualidade indispensavel a livros d'essa natureza.

Registre-se, ainda, que a preferencia do assumpto varia com a idade e com o sexo. Sobre este particular, cabe aqui citar a seguinte nota de Vostrovsky a que se refere Claparede: no inquerito a que aquelle pedagogogo procedeu sobre leituras preferidas, verificou o seguinte: 70% de rapazes, sobre 24% de meninas mostravam predilecção por aventuras; pelo contrario, os livros nos quaes os meninos figuravam como heroes, não eram apreciados sendo por 12% de meninas ao passo que o eram por 52% de meninas.

E, na phrase de Brittain, os interesses dos meninos têm um caracter principalmente dynamico, e os das meninas um caracter antes estatico.

O livro deve, principalmente, interessar o joven leitor, qualquer que seja o seu assumpto; e, além de

qualidade» e «cladas, dever ter cunho especial de carinho, pois que a criança é extremamente sensível a carícias».

Tem igualmente grande relevância a feitura material do livro: é preciso, que se creie, que se desenvolva na criança, o sentimento estético.

«A luz deste critério geral, a *Revista do Ensino* procurará indicar aos professores e às mães, alguns livros, á proporção que os for conhecendo, com os quaes se possa, dentro de limitações possíveis, organizar bibliotecas escolares nos nossos estabelecimentos de instrução primaria.

CKEANÇA, MEU AMOR — (Cecília Metrelles, 93 paginas, com illustrações de Corcêia Dias. Edição do «Anuario do Brasil». Rio de Janeiro).

É este um bello livrinho, que parece de velludo, a começar pelo titulo. Lembra mãos aveludadas acariciando cabecinhas fregias, e de crianças curtiças, cujos olhinhos vivos e intelligentes fiam agradecidos os labios encantadores, que lhes dizem tão bonitas cousas «trahentes e delicadas».

Crea, çã, meu amor! E os labios vão recitando pequeninos poemas sem prosa, a proposito de peventinas nas cousas, talvez inoffensivas para adultos, mas que constituem um mundo encantado das creações: *Boniva, Nuvem, Avelã, Violette, O Bom Menino, Escola de Criança*...

Cada trecho encerra um bom emfim: mento envolto num bom sorriso e. H. S. O.

«Cada trecho é um petala com perfume especial, e o conjunto, uma radiosa flor, flor de ternura, talvez, cuja suave fragrança não embriaga, não entontece, mas aduzte á alma com indevel e suave recordação».

Lembra-se a gente, ao ler, de aquelles adoráveis poemas da «Luz Crecente» de Kabiradranath Tagore.

Creação, meu amor é um desses livrinhos que se lêem em meia hora, como quem a pira uma flor.

Elle não merece um logar de relevo apenas nas Bibliotecas infantis, mas também no coração das mães e das professoras — para inspirar-lhes bonitas cousas a serem repetidas com simplicidade carinhosa aos filhos e aos alumnos.

A FADA HYGIA — (Renato Kehl. Primeiro livro de Hygiene. 172 paginas, com illustrações. Edição da Livraria Francisco Alves). Rio de Janeiro.

Eis ahi um livro já julgado e approvado p. d. hygienistas de nome, e que acreditamos indispensavel nos estabelecimentos de instrução primaria, pois, que muito pode auxiliar, de modo eficiente, os professores. Como se se sabe, até na pouco a hygiene figurava apenas como enfeite nos programmes de instrução primaria.

Meia duzia de phrases sobre o banho, o vestuario, o assado, o pente e a escova de dentes; uma revista aos sabbados — era tudo quanto se exigia no a-sumpo, cuja importancia é reconhecida incontestemente. Tanto é isso verdade que o actual Governo criou o Corpo de enfermeiras, cujos beneficos resultados breve ha de aparecer.

A *Fada Hygia*, em linguagem clara e de encantadora simplicidade, encerra instructivo repositório de conselhos e noções sobre os agentes e modos de propagação das principaes doenças contagiosas, sobre o ar, a agua, o alimento, os viciós, mosquitos, exercicios

physicos, etc., tudo quanto se resume no aphorismo de Leibnitz, com o qual o autor abre o livro, contendo aos jovenes leitores «A Historia da Fada Hygia»:

Doas cousas devem servir de fã das nossas preoccupações: a virtude e a saúde.

O aucto, que, naturalmente, conhece bem a psychologia infantil, nas p. lras dirigidas em prefacio, ás mães e aos professores, assinala com justeza: «Formar nas creanças orientades a esses preceitos (de Hygi) não como aos de civilidade, e é mais facil do que geralmente se suppose.

É engano julgar que o estudo mental dellas, a contar de 5 a 8 annos, ou de menos annos, se achá insufficientemente desenvolvido para aucter rudimentos de hygiene. Exactamente nessa idade, que se installam, que se plamam no entendimento infantil os saos ensinamentos, encaminhandos para a pratica das boas normas, das quaes nunca mais se deshabituarão. Tudo depende do modo de ensinar e de convencer.

Encerra o livro copiosas gravuras, todas ellas elucidativas sobre os diversos capitulos.

É, pois, como dissemos acima, excellente auxilio para os professores e para as mães.

A ALVORE — (Julia Lopes de Almeida e Affonso Lopes de Almeida. 170 paginas, com illustrações. Edição da Livraria Francisco Alves).

É um livro muito interessante este, digno, sem duvida, de figurar nas bibliothecas e colares.

Escrepito em linguagem corrente, apresenta trechos em prosa, em versos, proverbios, scenas dialogadas, tudo reterem á arvore.

Nos capitulos deste livro as creanças adquirirão conhecimentos muito uteis sobre as nossas riquezas vegetaes, pois elles descrevem as principaes especies das nossas arvores, tratando das utilidades destas, tais como as p. lmeiras, o pau Brazil, o m. moeiro, a m. zendoada, todos os especimens, emfim, que constituem a nossa opulenta flora florestal. Ha capitulos interessantes sobre arvores historicas, poetizadas pela lenda, tales como: a Arvore das Lagrimas, o Loureiro de Virgilio, o Chirão de Musset, o Carvalho de Tasso, a Arvore do Urso, a Figueira dos Pagodes, e a lenda encantadora de Filemon e Baucis transformados, um em carvalho, outro em filia.

São todos capitulos que interessam e instruem, despertando a curiosidade infantil.

LENDAS DOS NOSSOS INDIOS. — (G. Brandenburger — 149 paginas. Bella edição da Livraria Francisco Alves).

É uma collectanea de lendas collhidas pelo general Couto de Magalhães, João Barbosa Rodrigues, Sylvio Romero, general Candido Rondon e João Capistrano de Abreu.

Abre o livro um ligeiro estudo sobre o descobrimento do Brasil e sobre os nossos indios e o auctor esclarece: «Para que a nossa mocidade chegue a conhecer e comprehender um pouco a raça que é mais legitimamente brasileira do que todas as outras com-pleto das nossa nacionalidade, compuz este livrinho».

Nessas p. lras palavras percebe-se o valor desse trabalho, toda elle escripto em linguagem accessivel ás

crianças, as quaes se deliciarão com as lendas interessantes nontidas.

O elogio do livro é feito em prefacio de Afranio Peixoto, do qual citamos e trecho: «Nuna bibliotheca de litteratura «nacional» deve ser este o primeiro «património» litterario: si não a letra, ahi estará o primitivo espirito brasileiro, a alma ruda e rudimentar dos nossos aborigenes; onde os seus conterraneos de hoje talvez se possam rever, e sem elle não comprehenderão muita cousa que anda por ahi: será lição

de humildade, ás vezes de jublo, sempre de sinceridade».

«E diverte, sendo util: não precisa de mais».

ANGLICANAS E OS ANIMAES. — (Suzana Cornaz — 235 paginas, com boas illu trações). É um livro que expõe com clareza, e de modo atractivo, noções de historia natural, em pequenos capitulos, que despertam a curiosidade infantil. Ensina divertid. em narrativas interessantes e de facil comprehensão, pela despretenciosa forma, com que são feitas.

Pod. ser util também ás professoras, como modelo para a fórma de suas lições.

O escotismo e os escoteiros

Organização e fins. — Deveres e vantagens. — Como se formam agremiações de escoteiros. — Uma bella obra social e civica.

Quem general e primeiro praticou o escotismo foi o velho fundador inglez Baden Powell. Em 1899, na guerra do Transval, Baden Powell desempenhou papel efficiente na defesa da cidade de Mafeking, onde os seus pequenos escoteiros, no accesso da lucta, assumiram os pontos de guarda, para que os homens a esse fim destinados auxiliassem a defesa da cidade.



O ESCOTEIRO É GENEROSO E CORTEZ...

COMPROMISSO

Indo depois a Londres, Baden Powell encontrou fria a mocidade da sua terra, com uma physio-nomia indolente e fraca, o sentimento egoista e o espirito fútil, em franco antagonismo com a brilhante e gloriosa phalange que organizara em Mafeking.

«É este o compromisso do escoteiro, feito em frente á bandeira da patria: — Prometto pela minha honra, proceder em todas as circumstancias como homem con-ciente de seus deveres, leal e generoso; amir a Deus e á minha Patria, servindo fielmente na paz e na guerra; obedecer ao codigo dos Escoteiros».

O «CODIGO» dos escoteiros é este:

- I—A palavra de um escoteiro é sagrada, elle colheca a honra acima de tudo, mesmo da propria vida.
- II—O escoteiro sabe obedecer. Comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.
- III—O escoteiro é um homem de iniciativa.
- IV—O escoteiro aceita, em todas as circumstancias, a responsabilidade de seus actos.
- V—O escoteiro é leal e cortez para com todos.
- VI—O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distincção de classes sociais.
- VII—O escoteiro é generoso e valente, sempre prompto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da propria vida.
- VIII—O escoteiro pratica cada dia uma boa acção, por mais modesta que seja.
- IX—O escoteiro estima os animaes e se oppõe a toda crueldade contra elles.
- X—O escoteiro é sempre jovial e entusiasta e procura o bom lado de todas as cousas.
- XI—O escoteiro é economico e respeitador do bem alheio.
- XII—O escoteiro tem a constante preocupação de sua dignidade e respeito de si mesmo.

A divisa do escoteiro é: «SEMPRE ALERTA». Os tres deidos na continencia representam os tres artigos da Lei dos Escoteiros.



O ESCOTEIRO ESTIMA OS ANIMAES...

QUERES SER ESCOTEIRO?

Queres ser escoteiro? Queres gosar as delicias do campo? Chama o teu companheiro da esquinha, o outro da tua proxima e mais outro e formareis assim a patrulha de 4 a 8.

Dentre todos escolhe um para chefe. Feito isto dirigi-vos ao campo, afim de correr, saltar, respirar o ar puro e assim formareis o espirito de energia; ali conhecereis a natureza nas suas bellas formas, conhecereis a vida dos animaes, as nossas

arvores, nossas aves, nossas terras, nossos mineraes e assim vivereis um pouco com a natureza, evitando o ar viciado da cidade, deixando o fumo, o alcohol, a obscenidade e as palestras futeis.

Faze tua gymnastica no campo, enche teus pulmões de oxypeno puro. Vae viver!... Não estás uniformizado? Não importa! leva tua roupa larga e um bastão, reúne-te aos teus companheiros, e segue.

Com quatro companheiros formas uma patrulha que será commandada por um delles que se chamará monitor. Dá a tua patrulha o nome de um dos nossos animaes. Nomeia um sub-monitor para os teus impedimentos.

Traza tus commandados com delicadeza e carinho; ensina-lhes a serem bons para com o proximo, a auxiliarem os velhos e crianças e alguns jogos gymnasticos divertidos. Faze com elles estejam sempre risonhos e respeitadores. Estuda com elles as pegadas pelas estradas.



O ESCOTEIRO ESTÁ SEMPRE ALERTA...

Procura instruil-os na previsão do tempo, a se orientarem pela bussola, pelo sol, pela lua, pelas estrellas; ensina-lhes a conhecer as horas pelo sol. Vae para o campo, faz a tua chuçã, aprende a fazer a tua comita, procura conhecer os fructos eylvestres da tua terra, aprende a fazer nó, para construir tuas tendas e collocar alguma ponte; aprende a fazer tua cama de folhas e a montar a tua barraca e assim, moço, serás feliz, forte, alegre, honesto, sciente de teus deveres e, quando homem, será o escoteiro da Patria, o defensor da tua amada bandeira.

COMO SE ORGANIZA UMA ASSOCIAÇÃO DE ESCOTEIROS EM QUALQUER LOCALIDADE

Um homem de alma sadia e cheio de entusiasmo poderá reunir os meus na localidade que

tenham de 10 a 17 annos e com elles fundar a associação dos escoteiros do logar a que pertencem.

Ahi elegerão um presidente, um conselho superior, um instructor, e a tropa. Ao presidente compete:—Orientar a tropa, intensificar o movimento a defendel-a em todo sentido. O Conselho Superior é o organo representativo e que servirá de communicação da tropa local com as demais vizinhas.

Terá, além disto, a incumbencia de presidir aos concursos organizados entre os grupos, bem como conceder transferencia de socio de um grupo para outro.

Ao instructor compete:—A direcção, instrucção e disciplina da tropa. Deverá o instructor ter mais de 19 annos, ser bom, honesto, jovial, amigo de

seus commandados e que seja interessado nos trabalhos de educação.

E' o instructor no meio dos escoteiros como que um irmão mais velho a guiar os pequenos com energia e carinho. Deve ser um homem capaz de se envolver e se interessar nas brincadeiras e jogos, com alma de criança.

O seu papel importante é estudar a criança, descobrindo as boas qualidades, desenvolvendo-as, e abafando as más. A tropa deve ter uma sede, onde se reunirão os escoteiros para suas palestras uteis e estudos.

Segundo suas aptidões os escoteiros serão:—Escoteiros novitos; escoteiros de 2.ª classe; escoteiros de 1.ª classe; escoteiros conductores; escoteiros graduados e escoteiros da Patria.

O Estado de Minas Geraes

Palestra entre alumnos do 2.º anno

ALUREA QUEIROGA

Regina—Hoje, em animada palestra, vamos recordar tudo quanto temos aprendido a respeito do Estado de Minas Geraes.

Cery—Ruth fará o esboço, por ser ella quem o faz mais perfeita.

Ruth Amaral—Cada um por sua vez falará o que mais souber.

Alarico—Por onde começaremos?

Julio—Citando os nomes dos Estados que são nossos vizinhos.

Stella—Delles nunca me esqueço.—Bahia ao norte, Espirito Santo a leste, Rio de Janeiro e S. Paulo ao Sul e Matto Grosso e Goyaz a oeste.

Ruth—Continuando o nosso estudo citaremos as estradas de ferro que nos levam a esses Estados.

Eurico — Podemos tambem citar as cidades mineiras por onde passam as estradas.

Berenice—Começaremos fazendo um viagem simulada pela estrada de ferro Central do Brasil.

Albino—Ella pôe em communicação Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Angelia—A Central do Brasil entra em Minas na estação de Serraria e vai até Pirapora.

Regina—Ella passa pelas cidade de Juiz de Fora, Palmyra, Sítio, Barbacena e Queluz.

Odette—Em Barbacena, Sítio e Queluz fabricam-se excellentes queijos.

Esther—Essa estrada tem ainda outros ramos que servem ás cidades de Ouro Preto, Mariana, Caeté, Sabará, Santa Barbara, etc.

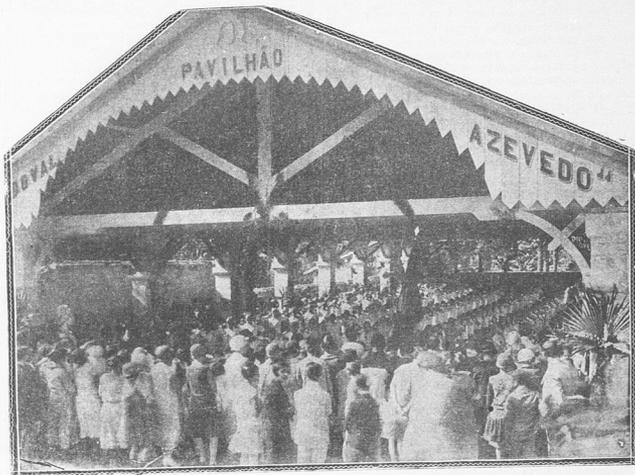
José—Em Ouro Preto, ha uma qualidade de chá igual no da India.

Ivo—Até 1897 a capital de Minas foi Ouro Preto.

Annita—Que antigamente se chamava Villa Rica.

Edna—O 1.º explorador que chegou até Sabará foi Borba Gato.





ASPECTO DO PAVILHÃO «SANDOVAL AZEVEDO» DURANTE A BELLA FESTA DE 14 DE JULHO, ORGANIZADA PELA SENHORITA MARIA DA GLÓRIA CARVALHO, PROFESSORA DE GYMNASTICA DO GRUPO ESCOLAR «DELFIN MOREIRAS», DE JUIZ DE FORA.

Roberto—Ele veio de S. Paulo para descobrir em Minas, minas de pedras preciosas.

Sylvio—Borba Gato era genro de Fernão Dias Paes Leme, o celebre «Cacador de Esmeraldas».

Cleury—Quero ir a S. Paulo, mas não sei que estrada devo tomar.

Helio—Aqui você deve tomar a Central e ir até Barra do Piraí; ali chegando deve bater para o ramal paulista.

Diva—Em Barra do Piraí o movimento de chegada e saída de trens é extraordinário.

Marita—A estrada de ferro Oeste de Minas começa em Sítio. Daí a estrada vai se ramificando e põe em comunicação diversas cidades desta zona.

Manoel—Conheço as seguintes: Lavras, Oliveira, Itapericica, João d'El-Rei, Divinópolis, Pará, Itatina, Capella Nova, Contagem, etc.

Sylvio—O ramal que chega até Belo Horizonte parte de Divinópolis.

Esther—Não falaram ainda da Leopoldina Railway. Ella serve ás cidades da zona da Matta.

Odeite—Passa por Mar de Hespanha, Leopoldina, Ubá, Rio Branco, Ponte Nova, Carangola, etc.

Meselinada—O seu ponto inicial é em Entre Rios.

Rubens—A Rede Sul Mineira parte da Estação de Cruzeiro.

Dagmar—Passa Quatro, Tres Corações, Varginha, Campanha, Aguas Virtuosas são servidas por essa estrada.

Astrá—A Mogyana nos leva ao Triangulo Mineiro. Lá estão Uberaba, Fructal, Araxá, Uberabina e Araguary.

Branca—Em Formiga começa a Estrada de Goyaz.

Geraldo—E para chegar até Formiga?

Sylvio—Toma-se a Oeste de Minas.

Esther—Ainda ha as estradas de ferro Victoria-Minas e Bahia-Minas, ligando o nosso Estado a Espirito Santo e Bahia.

Nelly—Minas é um Estado muito rico em minas, vegetaes e minerases.

Esther—As principais produções vegetaes do Estado são o café e o fumo muito encontrado na zona da Matta e no Sul de Minas.

José—No Triangulo Mineiro, no Centro e no Sul de Minas cultivam arroz, feijão e milho.

J. Claudio—O algodão é cultivado em alta escala no Norte e Centro de Minas.

Roberto—Os bons vinhos nos vêm principalmente de Caldas, Campanha, Marianna, Ouro Fino e Barbacena.

Erico—Esqueceram-se das fructas? Aprecio muito a manga, a laranja, o abacaxi, a banana e as joboticabas rios pomaras mineiros.

Nelly—O Erico sabe ser guloso...

Ruth—As zonas de maior produção animal são a Oeste, o Triangulo e a Mantiqueira.

Marita—E' na Mantiqueira que nasce o rio Grande. Depois que este rio recebe o Paranaíba corre com o nome de Paraná. O rio das Mortes, o Ayruoeca e o Sapucahy são tambem seus afluentes.

Regina—Continemos a nossa palestra. No norte dedicam-se tambem á criação de animaes, mas o gado é muito bravo.

Albino—Porque?

Edna—Porque vive solto nos campos.

Ruth—Quando falarem do reino mineral não se esqueçam de Villa Nova de Lima, pois lá está a mina de Morro Velho.

Eduardo—Encontra-se tambem o ouro em S. João d'El-Rei, Marianna e Ouro Preto.

Sylvio—Esta cidade é muito celebre; foi lá que se deu a Conspiração Mineira, chefiada por Tiradentes.

Erico—Você já viu, Sylvio, uma bonita estatueta que ha lá em Ouro Preto?

Sylvio—Já vi esta estatueta e ainda sei mais: ella foi levantada no logar onde esteve o poste com a cabeça de Tiradentes.

Marita—S. João d'El-Rei faz-me lembrar Alvarenga Peixoto e Barbara Heliodora, dois herões da Inconfidência.

Dagmar—Em Caldas, Caxambú, Aguas Virtuosas, Cambuquira e Araxá ha grandes fontes de aguas mineraes.

Stella—Para que servem estas fontes?

Berenice—São medicinas.

Edna—A industria em Minas tem progredido muito.

Branca—Ha muitas fabricas de tecidos, calçados, ferro, papel, etc.

Stella—Em Belo Horizonte, Juiz de Fôra, Formiga e Itajubá ha boas fabricas de banha.

Albino—Pouco falaram dos rios e das montanhas de Minas.

Julio—O rio Paranaíba nasce na serra da Matta da Corda.

Esther—Ainda ha outros rios: o Pardo, o Jequitinhonha, o Doce, o Mucury, o Parahyba do Sul, e o Parahyba, seu afluente.

Delza—A serra da Canastra já está muito estudada.

Edna Nella está a nascente do rio S. Francisco.

Astrá—O Itatiaia e o pico da Bandeira são os montes mais altos do Brasil.

Lauro—O pico do Itacolomy está em Ouro Preto.

Berenice—Do alto da Serra da Piedade avistam-se diversos logares: Belo Horizonte, Sabará, Caeté, Santa Luzia e Lagôa Santa.

Erico—Em no alto da serra da Piedade ha uma capelinha muito antiga.

Astrá—Conhecem a lenda da «Muda da Pedra»?

Todos os alumnos—Não.

Esther—Fala, Astrá, queremos conhece-la.

Astrá—Escudem, então: (recitando).

Lenda suave, teida pelo sonho evoca a rude e pequena ermiã a capelinha branca inda hoje erguida no teu agreste picaro risinho.

Na mente, a historia, ao ver-te recomponho: casual feliz passava alli a vida; nasce uma filha, mas emudecida...

Que de maguas, então, no lar tristonho!

«Piedade!» os paes invocam a Maria. Visão celeste á filha muda, um dia, concede a voz. Ergue-se, em breve, o templo...

Cumpre-se o voto. E a rustica ermiãinha a está. E' aquella mesma que, á tardinha, alvejando, no crepusculo, contemplo.

Astrá—Comece este soneto, Esther? E' a «Serra da Piedade» de Mario de Lima.

Manoel—O sino de uma das torres dessa capella traz a data de 1775.

Antonio—O' um seculo e meio!

Regina—Terminamos a nossa palestra. Sempre que nos for possível havemos de recordar, assim em conjunto, os pontos já estudados.

Nos livros escolares deve haver uma colaboração intelligente entre editores e escriptores, paginadores e typographos. — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

O ensino por meio da pintura

O aproveitamento de quadros celebres ou mesmo de vistas
communs para desenvolver o gosto artistico das crianças.

Para desenvolver a imaginação e o gosto artistico das crianças, as professoras das escolas americanas arranjam, todos os mezes, alguma reprodução de algum quadro celebre e apresentam-na em aula, mandando as crianças fazer, oralmente, uma descrição do mesmo. É um exercicio excellente e que poderíamos tambem adoptar em nossas escolas, pois não seria difficil acharem-se em revistas e mesmo em cartões postaes, copias de quadros conhecidos que se poderiam utilizar para este fim. Damos, aqui, um exemplo de uma destas lições.

O OBJECTIVO DA PROFESSORA

- 1 Exercitar o gosto pelos bons quadros.
- 2 Exercitar a imaginação.
- 3 Aproveitar as occasões de dar prazer ás crianças.
- 4 Ensinar-lhes que todo quadro tem sua historia.



«SALVA»

— Vemos um cães onde as barcas atracam.

4 Que lhes parece estar fazendo esta menina?
— Parece-nos que ella estava brincando entre as pedras.

5 Que é que ella podia estar fazendo, além disso?
— Podia estar apanhando conchas.

6 A menina estava sozinha?
— Talvez estivessem outras meninas com ella.

7 Onde estão ellas agora?
— Creio que foram para casa.

8 Porque foram para casa deixando a menina sozinha?
— Ha nuncas escureas no quadro. Póde ser que tivessem tido medo da chuva.

9 Sim, talvez. Aparez disto, o bote que está na agua não parece amedrontado.

— Não, não está.

10 Que vêem mais no quadro?
— Vemos gaivotas.

11 Que é que vocês acham que aconteceu com a menina?
— Achamos que cahiu dentro da gua.

12 Como é que aconteceu isto?
— Talvez tenha sido atirada por uma onda mais forte.

13 De onde teria cahido?
— Do cães.

14 As crianças gostam de patinar dentro da agua. Ella estava fazendo isto?

— Não, porque estava de sapatos.

15 Como estava vestida?
— Com uma roupa escura, de verão, e um chapéo grande.

16 Acham que o cão estava perto quando ella cahiu?
— Não, porque está offegante e parece muito cansado por ter salvo a criança.

17 A menina deve ter tirado na agua muito tempo, porque está completamente inanimada. Como é que o cachorro descobriu que ella tinha cahido?
— Pediu soccorro e o cão ouviu-a.

18 Como é que elle ponde trazel-a para a praia?
— Elle podia tel-a segurado pela golla e arrastado para terra.

19 Ambos estão enopados. Com certeza, acabaram de sair da agua neste instante. Como foi que elle a collocou no chão?
— Estava muito cansado para subir mais e estendeu-se no chão, collocando a criança em cima das patas.

20 Porque é que elle não a leva para casa ou procurra algum soccorro?
— Ficará guardando-a até que chegue algum.

21 Quem vocês acham que virá?
— Sua mãe dará logo por sua ausencia e virá logo procurral-a.

- 22 Que nome serviria para este quadro?
— Nomes suggeridos: «Salvando uma criança», «Uma boa acção».
- 23 Estes nomes são bons, mas o pintor intitulou-o «Salva».

A VIDA DE EDWIN LANDSEER, AUCTOR DO QUADRO

Edwin Landseer nasceu na Inglaterra, em 1802. Morreu em 1873. Quando Edwin era pequeno, morava no campo. Quasi todos os dias, elle e mais dois irmãos iam ao campo de pastagens com o pae, cada qual escolhia o animal que preferia e sentavam-se na relva para copial-os. Quando Landseer tinha apenas cinco annos, pintou tío bem um cachorro deitado no chão, que seu pae comecei a ter grandes esperanças em seu talento. Desde então dedicou-se á pintura de cães e seu quadro intitulado «Salva» é um dos melhores neste genero.

NARRAÇÃO ORAL

Fazei as crianças contar a historia em dois paragraphs, como:

- a) Que aconteceu antes do quadro?
 - b) Que está acontecendo no quadro?
- No dia seguinte, as crianças escreverão a historia que contaram oralmente.

Exemplo de duas historias contadas pelos alumnos:

«SALVA»

Num dia de verão, estavam passeando na praia uma menina com seu cão. A criança divertia-se apanhando conchas e chegou á beira do cães que era feito de pedras e taboas. Debruçou-se tanto para apanhar uma concha bonita que desejava possuir, que perdeu o equilibrio e cahiu dentro da agua. Chamou logo o cão em seu auxilio. Este era um bello e valente *Terra Nova*, e quando ouviu o grito da menina atirou-se na agua para salvá-la. Teve de lutar contra uma forte correnteza e voltou á praia offegante, mas orgulhoso, por ter salvo a vida de sua dona. Collocou a menina sobre as patas e ficou vigiando-a até que algum vespe buscal-a.

«SALVA»

Uma criança e seu cão, um grande *Terra Nova*, possavam na praia num dia de verão. Ella veio correndo e aproximou-se tanto da beira do cães, que uma onda mais forte carregou-a. Ao ver a sua dona em perigo, o cão mergulhou na agua e conseguiu segural-a pela golla do vestido, arrastando-a até á praia. O valente animal chegou allí offegante, e, não podendo ir mais além, estendeu-se no chão com a menina e ficou esperando o auxilio de algum. Com certeza, a mãe da menina ficou muito agradecida ao bom *Terra Nova*, por ter salvo a sua filhinha.

(Adaptado da revista americana «Primary Education»).

Pela beleza da raça

Numeros de gymnastica rythmica praticada por alumnas dos nossos grupos escolares.



QUATRO são as condições essenciais para a belleza do corpo humano, e todas ellas influenciadas, de modo rapido e incisivo, pelos exercicios gymnasticos: o esqueleto, a musculatura, a gordura e a pelle. O primeiro, como arcaçõo de tãõ o corpo, deve ser resistente e proporcionado; a segunda sufficientemente forte e desenvolvida para garantir a regular distribuiçõo do paniculo adiposo, evitando accumulos em determinadas regiões, em terceiro lugar, deve



se considerar a gordura, apenas a indispensavel para quebrar relevos e reentrancias; finalmente deve a pelle ser fina, elastica, firme, sem pregas, resistente bastante para manter a forma e solidez das partes do corpo.

Esqueleto, musculatura, gordura e pelle das mulheres reclamam, para a sua melhoria e conservaçõo: gymnastica, não gymnastica de força, mas gymnastica de movimento, de agilidade e de graça, gymnastica



callisthenica: emfim nataçõo, dansas estheticas, jogos ao ar livre, etc.

A cultura physica da mulher tem importancia capital e essencial, não sõ para a regeneraçõo physica da humanidade.

Como estheta, Renato Kehl proclama a necessidade da gymnastica 'entre as meninas e jovens, como recurso para alcançar o ideal da belleza, pelo equilibrio das partes e harmonia de todo o corpo humano: como eugenista, manifesta a importancia da

cultura physica da mulher, como um dos factores da regeneraçõo physica da especie.

São as mulheres fortes que fazem uma raça forte; são as mulheres bellas que garantem a belleza de uma raça forte».



Os exercícios sensoriais

Seu objectivo. — Sua utilidade. — A educação sensorial numa escola maternal. — A liberdade que a criança deve ter.

OS exercícios sensoriais têm por objecto a matéria: metal, madeira, vidros, soda, algodão, líquidos, etc., sob aspectos diversos de forma, de dimensões, de resistência, de temperatura, de sonoridade de peso, cor, cheiro, sabor...

Eles têm um triplice fim: primeiro, aperfeiçoar na criança a aptidão para receber sensações precisas, distintas, diferenciadas, numerosas; em segundo lugar, tornam-na apta a discernir prontamente as semelhanças e estabelecer gradações; a conceber diferenças menos accentuadas em cada ordem de sensação; enfim, favorecem e desenvolvem a capacidade de observação.

Outra a educação sensorial da criança se fazia, de modo imperfeito, por meio de lições de cousas, de exercícios de observação, de atenção, etc. Assim, na época das laranjas, consagravam-se boas lições a esta fructa; a criança apreciava sua forma, cor, dimensões, seu sabor e perfume, devendo ao mesmo tempo registrar numerosas expressões novas concernentes ao assumpto.

Pouco a pouco pareceu mais proveitoso mandar praticar exercícios especiaes que contribuissem de maneira mais methodica e precisa á educação sensorial e mental dos alumnos, permitindo ao mesmo tempo que as professoras apreciassem a evolução dos sentidos e da intelligencia.

Para que os exercicios sejam verdadeiramente fructiferos, torna-se necessario que a professora tenha conhecimentos profundos acerca das necessidades da criança, conhecimentos adquiridos pela observação intelligente do alumno, e pelo aperfeiçoamento ininterrupto de sua propria cultura intellectual.

Podem-se resumir as directivas que guiam na escola dos exercicios sensoriais da seguinte maneira:

1.º Os nossos sentidos não se limitam aos cinco vulgarmente conhecidos. As sensações, sob o ponto de vista psychologico, se decompõem em outras mais simples e cada vez mais numerosas. Entre outros, as diversas sensações do sentido do tacto, o sentido muscular, o thermico, etc.

2.º O sentido muscular é extremamente importante. Pode-se dizer que elle se acia ligado, por laços reciprocos de interdependencia, aos demais. Toda imagem é sensitiva — representando uma modificação dos orgãos do sentido — e motora, — movimento esboçado em resposta aos estímulos vindos de mundo exterior.

3.º Os exercicios sensoriais não exercem apenas função physiologica; quaesquer que sejam, elles possuem tambem um lado psychologico; sentir bem é condição fundamental para bem julgar.

4.º A attenção da criança é proporcional ao interesse despertado pelo objecto.

5.º A aquisição do vocabulario se acha intimamente ligada aos exercicios sensoriais.

É evidente que a natureza e a quantidade do material de observação deve variar segundo o sentido que age; assim, si um exemplar colectivo é acceivel á sufficiente quando se exercita o orgão da visão, o mesmo não acontece si se trata do tacto. É absolutamente necessario que cada criança possa, á vontade, tocar, apalpar, manejar o objecto considerado. Um objecto que passe de mãos em mãos, além dos inconvenientes respeitantes á hygiene, só deixa na criança sensações vagas, fugitivas, não impressionando sufficientemente os centros nervosos.

Montessori, na instalação de sua «Casa de Bambini», indica suggestões uteis: ella prevê, em grande numero, series de cylindros que se podem introduzir em orificios praticados em um mesmo bloco de madeira; cubos de diferentes dimensões; paralelepipedos para estudo das dimensões; prismas, cylindros, cones, esferas; colleções de diferentes tecidos; fios de seda e de lan, de diferentes cores e dimensões; letras e algarismos moveis, objectos destinados á educação do ouvido; todo um mobiliario especial, diferenciado á altura das creanças e ao emprego dos diferentes objectos.

Seria aconselhavel que todas as municipalidades desistissem uma subvenção para aquisição total necessario a estes exercicios, de que as escolas são tão pobres.

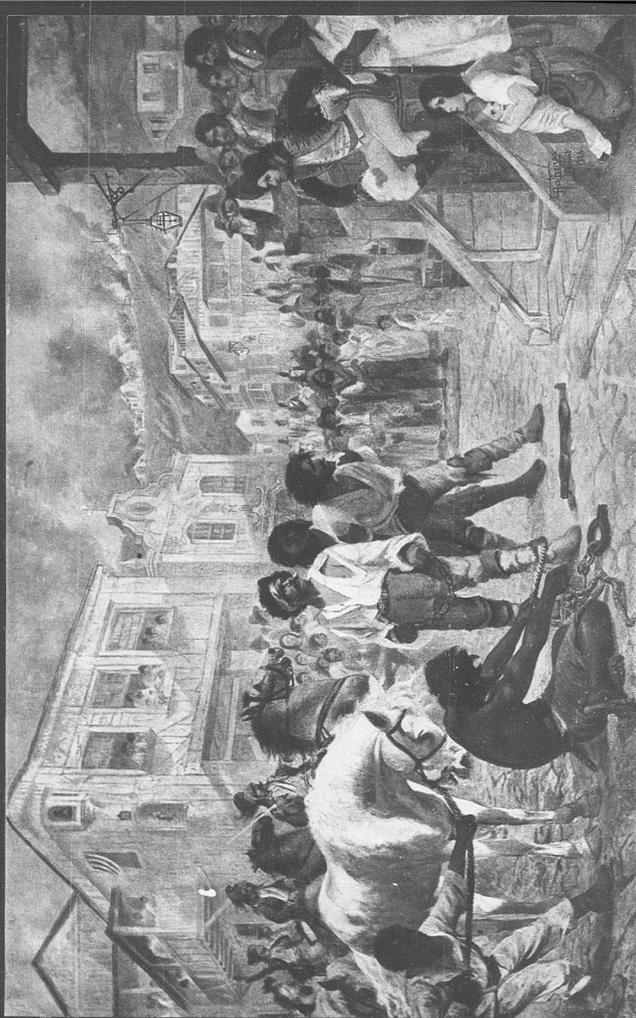
O material fabricado e recolhido deve se approximar, tanto quanto possivel, das cousas que são familiares aos alumnos. Deve-se interessar-os nos aspectos que podem facilmente observar: maneira de viver dos animas admitidos na escola ou de passagem, phenomenos naturaes, effeitos de luz e de sombra, variações de temperatura, orientação.

A directora da escola maternal deve possuir uma grande experiencia, para vencer os obstaculos numerosos que apresenta a direcção dos exercicios sensoriais.

Os exercicios exigem uma certa autoridade. É indispensavel obter-se o silencio e a immobilidade no começo dos exercicios, sem entretanto intimidar a criança, o que annihilaria toda a capacidade de aquisição.

Trata-se de uma questáo de disciplina pessoal, de influencia moral, de uma verdadeira suggestáo mental.

Obtido o recolhimento, a professora não irá de encontro ás respostas desejadas; cumpre evitar a maior pressa. Ella deve saber conter-se, não pronunciar nenhuma palavra capaz de suggerir a resposta desejada. Paciencia, eis o grande segredo para trium-





JUIZ DE FORA — BAILADO DO ARCO-IRIS E GHOCONDA; DANÇA DAS HORAS.

phar nesse arduo mister'. Não deve, outrossim, modular as interjeições do aluno, suas reflexões admirativas; ella deve saber discernir o tímido que não ousa falar, mas que, interrogado com doçura, com alegria mesmo, surpreheende pela justeza e bom senso das respostas.

A boa professora maternal não pode ignorar que nem sempre as palavras são necessárias para traduzir as sensações; não deve confundir os exercicios sensoriaes com os de linguagem; aquelles preparam estes. Deve saber que a criança que nada diz, pode ter sentido a impressão com justeza, faltando-lhe a linguagem adequada para a formular. Deve saber interpretar as expressões physionomicas e os gestos de seus alumnos mudos.

Efectivamente, convem orientar o alumno para que elle traduza suas sensações por palavras precisas e exactas; pois elle se acha na idade em que a memoria, fresca e docil, pode registrar com facilidade os termos correspondentes ás sensações.

Deve-se conceder a maior liberdade á criança, quando ella experimenta uma sensação nova. Uma vez iniciado o trabalho, a criança gosta de agir sózinha, qualquer auxiliar a importuna; ella aprende a fim, e deseja atingi-lo, conduzida só, por sua intelligencia e não pela professora.

Nota importante. Todo verbalismo é inútil e prejudicial; toda pressa intempestiva pode retardar o progresso da criança.

(«L'ecole et la vie», março de 1926.)

O canto nas escolas

BRANCA DE CARVALHO VASCONCELOS

A VOZ

Do mesmo modo que em relação ao ouvido, deve o desenvolvimento da voz ser cuidadosamente guiado e orientado desde muito cedo.

Em geral, no lar, corrigem-se apenas os defeitos mais graves de pronúncia, e algumas vezes já tardiamente. Muitos pais, falando aos pequeninos, fingem até adoptar as falhas ou deformações verbais, tão naturais na linguagem infantil, achando-lhes graça, não percebendo entretanto estarem assim estimulando nas crianças modos incorrectos de falar, vícios de emissão e de articulação, que mais tarde não se poderão talvez remover.

A voz propriamente dita, fóra da linguagem, desenvolve-se e educa-se principalmente pelo exercício do canto, que, seguido os mais abalizados higienistas, pode começar desde os 3 ou os 4 annos de idade.

Na escola, a condição essencial para o objectivo que se tem em vista está no empenho de se dar a essa parte importante da educação da criança um cunho de rigorosa e eficiente execução.

Quizeramos ver em nessas escolas os exercicios vocaes perfeitamente orientados, seguidos, não com indiferença, como cousa secundaria, mas como ponto importante do programma, dispensando-se-lhes a mesma intelligente e dedicada solicitude que têm merecido os professores primarios os demais ramos do ensino publico.

Agora, especialmente, que temos em nossa Capital um Conservatorio, onde, sem duvida, muito se hão de distinguir as classes de canto, justo é que procuremos facilitar-lhe o ensino, entregando-lhe alumnos servidos de apparatus phonadores perfeitamente educados para emprenderem, com proveito, o estudo artistico do canto.

F. Eiras, illustre medico patricio, tratando da hygiene na arte, fazia ha pouco uma consideração muito judiciosa e sempre oportuna nesses assumptos.

«Esses moços—dizia elle—que lutam com uma organização franzina, com um larynx impressionavel, com um thorax acanhado, possuidores, entret nto, de uma voz quente e melodiosa, sabem perfeitamente do quanto ficariam devendo áquelles que os tivessem, em creança, robustecido, e ao seu larynx innoculado a força e ao seu debil thorax infantil insuflado a vida, na torrente va-tíssima de uma circulação aérea e pujante de benedictos innumeraes! Naquelle mesmo que um dia não fosse um cantor, teria a parábola ao menos um filho saudavel para servir-lhe e um crebro sensivel para amal-a com veneração. (*)»

Ha, é verdade, quem acredite, ainda hoje, ser prejudicial a educação da voz em tenra idade.

No numero dos que assim entendem, est'o principalmente os paes que acalentam a idéa de fazer, mais tarde, de seus filhos, cantores profissionais e que se arreceiam de ser qualquer intervenção nesse sentido nociva aos organos de phonação, ainda em desenvolvimento ressa phase.

Taes recios, entretanto, são de todo infundados. Desde que o educador ou o professor não perca de vista os preceitos physiologicos aconselhav's no caso, o canto, ao contrario, constitue uma gymnastica benefica dos pulmões e de todos os musculos que contribuem para esse exercicio.

Ougamos o que a respeito diz o notavel hygienista inglez, Morel de Mackenzie, que nunca é demais citar, porque durante meio seculo se occupou do canto e do seu estudo.

«A instrução vocal, regular, que recebem as creanças, não estraga de modo algum a voz. Em relação ao pretensol mal que traz ao organismo, observo que o ensino do canto na infancia demonstra os beneficios que acarreta, especialmente quando houver fraqueza pulmonar. Um exercicio bem entendido desses organos dilata a cavidade thoracica e robustece os musculos da respiração. Os proprios pulmões tornam-se mais resistentes e elasticos. Affm disso, qualquer defeito physico que altere o timbre da voz, ou o exercicio mais facilmente na infancia do que mais tarde. Os musculos são mais flexiveis e mais cedios na primeira infancia do que posteriormente. Estou mesmo convencido de que o estudo do canto na infancia não traz mal nenhum á voz, nem á saude, sendo, ao contrario, grandemente vantajoso para ambas. (**)»

Podemos, portanto, com todo acerto sujeitar as creanças a certo grau de educação vocal, mesmo desde os 3 ou os 4 annos de idade.

Além disso, é bem visto que o canto nas escolas primarias não entra ahí com o fim de formar artistas nem de apresentar creanças prodigio. Destina-se simplesmente a iniciar as creanças num exercicio util e benefico a todos os respeito, exercicio praticado apenas por audição e sem requerer nenhum esforço ou trabalho exagerado dos organos vocaes.

Trataremos separadamente do canto no ensino elementar, no primario e no no mal.

1.º — JARDINS DE INFANCIA E ESCOLAS MATERNAES

Si é certo que na idade de tres annos as creanças de ambos os sexos não são ainda capazes de cantar, podemos assim imitar approximativamente sons ou fragmentos de melodias que lhes chegam aos ouvidos, é todavia nessa idade que a voz entra no dominio musical.

Outra razão que justifica o iniciar a educação da voz a esse tempo é a circunstancia de, precisamente, aos tres e quatro annos completos serem as creanças admitidas nos Jardins e nas Escolas Maternaes, onde, como se sabe, a musica e o canto têm relevante papel.

E nesse ponto, merece todo o nosso applicativo a attenção carinhosa que dispensou o actual governo a esse lado, sem duvida dos mais importantes e delicados da educação infantil.

Até ha bem pouco, resentia-se incontestavelmente o canto infantil de algumas falhas bem accentuadas. Pela falta principalmente de um repertorio adequado, davam-se muitas vezes ás creanças para cantar trechos de melodias ou canções de uma extensão contraindicada ou de caracter contrario a toda lei pedagogica e physiologica em relação á infancia.

Nem sempre tambem o piano de que dispunham as professoras para os exercicios estivesse em condições de servir de guia e de dar a entoação justa ás vózes tenras e delicadas da infancia.

Isto concorría, evidentemente, para estragar a voz, ora forçando-a, como o ultrapassar o limite da extensão nos agudos, outras vezes cansando-a pela imposição de notas demasiadamente graves.

Com relação ao piano, obvio era tambem o inconveniente apontado, pois um instrumento sem rigorosa affinação ou destituído de harmonia, longe de preencher com proveito os seus fins será sempre um recurso prejudicial á educação auditiva e ao desenvolvimento do gosto musical.

Acrescente-se ainda o prejudicialissimo costume de incitar ás creanças a cantarem a plenos pulmões, gritando a mais não poder, processo infelizmente tão commum não só nas nossas escolas como nas de outros Estados.

Tal orientação, é bem visto, não podia deixar de trazer consequências desastrosas, tanto no que diz respeito á musica, sendo ainda pelo lado physiologico e hygienico.

Quantas vózinhas graciosas e entoadas, que com o tempo se revelariam talvez muitissimo apreciaveis não se teriam porventura resentido de taes meios improprios, um vez que nessa idade as cordas vocaes, ainda muito delicadas, são susceptiveis tanto de desenvolvimento de modo vantajoso, como de estragar-se?

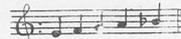
..

O canto ensinado nos Jardins, como nas Escolas Maternaes, é o canto coral, sempre em unisono, praticado por imitação, ou, como se costuma dizer, de ouvido, e limitada a sua execução a um certo numero de cançõeszinhas faciles e simples, de jogos e brinquedos, que antes se deslinam á recreação, ao entretenimento, como a educar e desenvolver o gosto musical nas creanças.

Para a boa execução desse programma, indicaremos, em resumo, com algumas modificações que a practica e as condições especiaes do ensino entre nós aconselham, o que recommenda Gustavo Magrini, mestre italiano de competencia notoria e que, com muita sinceridade e paciencia, se tem occupado dessas questões do canto na infancia.

— — —
A condição essencial a attender na educação do canto infantil é, sem duvida, a *extensão d. voz.*

Extensão da voz dos 3 aos 4 annos:



Dos 4 aos 5 annos:



Dos 5 aos 6 annos:



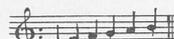
Essa é a extensão pratica individual, porque todas as notas que entram ahí podem ser emitidas com toda facilidade pela creança, sózinha.

Em um coro infantil, porém, observa-se que muitas vezes tal extensão pôde ser ultrapassada de algumas rotas, tanto nos agudos como nos graves; a creança, levada instinctivamente a imitar o seu vizinho na classe ou a professora, ao fim de pouco tempo, emitirá notas que, sózinha, não poderia dar.

Isso será evidentemente em prejuizo do organo vocal.

Portanto, e como é difficil reunir em grupo creanças da mesma idade, julgamos acertado limitar a extensão e adoptar o meio termo.

Extensão de um coro de creanças de 3 a 6 annos:



De um modo geral, para determinar a extensão das vózes em um coro de creanças de edades diferentes — por exemplo, dos 3 aos 5 annos, dos 4 aos 6, dos 4 aos 7 e assim por deante (sempre tres annos de differença) — tomar-se-ão como limite extremo as duas notas, uma aguda e outra grave, que puderem ser emitidas com naturalidade, ao menos pela metade das creanças que compõem o coro.

..

Observa-se tambem que a creança, quando entra na idade em que a voz é susceptivel de educar-se, isto é, aos tres annos, sente difficuldade em entoar uma melodia que se lhe faça ouvir.

A razão está principalmente na extensão ainda muito limitada da sua voz.

Si cantarmos a essa creança uma melodia simples, apoiada apenas sobre quatro notas correspondentes ao ponto da extensão de sua voz, ella a repetirá com toda facilidade.

(*) F. Eiras — Hygiene na arte.

(**) Morel de Mackenzie — Hygiene da voz.

Estabelecida a extensão, deve-se cogitar de que as canções gyme de preferência sobre as notas seguintes:

para a menina



para o menino



Esse é o centro da voz e é ali que se poderá obter o maior volume de voz e, mais facilmente, uma entoação segura, porque a voz falada recai precisamente sobre essas notas.

Em um córo de creanças dos 3 aos 6 annos, as notas centras em que se impoem as canções-zinhas serão as seguintes:



Chamada assim a atenção para a extensão da voz, vejamos como proceder praticamente em uma classe de canto infantil.

a) Num conjunto de creanças ainda não exercitadas, haverá sempre algumas que, por sua voz desentoadada, pela fraca correspondência entre o órgão vocal e o ouvido, ou mesmo por timidez, não possam cantar.

Em tal caso, cumpre seleccionar as vozes, afim de que os exercicios correspondentes se façam de maneira proficua para todos.

A selecção das vozes, o que vale dizer a divisão entre os elementos bons e os chamados *negativos* (ou que pareçam taes), nunca deverá ser feita logo no primeiro dia; seria desastro e imprudencia.

Durante alguns dias, convidam-se as creanças a cantar em córo uma pequena canção, simples e facil, adaptada à sua idade, para que as de ouvido menos sensível harmonizem a voz com as das colleguinhas e a da professora, e as mais acanhadas tambem se animem a cantar.

Depois faz-se entoar a mesma canção por um grupo de 4 ou 5 creanças de cada vez. Si o resultado for satisfactorio, si as vozes estiverem afinadas, o grupo está bem organizado, do contrario, deve-se procurar o alumno que desentoadou e separa-lo provisoriamente do conjunto.

Assim se procede até que do grupo tenham sido retirados gradativamente todos os elementos negativos, os quaes, durante cerca de um mez, devem se limitar ainda a escutar os companheiros.

Passado este periodo, procede-se a nova experiencia. Os alumnos recusados — primeiro, em conjunto, depois sózinhos no seu grupo, — ensaiam a entoação de um cantico qualquer já ensinado e aprendido pelos alumnos mais seguros na entoação.

Satisfactorio o resultado, Incorporar-se-ão aquellos ao grupo já disciplinado; caso contrario, continuarão apenas ouvindo algum tempo ainda.

Essa experiencia convém ser repetida com solicitude durante alguns mezes, pois algumas creanças a principio se mostram refractarias ao canto, e, entretanto, com o tempo e o exercicio (ainda do ouvido sómente, isto é, escutando, sem cantar), chegam aos poucos a entoar satisfactoriamente.

b) Deve-se ter presente que os elementos que formam em conjunto o senso musical são: o ouvido, a voz, o senso tonal e o senso rythmico.

Dentre estes, o mais perceptivel e o mais acessivel á creança é, de certo, o senso rythmico.

Salvo casos excepcionaes de arhythmia, o senso rythmico, isto é, a ordem nos movimentos, é quasi instinctivo na creança. Cumpre apenas regular-o, tornal-o consciente; ao passo que a voz, o ouvido e o senso tonal reclamam exercicio e educação especial.

O rythmo deve ser, pois, a base dos demais elementos da educação musical da infancia.

Admittida essa preliminar (e tratando-se, é claro, de musicas simples e elementares) deve-se, antes de ensinar qualquer canção, fazer uma pequena paraphrase da poesia que vai ser cantada.

Procurar-se-á depois conseguir que as creanças pronunciem os versos, não com a accentuação rythmica da linguagem e, sim da melodia, dando ás syllabas o valor exacdo das notas correspondentes; em summa: far-se-á recitar a poesia em tempo de musica.

Assim, tendo as creanças regularizado o senso rythmico, quando forem cantar a poesia aprenderão muito mais facilmente os demais elementos de que se compõe o senso musical.

Então, a professora canta algumas vezes a canção inteira e depois ensina a mesma ás creanças, cantando-a sempre juntamente com ellas.

Além da pronuncia clara, que merece a maior attenção da professora, da entoação, que deve ser observada cuidadosamente, da respiração, tomada na occasião propria e opportuna, e da attitudo correcta da creança, cumpre attender particularmente á maneira de emitir as vogaes A e E, afim de que ellas saiam cheias, um pouco fechadas e não abertas, desgracicas, como instinctivamente costumam as creanças proferilas.

c) Na escolha das canções, que devem ser de genero *syllabico* (isto é, a cada syllaba corresponder uma nota) preferir sempre, pelo que já foi notado, as que tenham uma justa extensão e fessitura, facies, simples, de phrases curtas, de rythmo regular e uniforme, e não de composição arbitrária, como infelizmente se encontravam no repertorio dos Jardins e de outras escolas: as que não contenham notas alteradas, bem assim muitos saltos de modulações; e que repourem sobre dois ou tres accordes do tom (tonica, dominante, sub dominante). Podem sim trazer alguma prissagem de tom; isso, porém, para a dominante e para o relativo *maior*; si o tom principal é *maior*, para o relativo *maior*, si o tom principal é *menor*.

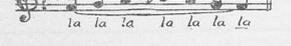
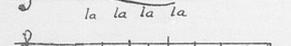
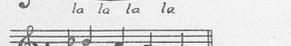
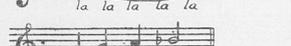
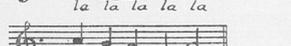
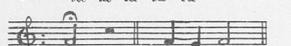
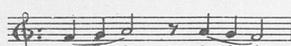
d) Fazer proceder de algum exercicio de vocação a aprendizagem das canções.

A voz falada das creanças gyra sobre as notas:



Os primeiros exercicios vozes deverão, portanto, começar com essas notas, fazendo-se pronunciar primeiro o monosyllabo *la* e depois, successivamente, as vogaes *a, e, i, o, u*, um pouco fechadas.

Apresentamos alguns exercicios, em ordem progressiva, para creanças de 3 a 7 annos:



Esses exercicios, cuidadosamente feitos e bem dirigidos em grupos separados de creanças, têm a vantagem de incutir a entoação, de uniformizar o timbre das diversas vogaes e de tornar a voz mais redonda e harmoniosa.

Para evitar a fadiga, cumpre não prolongar por mais de uns 4 minutos esses exercicios, reservando espaço de tempo mais ou menos igual para a canção.

Essa questão de tempo, aliás, não deve ser levada muito a rigor, porque no Jardim, como sabemos, o coefficiente a attender, antes de tudo, é o maior ou menor interesse revelados pelas creanças neat ou naquelle ponto.

Alóra os exercicios ali indicados e que, como dissemos, são feitos separadamente, por grupos, do canto geral, em córo, na entrada e encerramento dos trabalhos, nos jogos, nas marchas, etc., e ali não haverá inconveniente em cantarem as creanças mais vezes, porque no canto em conjunto, com maior numero de vozes, estas se sustentam alternadamente e assim não se cansam.

d) Esforçar-se por que estejam as creanças attentas, nos lugares marcados; cantem de pé, tenham a cabeça firme, a bocca naturalmente aberta e os dentes não cerrados.

Deve-se ter ainda em consideração que o canto é um entretenimento muito agradável ás creanças, mas que a resistencia destas, mesmo tratando-se de um exercicio tão facil e suave, é muito limitada; por isso apenas se manifestem os primeiros signaes de fadiga, venhem interromper o trabalho.

e) Fazer que as creanças cantem primeiro a meia voz e, depois, emitindo-a naturalmente.

Essa, a unica possibilidade de conseguir um unisono perfeito num córo infantil, pois assim as proprias creanças irão notando os defeitos de entoação e pela imitação das outras vozes se irão corrigindo devidamente.

f) Entim, a professora de musica do Jardim da infancia ou da Escola Maternal, si não dispuzer de piano, de harmonium ou de grua-canto, deverá utilizar-se do diapassão.

Um desses instrumentos é necessario para que ella possa regular a propria voz, isto é, tomar o tom justo, e não «lirar» o canto a esmo, mais alto ou mais baixo do que deve ser.

Excusado é acrescentar ainda uma vez que as creanças devem cantar sempre por imitação, ou de ouvido, pois seria contrasenso pretender dar ás creanças, nos Jardins e nas Escolas maternaes, a leitura das notas.

Confio no patriotismo dos Conselhos Escolares, para que elles emprestem caloroso impulso ao ensino nos respectivos municipios. — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

JARDIM DA INFANCIA

(PARA A «LIÇÃO DO SILENCIO»)

Um pouco lento; doce e bem ligado

Fi - que nos ca - la - di - nhos pa - ra re - pou - sar que o
somno de man - si - nho vem nos vi - si - lar E Deus nos nos - sos
so - nhos lá no ceo' sar - ri

(PARA A HORA DA MERENDA)

Devagar, mas com animação e alegria

O bei - ja flôr dou - ra do se lan - ça pe - lo ar E
vae no ver - de pra - do seu do - ce mel bus - car Nós
co - mo os pas - sa - ri - nhos tam - bem va - mos brin - car E
dos nos - sos ces - ti - nhos os pãe - si - nhos ti - rar

«Os paes devem interessar-se realmente pelo trabalho escolar dos filhos. Os professores precisam contar com a solidariedade eficaz e com o auxilio continuo dos paes dos alumnos» — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

Lição de cousas

O ar atmosferico.

QUANDO vocês estão encalorados costumam abanar-se com um leque, um papel, etc., e sentem algo no rosto. Que será, Pedro?

— E' o vento.
— E' uma ligeira viração provocada pelo movimento do leque. O que lhe viu acariar o rosto é o ar posto em movimento.

Tambem as arvores, que são imoveis, costumam agitar-se quando ventam.
Quando vocês fazem um movimento circular com o braço, mãos espalmadas, sentem que a mão passa por alguma cousa.

Quando procuram encher uma garrafa com agua da torneira bem aberta, a garrafa fica «espirrando». Ha alguma cousa que sae da garrafa para que a agua entre.

Em tudo nós percebemos o ar, damos conta da sua existencia.

E mais: si soprarmos um envelope ou uma dessas bexiguinhas de borracha, elles se encherão de alguma cousa: o ar. Si logo dermos um socco sobre o envelope cheio, elle partir-se-á com um estrondo: foi ainda o ar que, apertado, rompeu o papel.

— Zézinho, tape o nariz e a bocca.
Quando tempo poder ficar assim?
Um, dois, tres minutos, talvez.
Depois, morreria apxyxiado. Vemos, assim, a necessidade do ar para a nossa vida: nós os respiramos.

Todos os animais tambem respiram.
As plantas, nem ellas poderiam viver sem ar. (Escreve).

Ar	Vida do homem	Respiração	inspirar
	dos outros animais		exhalar
	da planta		

Devemos respirar sempre pelo nariz, que é o organo proprio para entrada do ar.

Os meninos que respiram pela bocca têm a garganta secca, voz, em geral, rouca e soffrem dos bronchios.

Costumam mesmo «roncar» quando dormem.

Si puzermos um côto de vela dentro de um côpo voltado de boreco, de modo a não entrar mais ar, veremos a chamma ir perdendo o brilho, até se extinguir porque ella consome o ar.

Aprendemos, assim, duas cousas. A primeira é que para apagarmos o fogo ateados ás vestes de uma pessoa, devemos abafal-o com um cobertor ou um fapete, pois, sem ar não ha fogo; a segunda é que o fogo consumindo o ar (propriamente o oxigenio) não devemos dormir com luz de chamma no quarto.

—Vamos agora verificar si o ar tem algum peso. Que lhes parece?

—Tem, sim, e grande, porém, não o sentimos porque estamos mergulhados no ar, que faz pressão

sobre nós por todos os lados, entra-nos no corpo pelo nariz e pelos poros.

E' o mesmo que acontece a quem toma um banho de immersão: não sente o peso da agua, e, no entanto, quem já carregou um balde della sabe bem quanto pesa.

Vocês tambem o sabem: 1 litro de agua pesa 1 kg. e mais si não for pura.

Façamos outras experiencias e observações. Enchamos este copo d'agua. Colloquemos-lhe na bocca este papel. Agora vou voltar-o de boreco. Vem? A agua não cahiu, porque, si ella é mais pesada que o ar, a porção que está no copo e muito pequena, em relação á camada de ar que faz pressão de baixo para cima: camada que tem cerca de 300 kgs.

Si extendermos um jornal sobre uma taboinha estreita, cujos dois terços terminam sobre a mesa e um terço para fóra, teremos occasião de experimentar a resistencia do ar.

Si fizermos pressão, mesmo leve, na ponta livre, o ar desloca e a regua sóbe com o jornal; mas, si lhe bñtermos forte e firmemente com um malho, o ar não tem tempo de se deslocar, e a taboa se quebra, mostrando que a sua resistencia a se partir é inferior á pressão do ar sobre o jornal.

Cousa remilhante acontece quando levamos a mão a uma bexiga cheia d'agua. Esta se desloca e a mão penetra facilmente. Porém, se a levarmos espalmada, violentamente, a agua não se desloca, apara o choque, fazendo ruido. A mão chega a se avermelhar.

Comprehendemos isso?

— Si observarmos uma restea de luz no quarto, veremos innumerous corpusculos suspensos. Os insectos alados, quasi todas as aves voam; os balões de S. João sobem, porque estão cheios de ar quente, mais leve que o frio, tão mais leve, que annulla o peso do papel, do arame, colla e estopa que o formam.

Os dirigiveis estão cheios de um gaz mais leve que o ar; os aeroplanos, como os passaros deslocam muito ar e podem voar.

Tambem o nadador, por movimentos especiais, desloca agua em certa quantidade e pode fluctuar.

As bolhas de sabão fluctuam enquanto está dentro o ar dos nossos pulmões que as encheu. Depois vão cahindo e se partem.

Temos tambem as nuvens, que fluctuam no ar. Assim, vimos que o ar é «pesado».

Elle é tambem elastico. Um pneumatico de automovel tem ar; no entanto, por meio de uma bomba especial, nós lhe vamos pondo mais dentro, até que o pneumatico fique resistente, podendo supportar uma ou mais toneladas de peso. Mas, si se rompe o pneumatico, elle «estoura», e o ar volta a se espalhar...

Em pequena porção, o ar não tem cor mas as grandes distancias, que são verdes, em geral, nos parecem azues. E' a cor do ar.

Quando um criminoso foge, diz o povo que elle «azulou». Poz muito ar entre si e a policia...

O ar em movimento é o vento: desde a brisa, a viração, leves, brandas, até o vendaval, o furacão, que deslham casas, arrancam arvores, afundam navios.

Quando ha calor forte em certo lugar, o ar, tornado mais leve, sobe, e o seu lugar será occupado pelo ar frio que se desloca para alli, produzindo o vento. O vento é utilizado para mover moinhos, barcas á vela, etc.

Temos ventos regulares, já nomeados: o Siroco, o Simoun, que percorre os desertos africanos etc.

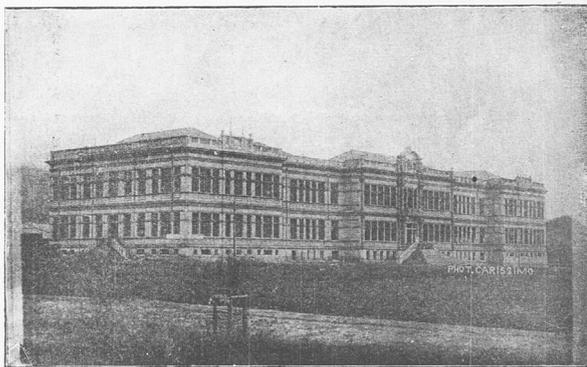
força, fazer chover peixes... no campo. São factos raríssimos, porém possíveis.

O ar é mais pesado á beira mar e mais leve nas montanhas.

Conta um escriptor (Ascensão ás Agulhas Negras), que seu cozinheiro ficava muito admirado, por não cozer o arroz, apesar de ter fervido a agua por duas vezes. E' que naquella altitude, a pouca pressão do ar faz com que a agua ferva com pequeno calor.

Vamos ver, agora, si podemos conhecer alguma coisa da composição do ar.

A chama da vela consome o oxygenio. Nós tambem o consumimos e soltamos acido carbonico.



ESCOLA SUPERIOR DE AGRONOMIA E VETERINARIA, EM VIÇOSA.

Ha um vento — o rodomoio, que causa não poucas vezes graves damnos. Elle sobe gyrando e absorve a poeira, papéis, pequenos objectos, com grande força.

Dizem que devido a elle se dão factos assombrosos.

Passando por uma roça de feijão, pode arrancar e suspender estes e os deixar cahir muito longe, provocando uma verdadeira chuva de feijão onde nunca existiu roça alguma.

Pode passar por um rio, absover a agua e o que nella existe, percorrer kilometros e, afinal, amainada a

Podemos verificar isso: Uma vasilha com agua de cal. Sopremos-lhes com um folle e a agua não se altera. Si introduzimos na agua um camudo e sopramos por elle, a agua se turva. Alguma coisa existe no ar dos nossos pulmões a mais do que no ar soprado pelo folle.

E' o acido carbonico. Tambem podemos verificar facilmente a existencia do vapor d'agua, ficando para mais tarde a verificação da existencia do azoto.

Nos dias de chuva fria, costuma apparecer na superficie interna das vidraças uma humidade que a embaça. São goticulas de agua: o vapor atmosferico encontrando a vidraça muito fria por causa da chuva, se condensa em sua superficie, e sobre ellas

voçes escrevem nomes e desenham phantasticos arabescos.

Verificamos a necessidade do ar para a vida, para o fogo, nuvens; seu peso, cor, elasticidade, movimento, a existencia de alguns corpos que o formam. Fizemos algumas experiencias facéis e mesmo agradaveis.

Dessejava dizer-lhes que o ar conduz o som e que, sem elle o mundo seria silencioso. Ha um appareto, que voçes verão mais tarde, para prova-lo: Uma

Existem no Estado 247 grupos escolares, tres jardins de infancia, 2154 escolas singulares e 48 escolas ambulantes.

O FOLK-LORE NAS ESCOLAS

A vingança do Tucano

D. RAPOSA gostava muito de divertir-se á custa do pobre Tucano.

Mestre Tucano—costumava dizer-lhe a astuta e velhaca—voçe, com essa figura desaguetada e esse beque formidavel, não arranja nada na vida.

O Tucano, porém, que era inimigo de questões, ia aturando com paciencia todas as zombarias e pectinhas que entendia de fazer-lhe a sua ardentissima comadre. Mas um dia a coisa foi por demais, excedendo todos os limites de uma brincadeira razoavel.

A ultima peça, a maior, a que seria capaz de revoltar até o proprio cordeiro, que é o mais pacato e paciente dos animaes, foi a que pregou d. Raposa a mestre Tucano, convidando-o para um jantar em casa della.

—Amigo Tucano—susurrrou-lhe ella, com toda a blandicia. Espero que me dará a insigne honra de ir jantar connigo. Não se arrependêr. O menu é tentador e espero que sahirá de lá satisfeito.

Mestre Tucano cahiu na armadilha. Fez uma toilette mais cuidada, perfumou-se e lá foi todo ancho e lampeiro para a casa da Raposa.

Esta recebeu-o muito bem, entretendo com o seu hospede, como é de estylo nos banquetes, amistososa palestra. A conversa, porém, fôra propositalmente prolongada pela Raposa e mestre Tucano já sentia roncá-lhe as tripas tal a fome que trazia.

Afinal, a amphitryria resolveu pôr o jantar, que consistia apenas em mingão que ella estava cuidando de espalhar em cima de uma pedra, rasa.

bola com uma campanha fixa no centro. Por meio de uma bomba especial tira-se o ar da bola e por mais que a agllemos, nada se ouve. Deixa-se entrar o ar e logo lhe ouvimos distinctamente o bimbalar.

Agora, desejo dar-lhes uns conselhos: respirem sempre pelo nariz; tomem a maior porção de ar que lhes fôr possível sem grande esforço; não durmam com luz e flores no quarto; tenham este sempre arejado.

A.

Mestre Tucano, devido á conformação do seu enorme bico, nada conseguiu comer, devorando a raposa todo o mingão, d'ixando-o completamente em jejum e ainda por cima com o beque bastante avariado do esforço que fizera para ver si conseguia spanhar alguma coisa. A Raposa ria a bom rir-se dos apertos do Tucano.

Este foi ás nuvens, mas não se deu por achado. Jurou, porém, consigo, tirar uma desforra á altura ca affronta.

Dias depois encontrando-se com d. Raposa, disse-lhe:—Comadre, voçe outro dia me obsequiou tanto offerecendo-me aquelle jantar... E' chegada a minha vez de lhe retribuir na mesma moeda. Venho convidar-a para ir jantar connigo.

Vamo-nos embora, que o petisco está bom... A raposa accitou o convite e foram-se ambos. D. Raposa prelibava já as delicias de um sumptuoso banquete, que como tal lho incitava o Tucano. Quil não foi, portanto, a sua raiva e o seu desaponto quando o Tucano lhe apresentou um frasco de peçoço estreito contendo mingão.

O Tucano mettia lá dentro o enorme bico e quando o retirava vinha-se todo regalando.

A Raposa, porém, teve de contentar-se com as lambugens que cahiam do bico do Tucano.

Acabado o jantar, disse o amphitryria, á guisa de brinde de sobremesa:

—Tome isto como lição comadre, e de hoje em diante não ha de querer se fazer de mais fino e sabido do que os outros!



ESCOLA MATERNAL. — PAVILHÃO DAS CRIANÇAS MENORES.

A onça e o jaboty

(FABULA INDIANA)

HAVIA antigamente na floresta um fructo que todos os animaes ardentemente appeteciam, mas que lhes era vedado comer, sob pena de morte, sem que lhe soubessem antes o nome.

Bem proximo á arvore que tal fructo produzia morava uma mulher.

Os animaes a ella se dirigiam, perguntavam-lhe como se chamava aquelle fructo e voltavam para o pé da arvore, ansiosos por comel-o. Apenas, porém, alli chegavam não se lembravam mais do nome da fructa. Isto aconteceu a todos os animaes, com excepção apenas do Jaboty, pela simples razão de que nunca se lembrara de indagar da mulher o nome daquelle pomo. A' vista disto, os bichos reunidos, resolveram ir á casa do Jaboty afim de ver si

seria mais feliz do que elles na empresa. Pelo caminho troçavam o pobre collega.

Si os outros animaes mais esportos não podiam reter o nome complicado da tal fructa, não seria certam nte o bôbo do Jaboty que haveria de conseguir, pensavam de si para consigo. Ao contrario de toda a expectativa, mestre Jaboty accedeu promptamente ao desejo dos seus companheiros da selva. Tomando o seu pequeno bandolim, poz-se a caminho e chegando á casa da mulher perguntou-lhe com a maior urbanidade como se chamava o tal fructo.— *Boyojó quizama-quizá—Boyojó-boyojó quizama-quizá*,—lhe respondeu ella.

Amulher, porém, tinha por costume, quando cada animal se despedia e já se achava a certa dis-

tancia, de gritar-lha a toda a força dos pulmões:—Eh! amigo! Eu me enganei. Não é este o nome! e dava-lhe outros nomes tanto ou mais arvezados, de sorte que o pobre animal se perturbava, baralhavam-se-lhe na memoria todos aquelles nomes esquisitos e ao chegar ao pé da arvore já não sabia qual o verdadeiro.

Mas tal não se deu com o amigo Jaboty. Apenas de posse do nome do ambicionado fructo, poz-se a caminhar, acompanhando-se ao bandolim, em toda a extensão, da casa da mulher á arvore cobigada.

Mas comadre Onça, que lá em baixo o esperava, deteve-o para dizer-lhe, com o ar mais amistoso deste mundo:

—Venha cá, amigo Jaboty. Você não pôde trepar naquella arvore, que é muito alta. Eu apanho as fructas para você e depois rachamol-as fraternalmente no meio. Aceita candidamente a proposta, a Onça subiu á arvore e, depois de ter enchido bem o seu sacco de fructas, tratou de pôr-se a fresco, sem dar satisfação alguma ao Jaboty.

—Deixa estar que te curo, bradou este, indignado, sahindo ao encalço da Onça. Foi encontral-a, indecisa, á beira de um ribeiro profundo, não sabendo como arressal-o com aquella carga.

—Comadre Onça—disse-lhe elle mansosamente,—na agua sempre valho mais do que a senhora.

Confia-me este sacco para que a transporte á outra margem. Ficard's assim mais alliviada para atravessar a corrente.

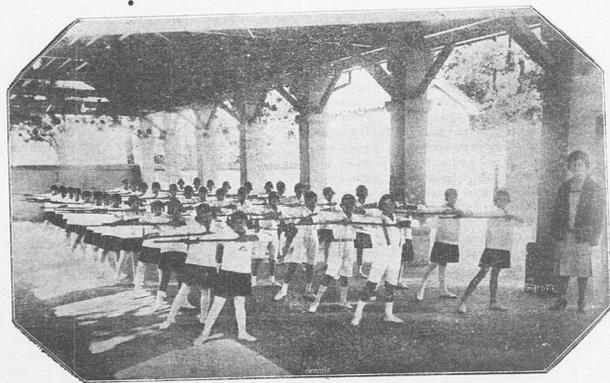
A Onça cabiu como um patinho na armadilha. Mal chegou á outra banda do rio, o Jaboty abriu numa carreira desabalada, levando consigo o sacco e deixando a Onça numa situação embaraçosa. Velhaco e frio como lá de Kogadó, o Jaboty riuse da ameaça e foi esconder-se mesmo debaixo das raizes de uma grossa arvore onde a Onça tinha por habito repousar. Em alli chegando a Onça poz-se a gritar: Amigo Jaboty! Amigo Jaboty! Ao que o maroto respondeu de um o de outro lado: Oi! Oi!

Olhando para a direita e para a esquerda e não vendo ninguém, a Onça, apavorada, continuou a chamar: Amigo Jaboty! Amigo Jaboty!

Entretimentos, aconteceu passar por alli mestre Maccão.

A Onça, em quem os fructos que comera pelo caminho, começavam já a produzir effeito, queixou-se de fortes dores de barriga e supplicou ao Maccão que lhe applicasse umas valentes massagens no baixo ventre. Mestre Maccão assim o fez e com tanto entusiasmo e convicção malhou no ventre da bicha, que esta veio a morrer da cura...

FOLK



JUIZ DE FORA—GYMNASTICA RYTHMICA COM BASTÃO, EXECUTADA PELOS ALUNOS DO 3º ANNO DO GRUPO ESCOLAR «DELFIN MOREIRA», DURANTE A FESTA DE 14 DE JULHO.

O que dizem as outras Revistas

«REVUE PÉDAGOGIQUE»

O numero de março desta revista, que se publica em Paris, traz excelente estudo do sr H. Mignot sobre a theoria da educação de Michelet.

E' desse estudo que extrahimos para nossas paginas os seguintes trechos:

Educadores e focos de educação.

A educação na familia.

Nas obras que consagra á educação do lar, *O Amor, A Mulher, Nossos Filhos*, Michelet afirma que o pae e a mãe são os educadores naturais da criança e que ninguém os pode substituir. São elles que lhe asseguram o maximo de probabilidades de vida durante os primeiros annos, tão fragéis da existencia.

Elles lhe dão o cunho inapagavel da primeira educação, cujos effeitos virão reforçar ou corrigir os da hereditriedade. São elles os primeiros exemplos propostos á imitação servil e confiante da personalidade em formação. Os pães criam duplamente a criança: dão-lhe a vida do corpo, depois a alma.

Função singularmente grave para a qual nunca se prepararão de mais.

Dá-se na familia uma especialização da função educativa: cada qual collabora na obra commum conforme sua propria natureza. Por destino natural a mãe é a primeira educadora, como principal creadora da criança: gera-a com o seu sangue, depois a cria em seus seios e ainda uma vez com os cuidados da primeira educação. Seu genio sentimental e terno torna-n'a mais apta a dar essa educação da primeira infancia. Desse modo a educação materna torna-se o prototypo de toda educação porque ella se inspira naturalmente no grande principio da pedagogia liberal: o respeito ao genio nativo da criança e a fé em sua bondade natural. O pae traz a educação do lar o elemento de força e de actividade.

Prepara a criança para a vida social. Trabalhando para os seus, aos quaes protege, é um exemplo vivo de virtudes viris. O que a criança estima em seu pae é, a principio, o companheiro de seus dias e, mais tarde, quando comprehendê tudo o que elle faz pela familia, é o *homem*, isto é, a força, o dever e até o sacrificio. E' por meio delle que a criança, insensivelmente se affaz ás difficuldades da vida, aos meios de vencer a nessa lucta quotidiana e na solidariedade que a sociedade nos encontra.

O lar é, porém, um campo muito estreito para preparar o individuo para a acção social, sendo portanto preciso procurar-se um outro mais vasto foco de educação, uma vez que a criança deve ser educada pela acção e para a acção.

Encontramos então o segundo foco de educação:

A escola publica nucleo da educação nacional.

A escola actual, de accordo com os principios pedagogicos em voga não se limita apenas a dar *instrucção* deixando a educação aos outros nucleos de formação de caracter. Ella se esforça, ao contrario, em formar o caracter da criança ao mesmo tempo que lhe prodigaliza os conhecimentos necessarios nos diferentes ramos do saber humano. O papel da escola publica é «identificar a criança com a patria, e com a grande patria commum, mundo», fazendo della um ser social. A missão do educador é, pois, das mais elevadas, constituindo verdadeiro sacerdocio. Não lhe é facil manter-se constantemente á altura da actividade e convicção exigidas pelo cargo. O educador deve aperfeiçoar-se sem cessar, vivificando a escola com seu espirito lucido e sempre renovado. Nunca medirá seu esforço nem a sua função, porque o ensino não é uma occupação, é um sacrificio completo de sua propria pessoa.

Collaboração intellectual e communhão sentimental são a essencia do ensino. Assim é que Michelet comprehendeu sua missão de professor, assim professou elle a historia, commungando com o auditorio que elle fazia vibrar pela evocação ardente do passado que revivia em sua alma, em sua palavra, em seus escriptos.

«POPULAR EDUCATOR»

Adoptamos desta revista americana as seguintes palavras, da maior actualidade para os professores:

«Um das profissões mais penosas e tambem das mais bellas é o magisterio. Muitas vezes, porém, os pequenos resultados colhidos é que desanimam a inclinação do mestre para o trabalho. Ha, pois, um problema fundamental neste assumpto. E' o de tornar o ensino cada vez mais effizaz. A cooperação dos pães com os mestres assume, então, um papel preponderante para esse exito desejado.

Não havendo uma comprehensão mutua entre elles, perde-se grande parte do trabalho feito na escola.

O começo do anno é a occasião propria para se formarem essas alianças.

Para a professora comprehender o alumno e poder dirigir-lhe a educação, é necessario conhecer as condições em que elle vive e o ambiente que o cerca. E' este um dos grandes segredos para o exito do ensino.

E' preciso despertar o orgulho dos pães e utilisar seu poder na escola.

Alguns professores se queixam de que não conseguem interessar os pães no trabalho escolar. Alguns não fazem muito caso dos filhos. Outros têm a idéa antiquada de que a casa é o centro para onde devem convergir todas as actividades da criança. Alguns vezes, têm boa vontade em relação aos filhos, mas não sabem como devem proceder. Em certas casas as crianças apparecem como hospedes indesejáveis. Nesses casos, é que as professoras devem tentar reunir, num só, os diversos elementos da sociedade.

Ha alguns annos atrás, os pães só iam á escola para fazer alguma queixa á professora; e, por conse-

guinte, esta não os recebia com muito prazer. Mas, hoje, os pães estão começando a visitar as escolas com outros propositos e em algumas dellas, já instituiram, nos Estados Unidos, o «dia dos pães».

As professoras mandam avisos especiaes e fazem o possivel para induzir-os a se reunirem na escola. Ah!, conversam com as professoras sobre o adiantamento dos filhos, sobre suas tendencias e outros assumptos que interessam a todos. Cada vez se generaliza mais este costume nos Estados Unidos, e as mães vão conhecendo mais de perto o segundo lar de seus filhos.

Entre nós, muitos pães não conhecem nem o nome da professora. Outros não se interessam pelos boletins mensaes e nem sabem o que querem dizer. Muitas vezes assignam esses boletins sem o lerem e, não raro, ignoram até o nome da rua onde está situada a escola.

A professora tem o dever de procurar despertar o interesse dos pães pela vida escolar dos filhos e, entre o lar e a escola deve haver um constante intercambio.



▲
FESTA
DA BONECA
NA ESCOLA INFANTIL
«DELFINA MOREIRA»
(CAPITAL).



EM CIMA:
OS CONVIVADOS
MUITO SERIOS
DEANTE DA OBJECTIVA

EM BAIXO:
A BONECA, CERCADEA
DE BRINQUEDOS

Leitura para as crianças

O JANTAR DE BÉBÉ

O pequerrucho, tres annos:
Não ha nada mais gracioso
Do que os seus gestos ufanos
E o seu andar orgulhoso.

Detesta officios tranquillós,
Ama o clangor das trombetas:
E' o Atila dos grilos,
O Nemrod das borboletas.

Com todas as qualidades
Da *ménagère* exemplar,
Enquanto o irmão faz cidades
Bébé prepara o jantar.



Dorme a boneca ao pé d'ella
No berço. De quando em quando
Bébé escuma a panella,
Que está fervendo e cantando.

São horas. O irmãsito
Já deve de andar cançado
Das construções de granito
E da rabiça do arado;

Mimi em poucos instantes
Acordará com certeza;
E' necessario quanto antes
Ir pondo o jantar na mesa...

GUERRA JUNQUEIRO

Brasil—Recursos naturais

BEMVINDA DE CARVALHO

Estudo, em palestra com os alumnos, sobre as riquezas naturais do Paiz, de modo a despertar-lhes o sentimento do enthusiasmo pelo progresso patrio—Industria extractiva: ferro e manganez; ouro; diamante e outras pedras preciosas.

(Geographic: Programma do ensino primario —3.º anno, 2.º semestre).

A lição compõe-se das seguintes partes:

a) Um quadro synoptico do assumpto, posto antecipadamente no quadro negro, á esquerda. (Vêr a fig. 1).

b) Um esboço do Brasil, com a divisão administrativa e os nomes dos productos mineraes com localisação propria, á direita; (Vêr fig. 2)

c) O mappa do Brasil, de Olavo Freire, ao lado, bem visível para a classe;

d) A collecção de pedras preciosas e de especimenes de mineiraeas, trazida do museu escolar;

e) Finalmente, o schema, dado aos alumnos para o estudo em casa.

Observação: A professora deve falar em voz clara, alta, cotejando sempre o synoptico, o esboço e o mappa do Brasil, de fórma a desfazer qualquer monotonia que possa reinar em classe.

No dia seguinte, a arguição deve ser feita á vista do *mappa-mudo*, isto é, o esboço do Brasil, dividido em Estados somente, sem designação alguma, de fórma a poder averiguar-se si o alumno aprendeu intuitivamente a lição.

A professora: Vamos terminar hoje o tratado dos productos naturais do Brasil. Em aulas passadas, vimos a flora e fauna. Falemos agora do reino mineral.

O Brasil foi considerado um *paiz de mineração* desde o periodo colonial. Vocês têm a prova do que affirmo nos pontos de Historia do Brasil, 1.º semestre, quando estudam a guerra dos Emboabas ou seguem os vultos luminosos de Felipe dos Santos e de Paschoal da Silva.

Tentando-se, com afincio, conhecer a estrutura geologica do Brasil, isto é, observando-se a natureza e distribuição dos materiais que lhe formam o sóto, chegou-se á conclusão de que é immensa a variedade de seus recursos mineraes.

Encontram-se, numa area consideravel do Paiz, grandes riquezas, quaes sejam: o ouro, o manganez, o ferro, o chumbo, o carvão de pedra, pedras preciosas, etc. Vou apparellal-as em 5 grupos, para melhor facilitar a comprehensão. Vejam aqui no quadro (aponta o quadro synoptico, continuando a lição):

a) Os *metaes*, que têm brilho caracteristico, como o ouro;

b) Os *combustiveis* ou substancias com que se faz lume, fogo, ex.: o carvão de pedra, o petróleo;

c) Os *mineraes não metallicos*, a saber, mineraes que não têm brilho especial: o amianto, por exemplo;

d) As *pedras preciosas*: hajam vista o diamante, a esmeralda, etc., conforme estão vendo na rica collecção que lhes apresento aqui e que podem apreciar, com calma, no primeiro intervalo das aulas;

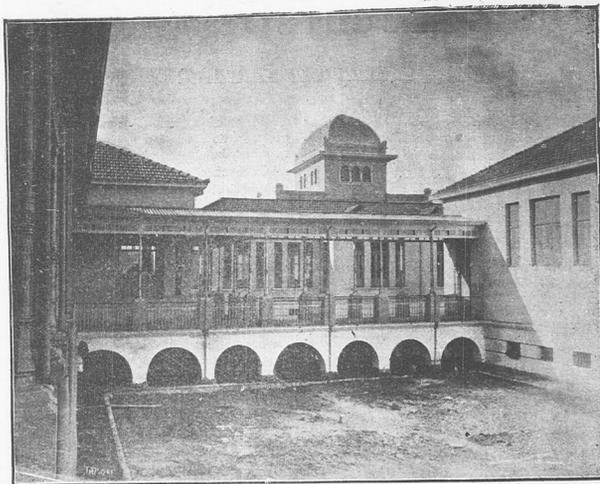
e) As pedras *semi-preciosas*: Refiro-me ás de valor médio, como a cymophana, a triphana.

Semi é um prefixo, um elemento que se ajunta ao começo da palavra, e significa *metade, meio*. (Escrevendo no quadro) *Semi-circulo*, por exemplo, é o mesmo que *meio circulo*.

Reparem a parte colorida. (Desenha no quadro)



Atenção, meninos! Diga, Luiz, quese são os grupos em que se classificam os nossos mineraes. Bem. Vocês, Newton, cite alguns metaes. Qual é o distinctivo dos metaes, Mauricio? Fernando, que significa o vocabulo *combustiveis*?



ESCOLA MATERNAL — VISTA INTERNA.

Enumere varios exemplos desse typo, Lauro. O Oswaldo conhece um mineral não metálico? Muito bem! Conforme diz você, podemos vê-los entre as amostras do Museu. E sabem que o amianto resiste à acção do fogo? As pedras preciosas... Ha algum, entre vocês, que não tenha parado ante a vitrina de um joalheiro? que não tenha apreciado o faiscar louro dos topázios, o tom violeta magoadado da ametista, o azul-neveiro da agua-marinha, as gottas de sangue do rubi, os olhos verdes, encantadoramente verdes da esmeralda, o scintillar do brilhante? As pedras preciosas... Sim, meus amiguinhos, «as pedras preciosas vivem», disse o poeta, e dão cantos de luz a esta terra encantada que é o nosso Brasil. Dê o nome de uma pedra semi-preciosa, Sylvio. Que significa *semi*, Hugo? Logo, semi-preciosa, Carlos? Muito bem!

Iniciemos a lista dos nossos *metaes*.

O *ouro*, denominado *metal precioso*. Encontra-se em varios pontos do territorio mineiro: Gongo Socco, Morro Velho, Passagem, Itabira. Na 1.ª metade do seculo passado, a mina de Gongo Socco, situada a pouca distancia de Sabará, foi uma das mais prosperas.

O *manganez* é um minerio de alta importancia economica. Ha bons depositos no Brasil, especialmente na Bahia, no municipio de Nazareth e em Minas Geraes, perto de Lafayette. Em Minas, o manganez encontra-se abundantemente não só em Lafayette, mas em Ouro Preto, Burnier, Congonhas, Santa Barbara, Gandarella, etc. etc.

Em Matto Grosso, tambem, ha uma notavel jazida de manganez, no massiço de Urucum.

O *ferro* é um metal muito commum no Brasil, e, como vocês sabem, de incomparavel vantagem.

Existem, em nosso Estado, as jazidas do Pico de Itabira, de Catta Branca, de Aguas Claras, de Sant' Anna dos Ferros, de Garandello, de São João Baptista, perto de Oliveira, e muitas outras, estudadas por Goreix, Costa Sena, Gouzaga de Campos e varios profissionais.

No Paraná, em Santa Catharina, Goyaz, Matto Grosso, ha deposito de ferro. Em São Paulo, encontra-se a famosa mina de Ipanema.

O nosso actual presidente dr. Mello Vianna tratou com a maxima solitudine do problema siderurgico, isto é, do aproveitamento dos minerios de ferro na obtenção deste metal. Augmentou-se o numero de usinas no Estado, continuando a funcionar a de Esperança e a de Burnier, etc.

O *cobre* é encontrado no Brasil, existindo em Ouro Preto, no Maranhão, Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte, Bahia, Rio Grande do Sul e Minas Geraes. As jazidas da Bahia e do Rio Grande do Sul são as mais conhecidas. Na estrada de ferro de Bagé a P. lotas, encontra-se a de Comaquin, de grande valor. A exploração foi iniciada em 1901, com capitães belgas.

O Brazil possui, ainda, outros metaes: platina, prata, zinco, nickel, chumbo, etc.

Diga, Mario, alguma cousa sobre o ouro. Qual o Estado que o contém em maior quantidade?

E o manganez, Julio, é util? Porque? E o ferro Alberto? que diz você sobre elle?

Vejamos os *combustiveis*:

Carvão de pedra, existente em S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, com magnificas condições de exploração.

Petroleo: Em varios pontos do Brasil, maxime em S. Paulo e Paraná, nota-se a presença desse oleo mineral, extremamente inflamavel. Em caso de incendio produzido por elle, deve-se extinguir o fogo com terra, panno, e não com agua. O Governo Federal, a conselho de varios cientistas, tem mandado fazer pesquisas.

Shistos betuminosos: Constituem grande riqueza do Paiz. Submettidos à destillação, produzem oleo pesado, gazes combustiveis, apropriados à illuminação. São encontrados no Amazonas, Maranhão, Alagôas, Bahia, Minas, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Goyaz e Matto Grosso.

Linhito: E' outro combustivel que se encontra no Amazonas, Minas e S. Paulo o possuem.

Turfa: Ha alguns depositos em Minas e Rio de Janeiro.

Gas natural: Uma sondagem feita no municipio de S. Pedro, em S. Paulo, obteve um deposito de gaz combustivel, uma das mais valiosas substancias do mundo.

— Enumere, Milton, os productos combustiveis do Brasil. Falta alguns, Paulo? Muito bem!

Assemos aos *minerias não metálicos*:

O *amianto*: de grande alcance commercial, é achado em Minas; a *argilla*, empregada na fabricação de tijolos e telhas, encontra-se nos Estados do Sul; o *feldspatho*, que entra no fabrico de louças, vidros, porcellanas e azulejos; a *barytina*, usada nas tintas, na manufactura da borracha, do papel, do cortume, dos fogos de artificio e na refinação do assucar de beterrabe. Ha occorrença dessa substancia na Bahia, Maranhão e Minas; a *graphite*, muito util na fabricação de lapis, na pintura e como material electrico, é encontrada em Minas e Matto Grosso.

Marmores: Ha varios depositos no Ceará, Espirito Santo, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. Os mais bellos exemplares são encontrados em Minas.

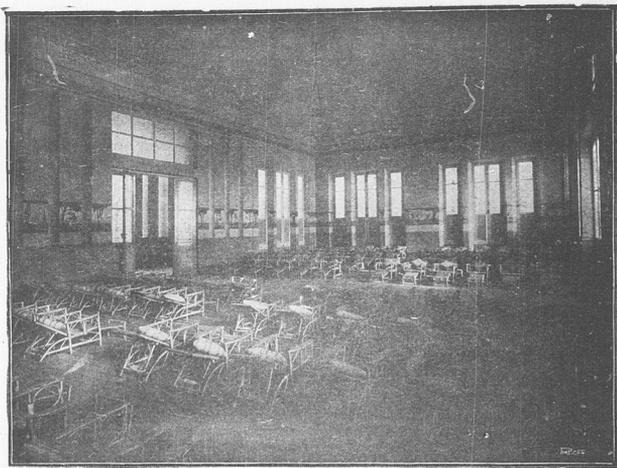
O Brasil contém *mica*, *monasito* e *pedras de amolar*, onde se aham instrumentos, e o *quartzo*, substancia espalhada no Brasil, usada no fabrico do vidro e do sabão. Ha os coloridos, como o amarello que limita o topazio.

O *salitre*, de que se faz a polvorosa, é encontrado na Bahia e em Minas.

Repita, Newton, os nomes dos minerias não metallicos do Brasil. Está bem. Mais um pouco. Vamos falar das *pedras preciosas*.

O *diamante* se encontra ao longo da serra do Espinhaço, principalmente em Diamantina, e nos leitos do Jequitinhonha e do rio Pardo, na Bahia, na Chapada, Diamantina e em torno da cabeceira do rio 'Araguassu: em Goyaz, Matto Grosso, S. Paulo e Paraná.

A *esmeralda*, na Bahia; *turmalina*, de varias das côres, *andaluzitos* dichroicos, isto é, de diver-



ESCOLA MATERNAL. — SALÃO DE REPOUSO DAS CRIANÇAS MAIORES.

so tons, *agua marinha*, *topazio azul* ou branco, em Minas; a *agata* e a *amethysta* no Rio Grande do Sul.

Então, Julio, qual o Estado mais rico em pedras preciosas?

Entre as pedras *semi-preciosas*, citam-se a *cimophana* e a *triphana*, existentes em Minas; o *quartzo amarelo*, em Goyaz.

Ultima pergunta: O Brasil possui recursos naturaes? Principalmente em que reino?

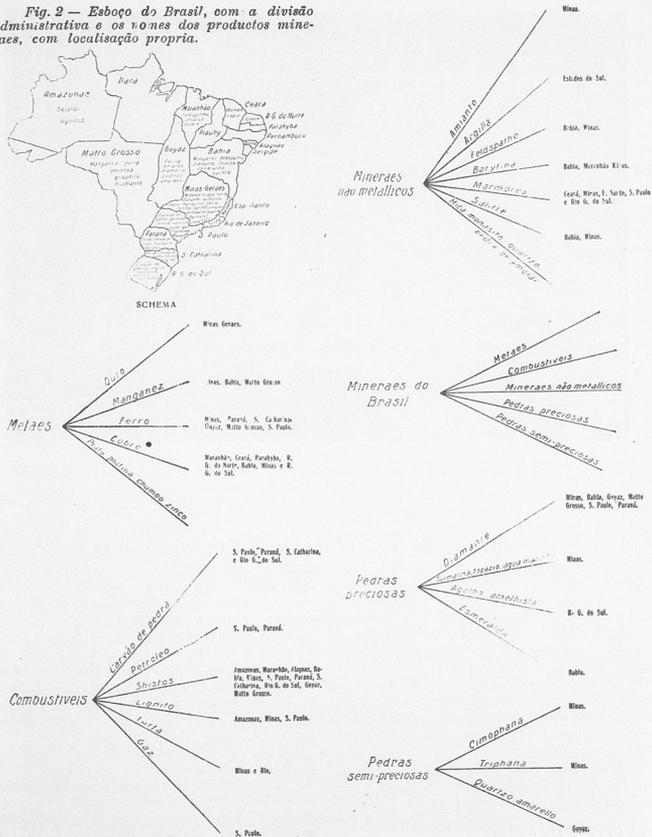
Tomem agora o quadro synoptico, o esboço do Brasil e o schema que vou escrever no quadro. Capricho e atenção! Façam outro mappa igual ao modelo, em papel avulso.

Na proxima aula, entraremos no «Brasil economico».

Fig. 1 — Quadro synoptico dos mineraes do Brasil

PARA OS ALUMNOS		
Mineraes do Brasil	Metaes	ouro, ferro, manganez, cobre, platina, prata, zinco, nickel, chumbo.
	Combustiveis	Carvão de pedra, petroleo, schistos betuminosos, fenhito, turfa, gaz natural
	Mineraes não metalicos	Amianto, argilla, feldspato, barytina, graphite, marmorez, mica, monazito, pedras de amolar, quartzo, salitre
	Pedras preciosas	Diamante, esmeralda, turmalina, andaluzitos, agua-marinha, agatha amethysta.
	Pedras semi-preciosas	Cimophana, triphana, quartzo amarelo

Fig. 2 — Esboço do Brasil, com a divisão administrativa e os rones dos productos mineraes, com localisação propria.





Este diagramma, que a Secretaria do Interior mandou organizar, mostra as diversas fases de desenvolvimento da matricula em Minas a partir do anno de 1872, e põe em evidencia o salto magnifico que os numeros apresentam na administração Mello Vianna.

Como a noite appareceu, segundo a lenda tupy

A PRINCÍPIO não havia noite: havia dia somente. A noite estava adormecida no fundo dos lagos tranquillos.

Não havia animaes: todas as coisas falavam. E como não houvesse noite propicia ao somno reparador, não se podia dormir. A filha da Colera Grande, conta-se, casara-se com um joven. Este moço tinha 3 vassallos fiéis. «Não ha noite, ha dia somente, disse a moça ao marido: meu pae tem a noite presa em sua morada», disse a filha da Colera Grande.

Então, aconselhado pela esposa, o joven chamou os tres vassallos e ordenou-lhes fossem á casa do sogro buscar um carço de tucumã (1*), devendo

elles, para lá chegar, descer, de canõa, um grande rio. Chegadas á casa da Colera Grande, deu-lhes um carço de tucumã, perfeitamente fechado, dizendo-lhes: «Aqui está: levem-n'o com cuidado e não o abram, pois em caso contrario serão punidos». Os vassallos foram-se. Pelo caminho, porém, ouviram um barulho extranho que sahia de dentro do carço de tucumã: *ten-ten—ten-ten*. Esse barulho era dos grillos e dos sapinhos que com elles cantam pela noite a dentro.

—Que diabo de barulho é este? disse um delles. Vamos abrir o carço para verificar?

Ao que retrucou o que servia de piloto: «Não! Do contrario nos perderemos. Remai e vamos-nos embora! E lá se foram, impressionados sempre por aquelle barulho, cuja causa não sabiam explicar. A

curiosidade, porém, era nelles mais forte do que o temor. Não resistiram e, quando já iam muito longe resolveram abrir o carço de tucumã para verificar o que dentro d'elle se continha.

De pé, no meio da canõa, um delles acendeu fogo, com que os companheiros derreteram o breu que fechava a porta do carço de tucumã. Mal o abriram, fez-se para logo noite cerrada e densa. Então, disse o piloto: «Estamos perdidos!»

A essa hora, em sua casa, a moça já sabe que abrimos o carço da tucumã.

Seguiram sempre. A moça, em sua casa, disse ao marido: «Elles soltaram a noite. Vamos esperar agora a manhã». Então, todas as coisas que se achavam espalhadas pelo bosque se metamorphosaram, umas em peixes e outras em passaros e outras em animaes. O paneiro transformou-se em onça. O pescador, com sua canõa, converteu-se em pato: sua cabeça em cabeça de pato; seu remo virou as pernas do pato e a canõa o corpo do pato. A filha da Colera Grande, quando viu a estrella Venus, disse ao marido: «Está chegando a manhã. Eu vou dividir o dia da noite». E, enro-

lando um fio, accrescentou: «Tu serás *cujubim* (2), para cantar quando a manhã vier». E fez assim o *cujubim*, branqueou a sua cabeça com tabatinga e avermelhou-lhe as pernas com urucum, dizendo-lhe: «Cantarás para todo o sempre quando vier a manhã».

Depois, tornando a enrolar o fio, disse. — Tu serás inambù! Tomou cinza, poz-se sobre elle: «Tu inambù serás». Cantará á tarde, ao baixar a noite, á meia noite e noite alta até vir a madrugada».

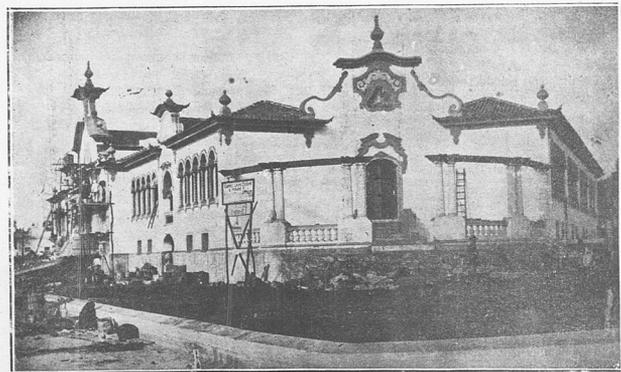
De então para cá, os passaros cantam em tempos proprios, á noite e quando a manhã vem, para alegrar o dia.

Quando os tres vassallos chegaram, o moço lhes disse:

«Vassallos infieis! Fostes a causa de todas as coisas se perderem. Virareis, por isso, macaquinhos e andareis para todo o sempre trepados pelos galhos das arvores».

H.

(2) Especie de Jacú, que canta pela madrugada.



FACHADA LATERAL DO GRUPO ESCOLAR D. PEDRO II, EM BELLO HORIZONTE, CUJA CONSTRUÇÃO ESTÁ A TERMINAR E QUE É O PRIMEIRO EDIFÍCIO PÚBLICO, EM ESTILO COLONIAL, NO ESTADO.

(1) Palmeira do Amazonas.

O mentiroso arrependido

(COMEDIA INFANTIL)

D. MARGARIDA—Senhora de 30 annos presumíveis.

CARLITO—Filho de D. Margarida, 9 annos.

VICENCIA—Velha creada.

SCENA UNICA.

D. MARGARIDA (zangada).

Que feia coisa é a mentira!
 Lucro algum della se tira,
 E de mentir tunão deixas.
 Vais me dizer a verdade:
 Onde puzeste as ameixas
 Vindas da confeitaria?
 Vamos, Carlos, por piedade
 Hoje, ao menos, neste dia
 Que é o dia natalício
 De teu pae, dize a verdade!

CARLITO (choramingando).

Mãesinha, não sei de nada
 Acabo agora de entrar.
 Creio que foi a criada...
 Eu não fui, posso jurar!

D. MARGARIDA

Oh! foste tú que as tiraste!
 Como ainda juras por cima?
 Estás a sahir-me um traste,
 Indigno da minha estima!
 De que vale o juramento
 Si quem o faz não faz fé?
 Mais que feio, é objecto
 Tirar sem consentimento
 Do dono, qualquer objecto...
 Chega a ser um crime até!
 Mas, emfim, na tua idade,
 Póde mais a gulodice

A s vezes que a honestidade
 Isto ainda é desculpavel,
 Tolerá-se, como disse:
 Mas o que é imperdoavel
 E' negar o que se fez.
 Sabes disto a consequencia,
 Pois surda, já uma vez,
 Aos seus brados de innocencia
 Tive de mandar pr'a rua
 Uma pobre empregadinha
 Por culpa que ella não tinha
 Pois eras tú o culpado.
 Não tens remorsos, Carlito?
 Suspeita de ter furto
 Um collar que, está provado,
 Foste tu que consumiste!
 Achas tu isso bonito?
 Pois eu acho muito triste!
 E não te emeadas, birbante!

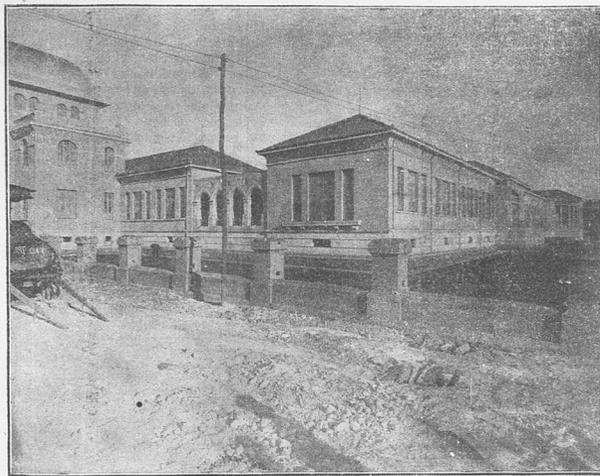
CARLITO (com ar arrependido, abraçand-a)

Mãe, prometto d'ora avante,
 Não mais faltará verdade.

D. MARGARIDA

Pois vamos ver, está feito!
 Mentir é grande defeito
 Até mesmo em tua idade!

Apenas Carlito se afasta, ouve-se, vindo do interior da casa, um rumor fragoroso, como terremoto, — barulho de louças e vidros quebrados. Depara-se a D. Margarida um quadro desolador: terrinas e pratos, Sévres, compoteiras e copos de crystal finissimo da Bohemia, tudo por terra em pandarecos. D. Margarida chaga ainda a tempo de surprehender Carlito a se esgueirar por detraz de uma porta. Seu primeiro impeto e' castigal-o allí mesmo, severamente; melhor refletindo, porém, contenta-se, mudando de resolução.



ESCOLA MATERNAL. — FACHADA E PARTE DA PRINCIPAL.

D. MARGARIDA (pensativa).

E si uma experiencia tento?
 O que não póde a razão
 Talvez possa o sentimento...
 Falemos-lhe ao coração,
 Tentemos a experiencia,
 Sofra embora um innocente...
 Trata-se de um caso urgente.

(Chamando resoluta, para dentro)

Vicencia! olá, Vicencia!

(A' criada, que acode, esbaforida)
 Não és mais minha empregada!
 E' arranjar a trouxa e fóra!

VICENCIA (com humildade).

Que fiz eu, minha senhora,
 Para ser assim tratada?

D. MARGARIDA (com vehemencia).

Ainda perguntas? Não vês
 O prejuizo que causaste?
 Nem mesmo um anno, talvez,
 Do teu ordenado baste
 Pra pagar o estrago feito.
 Nada! nada! não tem geito!

(Apontando, com o dedo, severa, para a louça em estilhaços pelo assoalho.)

Não vês esses estilhaços
 Toda essa louça em pedaços?

Contempla, anda, esta tua obra,
E dize si tenho, ou não,
Motivos até de sobra
Para te mandar embora
Te escorraçar, como a um cão !

VICENCIA (em tom que implora, enxugando as
lagrimas no avental)

Mas... tantos annos, senhora,
Que sirvo, como cozeira,
Nesta casa, sem razões
De queixa dar aos patrões...
Bem obediente, ligeira,
Sempre querida e estimada...
Para agora ser tratada
Assim, de modo tão duro...
Quem quebrou toda essa louça,
—Que Deus, ó senhora, me ouça !
Não fui eu, por Deus o juro !

D. MARGARIDA (com energia)

Si não foste, és responsável !
Está lavrada a sentença,
Fria, crúa, irrevogavel !
Põe-te já, mas sem detença,
Quanto antes no olho da rua !

Vicencia sáe, de cabeça baixa, e volta, pouco
depois, sobraçando uma magra trouxa de roupas.
Despede-se, sempre chorando. Carlito, que desde o
começo desta scena, tudo presenciara por detraz da
porta, com crescente emoção, não podendo mais con-
ter-se, ao ver assim tão barbaramente despedida, por

sua causa, uma creada de tantos annos, salta do seu
esconderijo.

Detem-te minha mãesinha,
Pois a culpa é toda minha !
Si alguém, pois, ser castigado
Merece, sou eu somente !
Não posso deixar, mãesinha,
Que por mim pague o innocente !
Pois quem tudo isso quebrou,
Fui eu, eu, só, que aqui estou !

D. MARGARIDA (abraçando-o e fitando-o com infi-
nita ternura, os olhos cheios de lagrimas, quasi bal-
buciando).

Meu filho, já o previa,
Sim, tinha um presentimento,
Não sei o que me dizia
Já o sabia, pois não,
Que em ti, enfim, falaria,
Filho, a voz do sentimento,
Filho, a voz do coração !
Que grande prazer me invade !
Senhor, que dia grande é este !
Perdôo-te tudo, tudo.

CARLITO (vendo sobre a mesa uma taça, er-
gue-a num brinde a seu pae, que entra neste mo-
mento, carregado de embulhos).

Meu paesinho, eu te saúdo,
Neste dia em que nasceste
Em que nasci p'ra verdade !

H.

*ESTE numero da «Revista do Ensino» se reveste de uma significação especial por ser o
ultimo que publica o governo que a creou e, por isso mesmo, apparece com perto de
cem paginas, excellente feitura, collaboração a mais variada e, para requinte de esthe-
tica, com tres trabalhos em trichromia. A capa, em pequeno quadrilatero, mostra a pri-
meira d'essas produções em um bella pedação de nossa natureza tropical e no texto se
depara a reprodução de duas telas historicas: uma já celebre — «A primeira missa no
Brasil» — e o «Julgamento de Felippe dos Santos», de Antonio Parreiras, quadro execu-
tado por ordem do governo de Minas. Mas a «Revista do Ensino» ao dar, nesta edição,
em esplendidas trichromias, quadras que relembram a nossa Historia, não visou, apenas,
tornar-se mais interessante: a «Revista» endereça, especialmente, essas reproduções
coloridas, ás professoras do Estado, para que estas, tirando-as de suas paginas e emul-
durando-as discretamente, as colloquem á parede de suas salas de aulas. E, graças ao
valor historico de suas trichromias, a «Revista do Ensino» irá, feliz, viver, em uma de
suas paginas, nas Escolas de Minas, para as quaes foi ella creada e pelas quaes pro-
cura aperfeiçoar-se, cada vez mais.*